

O F U T U R O D A S
P R O F I S S Õ E S

relatório

SESI LAB

¡TOMARA!
EDUCAÇÃO & CULTURA

2023



expediente

Realização

SESI Lab

Execução

Tomara! Educação e Cultura

Concepção e coordenação geral

Clara Azevedo | Ana Luiza Borges

Gerente de projeto

Erick Roza

Coordenação de projeto

Julio Talhari

Pesquisa

Julio Talhari | Miguel dos Santos Filho

Assistência de projeto

Ariane Moreno da Silva Reias

Apoio tecnológico (Software MaxQDA)

Luiz Antônio Guerra

Design

Júlia Yoshino

Revisão

Ana Ximenes Gomes de Oliveira

Brasil, setembro de 2023



sumário

introdução	4	5 interação	32
1 considerações metodológicas	6	5.1 Dificuldades para a interação e usos imprevistos	34
2 perfil dos participantes da pesquisa	9	5.2 Interação entre educadores, orientadores e públicos	42
2.1 Perfil dos participantes das rodas de conversa	10	6 compreensão geral e algumas sugestões dos participantes da pesquisa	51
2.2 Perfil dos públicos da exposição temporária	12	6.1 Reações ao conteúdo	54
3 espaço expositivo: breve descrição	16	6.2 Personalização da experiência: quando a compreensão e a interação se integram	61
4 espaços e tempos	22	6.3 Sugestões	64
4.1 Fluxos (entrada, entre galerias/café/loja)	23	7 considerações finais	67
4.2 Circulação e tempos	26	7.1 Principais achados e recomendações	71
4.3 Outros usos do espaço	28	referências	75
4.4 Contrastes com outras galerias	28		
4.4.1 Leitura e tempo	29		
4.4.2 Programação externa	30		
4.4.3 Sinalização e divulgação	31		

introdução





Qual a percepção do público em relação à exposição *O futuro das profissões*? Quais são os recursos expositivos mais procurados ou mais efetivos e como acontece a interação com eles? Como se dá a circulação dos públicos visitantes pela exposição temporária? Qual a percepção e a avaliação dos educadores e orientadores que atuam na mostra sobre a relação do público com a exposição? Que outros temas esses públicos se interessam e gostariam de ver apresentados no espaço?

Essas foram algumas das perguntas que guiaram a pesquisa sobre a primeira exposição temporária do Sesi Lab, *O futuro das profissões*, realizada pela Tomara! Educação e Cultura. A investigação buscou obter um conhecimento mais aprofundado e qualitativo da percepção dos visitantes sobre a mostra e, para tanto, escolheu, como forma de escuta e contato com os públicos, a observação participante e a organização de três rodas de conversa.

A pesquisa ocorreu entre junho e agosto de 2023, sendo a coleta de dados primários entre 6 e 16 de julho, e resultou no presente relatório, composto por seis capítulos, além desta Introdução e das Considerações finais.

O capítulo 1 discorre brevemente sobre os métodos e instrumentos utilizados para a pesquisa de campo. Os capítulos 2 e 3 são uma espécie de preâmbulo e apresentam tanto o per-

fil dos públicos pesquisados (capítulo 2), com achados interessantes sobre o perfil geral dos públicos da exposição temporária (e do próprio Sesi Lab), como uma descrição sintética do espaço expositivo onde foi instalada a exposição temporária (capítulo 3).

A partir do capítulo 4, tem-se início uma análise mais aprofundada dos dados coletados. Esse capítulo utiliza as dimensões de espaço e tempo para refletir sobre a circulação e os fluxos na exposição temporária, bem como os possíveis contrastes com as demais galerias do Sesi Lab. Já o capítulo 5 trata da interação dos visitantes com os aparatos da mostra, bem como a interação com os educadores e orientadores de público, apontando especificidades, dificuldades e usos imprevistos. O capítulo 6 aborda a compreensão dos visitantes a respeito do conteúdo exibido na exposição temporária, com descrições das diferentes reações do público diante das propostas expositivas. Nesse capítulo, ressalta-se o potencial da personalização da experiência, que implica na identificação dos visitantes com o conteúdo e em sua agência na construção de cenários a partir da exposição.

Esperamos que, além de uma leitura agradável, os dados apresentados a seguir possam gerar *insights* para o planejamento de novas exposições temporárias e para readequações

ou incrementos em uma possível circulação da mostra *O futuro das profissões* para outros espaços e instituições do país.

Equipe **Tomara! Educação e Cultura** ■



1



No intuito de mapear as distintas percepções dos públicos acerca da exposição *O futuro das profissões*, no SESI Lab, foi realizada uma pesquisa de abordagem qualitativa, mesclando observação participante e rodas de conversa. Durante dez dias, entre 6 e 16 de julho de 2023, o trabalho de campo aconteceu de modo intenso e lançou mão das duas estratégias concomitantemente.

A observação participante, método consagrado pelas pesquisas etnográficas, ocorreu com base em contatos estabelecidos com os diversos atores sociais que circulavam dentro da exposição no período mencionado. O objetivo foi observar as interações do público durante a visita e apreender a multiplicidade de discursos e concepções atribuídas à mostra. O foco principal foram dinâmicas, fluxos e práticas de fruição circunscritas à exposição temporária, e não ao SESI Lab como um todo.

A metodologia de pesquisa utilizada, baseada no método canônico da antropologia, tem como características a observação sistemática e a permanência intensiva em campo por parte dos pesquisadores. Ela permite um contato com as pessoas pesquisadas – seus hábitos, valores, práticas, regras, universo simbólico – de forma a buscar conhecer e compreender seus modos de ser, estar e se relacionar, entre si e com os ambientes. Essa abordagem pos-

sibilita ainda colocar em contato e comparar as teorias do pesquisador e dos interlocutores, podendo assim produzir novos modelos de entendimento ou, ao menos, novas pistas sobre os contextos estudados.

Ainda que o modelo mais usual desse método pressuponha a presença, em longos períodos, de imersão no campo investigado, por pesquisadores individuais, na contemporaneidade, tem se desenvolvido modelos mais ágeis de trabalho. São pesquisas que acontecem em períodos mais curtos, mas suficientes para capturar pistas sobre a diversidade de atores, discursos e práticas sociais estabelecidas em dado cenário. O trabalho de campo, realizado de modo intensivo em período de tempo reduzido por dois pesquisadores, um de São Paulo e outro habitante do Distrito Federal, buscou garantir à observação diferentes pertencimentos e repertórios. Os pesquisadores em campo realizaram observações, registros e entraram em contato com os mais diversos atores sociais do contexto em estudo.

A observação participante foi orientada por um roteiro específico, compartilhado pelos pesquisadores, que visava apreender características, recorrências e nuances sobre os modos pelos quais os públicos interagiam e se apropriavam da exposição. A metodologia colocou os pesquisadores frente aos trajetos, modos de

interação, olhares, comentários, burburinhos e às mais diversas situações do cotidiano. Com ela, foi possível acessar uma série de comportamentos, opiniões, hábitos, valores etc., não acessíveis em entrevistas ou questionários formais. Ela se constituiu numa ferramenta essencial na medida em que integrou a análise junto dos dados obtidos a partir das rodas de conversa.

Vale destacar que, em geral, muitos dos visitantes estão indo pela primeira vez ao museu¹ e, portanto, a sua familiaridade com o espaço é marcada por essa condição de iniciante ou recém-chegado, o que traz especificidades ao trabalho de campo e influencia as possibilidades e tipos de diálogo com os potenciais interlocutores. Por outro lado, a interlocução com os profissionais do museu, como os orientadores de público, por exemplo, pôde se dar de

¹ Conforme publicação de dados consolidados sobre visitantes de museus (OMMC&T, 2017, p. 30), a taxa de primovisitantes, que sempre foi alta nessas instituições, tem crescido nos últimos anos, mantendo a tendência na qual eles perfazem a maioria dos visitantes (55% em 2005, 61% em 2009 e 66% em 2013). Com base nesses dados e em outros estudos (Mironer, 2002; Mortara, 2003), é possível afirmar que “a visita a museus se caracteriza como uma prática relacionada à exploração de novos espaços e à busca por novidades” (OMMC&T, 2017, p. 30).

outra maneira, tanto por estarem todos os dias no espaço, e, portanto, terem uma convivência maior com os pesquisadores, como por estarem mais familiarizados com a exposição (mesmo os recém-contratados). Isso imprime diferenças importantes à observação participante num museu como o SESI Lab que merecem ser marcadas, pois se trata de um cenário diferente de unidades do Sesc, por exemplo, para ficar em uma comparação com um equipamento cultural onde os pesquisadores se deparam e interagem com muitos frequentadores assíduos (Magnani & Spaggiari, 2018; Magnani *et al.*, 2023), que, em geral, se sentem mais apropriados para falar do contexto investigado e, consequentemente, mais dispostos a compartilhar suas visões e impressões. Contudo, essas especificidades, que constituem a experiência em espaços museais, não impedem que o trabalho de campo aconteça e seja capaz de produzir interpretações consistentes e bons achados.

Paralelamente à observação participante, as rodas de conversa foram conduzidas com roteiros semiestruturados e tiveram como objetivo promover uma escuta aprofundada e orientada sobre temas de interesse da pesquisa, permitindo compreender visões e percepções, bem como fomentar reflexões.

As rodas de conversa são um tipo de diálogo, em grupos pequenos, que tem como ob-

jetivo gerar informações sobre um tema a partir de um roteiro com pontos que vão do geral ao específico. Esse formato estimula a geração e troca de ideias, permitindo que aflorem percepções, opiniões e atitudes dos participantes relacionadas ao assunto central, trazendo multiplicidade de pontos de vista. As discussões são conduzidas por um moderador, responsável por manter o debate organizado, e pelo menos um observador/relator para registro das principais discussões e ocorrências.

Dessa forma, foram organizadas três rodas de conversa. A primeira ocorreu em 8 de julho no CEM Paulo Freire, com a participação de alunos, em sua maioria do Ensino Médio, e da professora que os acompanhou na visita à mostra. A segunda roda ocorreu em 11 de julho com educadores do SESI Lab no Experimento Lab, que puderam trocar experiências de trabalho e relatar a relação dos visitantes com a exposição. E a terceira roda de conversa, em 12 de julho, foi formada pelas estudantes do curso técnico de vestuário do Instituto Federal de Brasília – Campus Taguatinga, acompanhadas de uma professora.

A pesquisa por meio de observação participante resultou em relatos de campo diários, ao passo que as rodas de conversa foram gravadas e transcritas. Posteriormente, esses dados foram tabulados com apoio do softwa-

re Maxqda. Ao cruzar esses dados e cotejá-los com relatórios anteriores sobre o SESI Lab, bem como com os dados de interação dos aparatos, foi possível compor parte da realidade complexa e multifacetada na qual o objeto da pesquisa estava inserido.

Vale salientar que os nomes dos participantes da pesquisa, seja daqueles que estavam

nas rodas de conversa, seja dos interlocutores da observação participante, para garantia de seu anonimato, não serão mencionados neste relatório. Em alguns casos, optou-se por fazer uma identificação por meio de letras, sendo elas escolhidas aleatoriamente, com a preocupação para que não correspondessem às iniciais dos nomes desses interlocutores.

Quadro-síntese da coleta de dados

	Observação participante	Roda de conversa – CEM Paulo Freire	Roda de conversa - Educadores SESI Lab	Roda de conversa – IFB Taguatinga	Total
Período	6-16 de julho	8 de julho	11 de julho	12 de julho	----
Qtde. de participantes	Indeterminado*	14	10	13	37**
Total de horas	63	2	2	2	69

* Entende-se como participantes todos os que circularam pela exposição temporária durante o trabalho de campo, inclusive orientadores de público, mas, em decorrência do fluxo constante de visitantes e também da não pretensão de constituir uma amostra quantitativa ou estatisticamente representativa, não é possível dimensionar esse número.

** Não inclui dados da observação participante. ■



perfil dos
participantes da
pesquisa



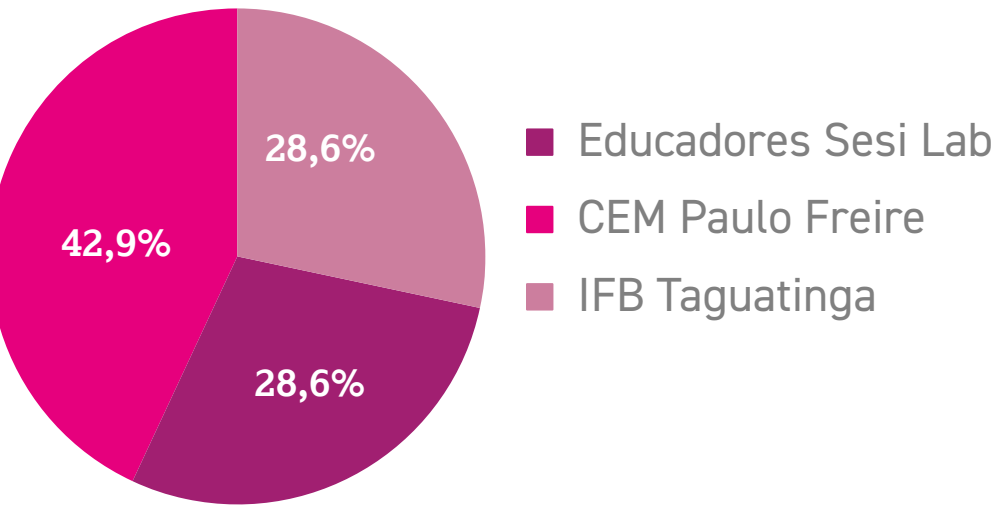
2.1 Perfil dos participantes das rodas de conversa

Como exposto no capítulo anterior, a pesquisa sobre a exposição temporária *O futuro das profissões* contou com observação participante na galeria que a abriga, mas também se baseou no diálogo roterizado com visitantes que prestigiaram a exposição e com um grupo de educadores experientes em mediar visitas de diferentes públicos. Desse modo, vale tanto destacar quanto diferenciar os perfis de nossos interlocutores para produzir uma apresentação o mais fiel possível de suas contribuições associadas às características de cada grupo: público de visitas espontâneas, estudantes, professores e membros do setor educativo do Sesi Lab.

Por meio das rodas de conversa, foram ouvidas 35 pessoas², divididas em três grupos: uma com estudantes e uma professora responsável no Centro de Ensino Médio Paulo Freire (doravante CEM Paulo Freire); uma com estudantes do curso de produção têxtil e uma professora responsável no Instituto Federal de Brasília Campus Taguatinga (doravante IFB) e uma com os educadores do Sesi Lab. Como indicado no gráfico a seguir, a divisão dos interlocutores por instituição consistiu em 42,9% dos participantes pertencendo ao CEM Paulo Freire, e os demais distribuídos igualmente em 28,6% entre o IFB e os educadores do Sesi Lab.

Gráfico 1. Divisão dos interlocutores por instituição

Roda de conversa com...
35 respostas



Da composição das rodas de conversa, contou-se, em números absolutos, com a participação de 2 professoras, 23 estudantes e 10 educadores. Os estudantes pertenciam a várias faixas etárias, indo de 15 até mais de 30 anos, enquanto o intervalo etário dos educadores do Sesi Lab variava apenas de 25 a 39 anos.

² No IFB Taguatinga duas alunas não responderam o questionário: uma porque saiu antes de terminar a roda; e a outra porque, após a realização da roda, foi revelado que ela não havia visitado a exposição. Por isso, apesar de ter sido contabilizada 37 presenças, houve 35 respostas.

Gráfico 2. Composição das rodas de conversa

Você é...
35 respostas

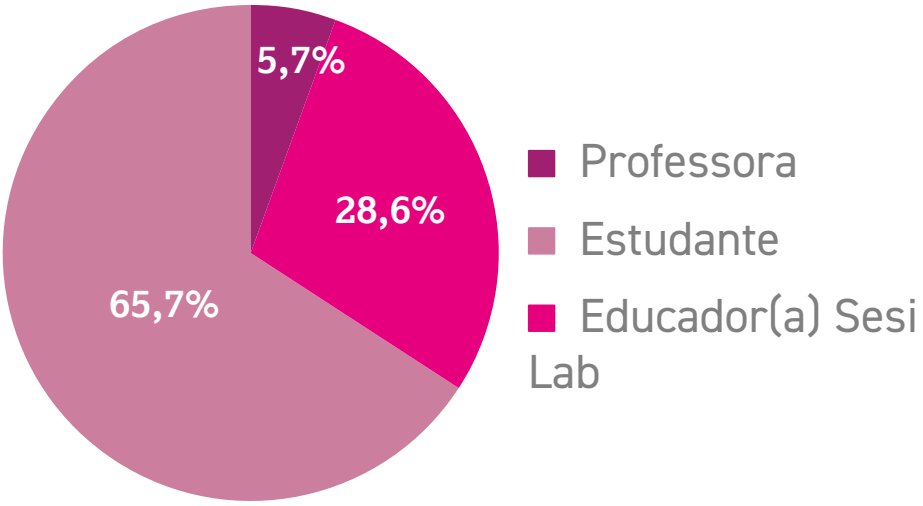


Gráfico 3. Faixa etária dos estudantes participantes das rodas de conversa

Qual a sua faixa etária?
23 respostas

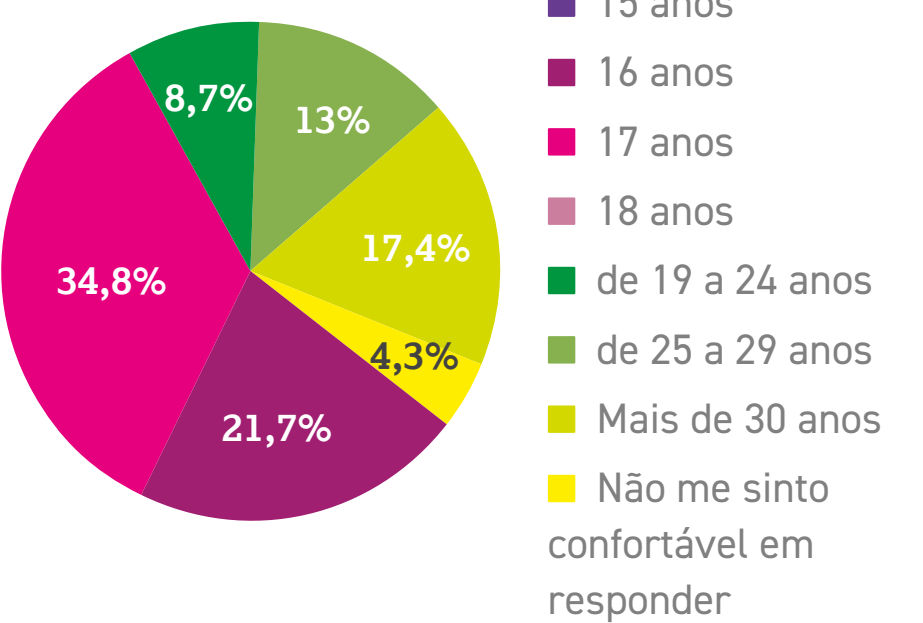
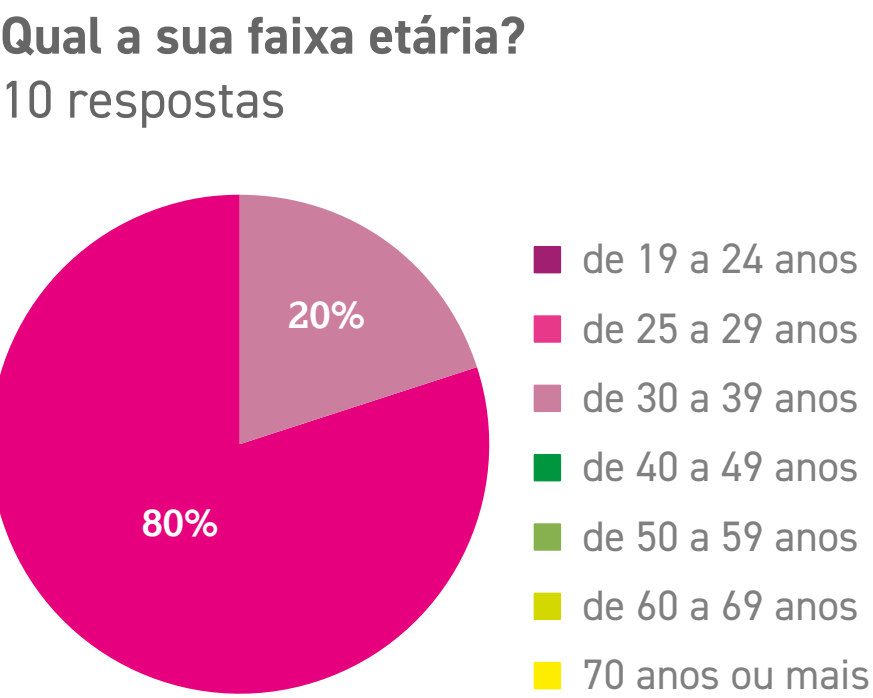


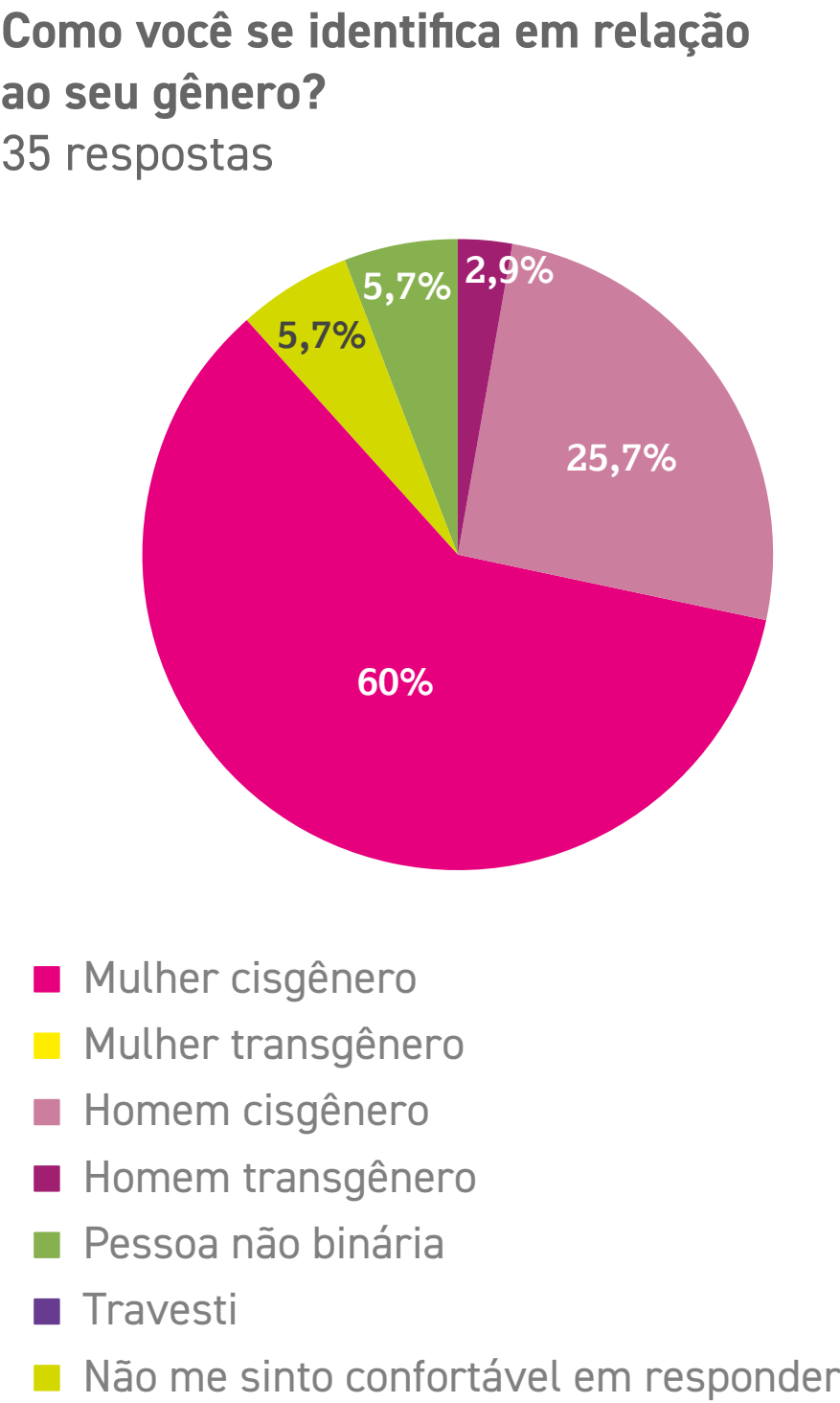
Gráfico 4. Faixa etária dos educadores do SESI Lab que participaram da roda de conversa



Dentre os participantes ouvidos nas três rodas de conversa, houve significativa preponderância de mulheres, totalizando 60% do total, o que pode ser explicado por alguns fatores. Por razões de viabilidade, uma das rodas de conversa foi organizada com estudantes do curso de produção têxtil do IFB Taguatinga. Assim como o curso, que conta com um público majoritariamente feminino, a roda teve participação de uma turma inteira de mulheres, de diferentes idades. De toda forma, vale destacar que a porcentagem total de mulheres presentes nas rodas foi muito próxima à proporção de mulheres que visitam o SESI Lab, que perfaz

64,9% (Scalfi *et al.*, 2023). Também destaca-se a participação de pessoas não binárias e transgênero, que, juntas, somaram 14,3% dos participantes das rodas de conversa.

Gráfico 5. Divisão dos participantes das rodas de conversa por gênero

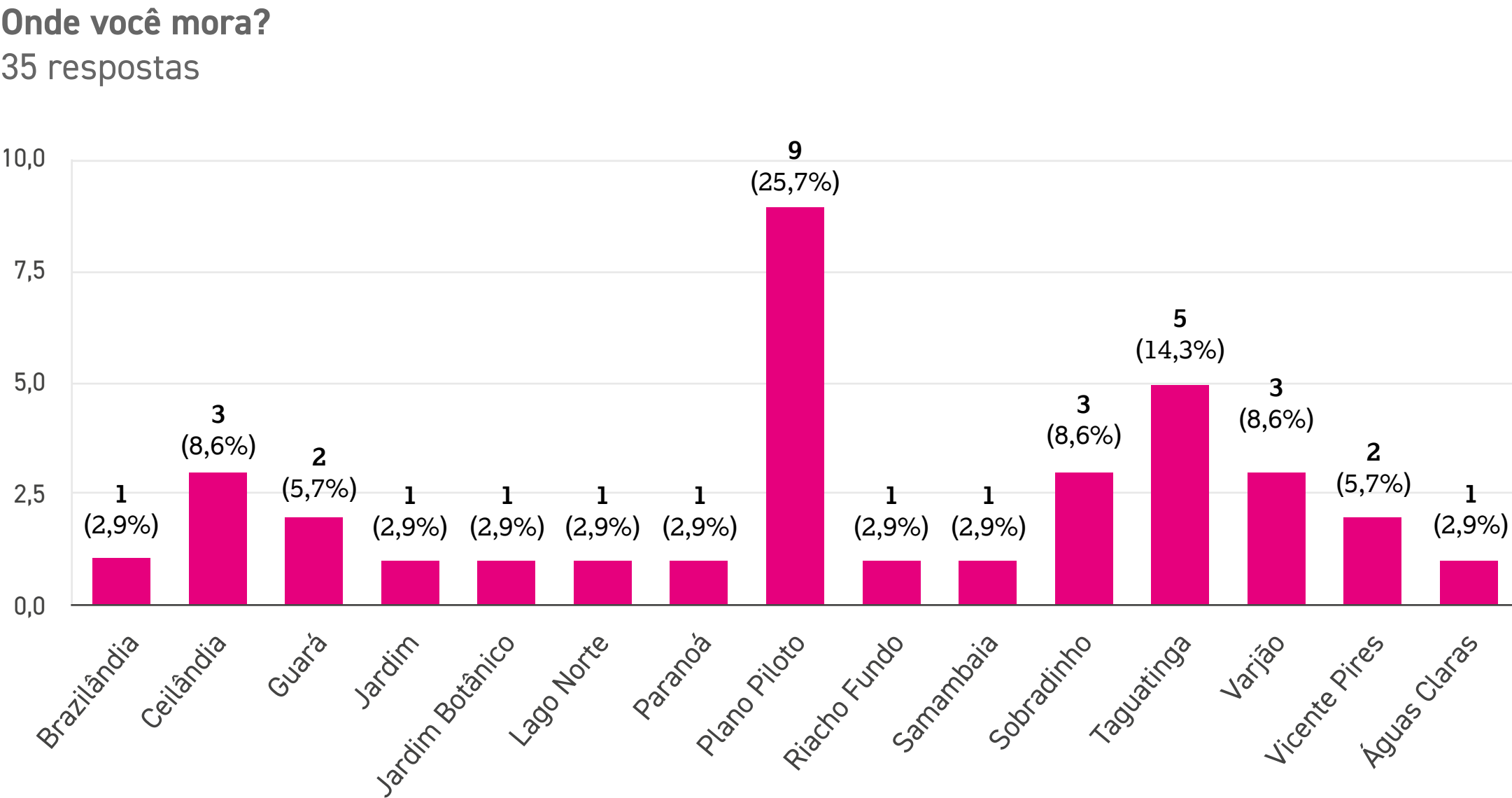


O perfil étnico e racial dos participantes das rodas de conversa também merece realce, inclusive para possíveis conexões sobre o perfil geral dos visitantes da exposição temporária. Dentre os participantes das rodas de conversa, 54,3% se identificaram como brancos e 39,7% como negros (considerando a junção de pretos e pardos). Embora essa amostra congregue os educadores e os visitantes da

exposição, é significativa a continuidade com o perfil majoritariamente branco e das camadas médias que frequentam o espaço (como será visto a seguir).

Os participantes ouvidos nas rodas de conversa moravam em diferentes regiões do Distrito Federal, estando mais concentrados na parte sul e na região central, inclusive, no Plano Piloto (12 em números absolutos).

Gráfico 6. Região de habitação dos participantes das rodas de conversa





Em perguntas abertas presentes no questionário aplicado aos participantes das rodas, foi perguntado os hábitos de visitas a museus e se já conheciam o SESI Lab. No geral, os estudantes de ambas as escolas não costumam frequentar museus e poucos conheciam o SESI Lab. No entanto, merece destaque uma diferença notável entre o CEM Paulo Freire (que está localizado no Plano Piloto) e o IFB (que fica em Taguatinga). Dentre os estudantes do CEM Paulo Freire, dois declararam terem visitado o museu com a família antes do passeio com a escola, ao passo que nenhum estudante do IFB havia visitado o SESI Lab antes. Aliás, vale in-

dicar que a maioria dos estudantes do IFB estava indo a um museu pela primeira vez nessa visita com a escola que passou pela exposição *O futuro das profissões*, segundo a professora. Porém, mesmo os estudantes do CEM Paulo Freire, apesar da proximidade com o SESI Lab (ao menos em relação ao IFB), tiveram dificuldades em chegar ao museu, conforme declarou a professora: “O maior desafio foi chegar de ônibus convencional (de linha com o passe estudantil)”. Deve ser mencionado, ainda, que as duas professoras declararam ter participado de evento (Sistema S) ou formação no SESI Lab antes da visita com os próprios estudantes.

2.2 Perfil dos públicos da exposição temporária

Com base na pesquisa proposta, compreender e, principalmente, analisar o perfil do público espontâneo de visitação da exposição temporária apresenta suas especificidades. Por ser uma abordagem qualitativa, não foram empregados instrumentos de coleta que permitissem traçar quantitativamente o perfil socioeconômico e sociodemográfico dos visitantes da exposição temporária. As análises que se seguem derivam, portanto, do olhar criterioso dos pesquisadores em compreender comportamentos e outros marcadores sociais da diferença relevantes para a produção da pesquisa e das considerações que se seguem.

A percepção de que o público que frequenta o SESI Lab é, ainda, um público majoritariamente branco e de camadas médias e altas era manifestada recorrentemente tanto pelos educadores quanto pelos orientadores de público, que diariamente recebem e interagem com as pessoas que frequentam o espaço. Deve-se destacar, como nota, que uma parte significativa da pesquisa de campo se deu por meio de diálogos contínuos com os orientadores de público. Esses orientadores são aqueles que oferecem suporte aos visitantes em todas as galerias do SESI Lab, de forma alternada e por turnos. Eles

foram interlocutores importantes no âmbito da pesquisa, pois davam insumos e trocavam impressões sobre o contato com os frequentadores do museu. As experiências narradas, inclusive de ter de lidar com certa arrogância ou soberba de alguns dos visitantes, como foram definidas pelos participantes, sinalizaram características do que identificam como comportamentos das camadas médias e altas de Brasília.

A percepção deles, de fato, é confirmada pelos dados. Em pesquisa recente sobre os visitantes do SESI Lab (Scalfi *et al.*, 2023), embora não seja especificamente sobre a exposição temporária, tem-se a conclusão de que o “público do SESI Lab é predominantemente branco” (p. 13) – uma vez que 52,3% dos respondentes se declararam assim –, e de alta escolaridade. Nessa pesquisa, não há um indicador sobre a renda, mas foi verificado entre os públicos “um alto índice de pessoas empregadas no setor público” (p. 19), isto é, 37,5%. Além disso, 26,4% dos visitantes são do Plano Piloto, a maior porcentagem na comparação com outras regiões do DF. Assim, tem-se com frequência um perfil próprio de servidor público residente no Plano Piloto.

A informação sobre a finalidade e características do espaço do SESI Lab e os conteúdos que ele oferece parecem ser ainda uma novidade para muitas pessoas. Alguns dos orientado-

3 perfil dos participantes da pesquisa

res de público relataram que poucas pessoas conhecem o SESI Lab, incluindo seus próprios parentes que residem fora do Plano Piloto. Esse “saber sobre” o espaço parece estar, em algum nível, limitado a um público que tende a ser residente da parte central da cidade e pertencente às camadas médias e altas.

Durante a observação participante, evidenciaram-se alguns elementos constantemente referenciados pelos interlocutores que atuavam como orientadores de público. Dizia um deles que “o público é majoritariamente composto por famílias, pais e filhos”. Tal percepção está mais uma vez em consonância com os dados de público levantados recentemente, que não só afirmam que os visitantes do SESI Lab, em geral, vão acompanhados, como que essa tendência é verificada em outros museus (Scalfi *et al.*, 2023). Eventualmente se via, também, casais sem filhos ou pessoas adultas sozinhas, mas muito dificilmente se via adolescentes sozinhos (e mesmo em família) ou jovens desacompanhados. Foi notado, mediante a observação de marcadores sociais como vestuário, linguagem, comportamentos, fenótipos, entre outros, que o perfil de público espontâneo médio da exposição é de famílias heterossexuais e jovens, majoritariamente brancas e das camadas médias e altas. Esse perfil era antagonizado quando a exposição recebia excursões escolares ou visitas mediadas

de grupos ou empresas, pois daí composições mais diversas ocupavam o espaço.

A maneira como pessoas de públicos espontâneos dissidentes do público médio se comportavam proporcionou insights significativos para pensar as interações com o espaço expositivo diante do contexto socioeconômico mais amplo da região, mas também do país como um todo. No geral, via-se poucos visitantes negros no espaço, mas eram as pessoas negras as mais preocupadas com o comportamento dos filhos para que não danificassem quaisquer aparatos ou para que não incomodassem os demais visitantes. Se, por um lado, ouvíamos de alguns orientadores que os pais “de classe média”, em muitas ocasiões, eram displicentes e prestavam pouca atenção no comportamento dos filhos, que por vezes atrapalhavam a experiência de outros visitantes, por outro, foram presenciadas situações como a resumida a seguir:

**Enquanto observávamos o espaço, notamos uma mãe negra e, aparentemente, de classe popular, acompanhada pela filha. A criança tentava girar os painéis no módulo “Trajetórias plurais” e a mãe lhe deu uma bronca “não mexe em nada, deixa como está!”. Do outro lado, no mesmo aparato, um homem branco instrui sua filha “pode girar, só toma cuidado pra não se machucar”.
Relato de Campo**

Em outras situações, pais de famílias de camadas baixas se mostraram mais preocupados com as condutas dos filhos, para que se “comportassem” melhor e para que não “mexessem” ou não “estragassem” nada. Por outro lado, famílias com perfis de camadas médias e altas, em sua totalidade brancos, não aparentavam ter a mesma preocupação, inclusive incentivando os filhos a interagirem livremente com tudo o que estava disposto no espaço. Muitas dessas famílias, na percepção dos orientadores, contudo, não davam esse incentivo, necessariamente, com uma intencionalidade educativa ou mesmo participando da experiência com os filhos, predominando uma postura mais próxima a da de “largar” os filhos para fazerem o que bem queriam, liberando-se dos cuidados e delegando aos orientadores a mediação com o espaço. Notar a diferença de comportamento das pessoas de acordo com seu perfil pode ajudar a refletir formas de acolhimento e de democratização do espaço, aproximando o museu e suas atrações de uma variedade maior de públicos. Além disso, também parece indicar a necessidade, para todas as famílias, de um letramento sobre como aproveitar melhor as vivências dentro de um museu, de maneira intencional e de modo a permitir que as aprendizagens aconteçam de uma forma mais compartilhada entre crianças e adultos.

A pesquisa coincidiu com o período de recesso no calendário escolar do Distrito Federal, que acontece no mês de julho. Por essa razão, a entrada no SESI Lab foi gratuita, o que, segundo os orientadores de público, ocasionou um aumento no público, mas também permitiu que uma maior diversidade de pessoas, com perfis socioeconômicos diversos, prestigiasse as atrações do museu, inclusive a exposição temporária.

Ademais, desafios de outra ordem também marcam o perfil do público que visita o espaço. Os limites impostos pela mobilidade urbana no Distrito Federal parecem privilegiar as pessoas que podem chegar ao museu com veículo próprio – 71,3%, de acordo com a pesquisa de Scalfi *et al.* (2023) – ou com transporte de demanda por aplicativos, mas também aquelas que residem nas regiões mais próximas. Em pesquisa com agentes de cultura e divulgação científica, já havia sido apontada a sensível relação entre as instituições localizadas no Plano Piloto e os moradores das RAs (Tomara! Educação e Cultura, 2021).

Em alguns relatos coletados nas rodas de conversa era marcante que com o distanciamento geográfico e as possibilidades desafiadoras de acesso àquela região de Brasília se constituía um entrave ao uso daquele e de outros aparatos culturais.

3 perfil dos participantes da pesquisa

E às vezes a gente está em casa e não tá fazendo nada a gente podia ir, às vezes, mas é tão longe. [...], mas quando a gente está lá, é tão bom que a gente vê outras coisas e aprende outras coisas. Então eu acho que todo mundo tem que largar a preguiçinha ou então pensar assim, “ah, meu Deus, são 40 quilômetros para chegar lá, mas quando chegar lá você vai se divertir, vai se distrair, vai ver outras coisas e isso vai estimular a criatividade”, né? Que é o que acontece lá no SESI Lab [...], que é muito bom a gente arriscar e conhecer esses lugares, né?

Estudante, IFB

A preocupação com a distância geográfica entre o espaço do SESI Lab e as outras Regiões Administrativas (RA) do DF aparecia de modo constante, inclusive nas narrativas das professoras que se solidarizaram, de diferentes formas, para viabilizar a participação de seus alunos na visita à exposição. Uma delas considerou que não conseguiria ir acompanhada de todos os alunos que tinham interesse, pois não tinha como garantir o transporte e a segurança daqueles que teriam de se deslocar para regiões mais distantes do Plano Piloto após a visita, programada para se encerrar no fim da tarde. Para outra professora, esse aspecto foi determinante para que a visita acontecesse com um cronograma estritamente estabelecido, como exposto no trecho a seguir:

E às vezes a gente está em casa e não tá fazendo nada a gente podia ir, às vezes, mas é tão longe. [...], mas quando a gente está lá, é tão bom que a gente vê outras coisas e aprende outras coisas. (Estudante, IFB)

O que acontece: aqui é um pouco longe, então existe a parte da logística que é muito complexa, porque o tempo tem que ser dentro do nosso tempo de aula aqui, não é? [...] No retorno a gente tem que voltar um pouco antes das 17h de lá, porque se não a gente pega um trânsito muito intenso e aí a gente não consegue chegar aqui, e muitas [alunas] precisam desse horário, dessa pontualidade, porque muitas moram longe, então pegam às vezes 2, 3 ônibus para ir e voltar e saindo daqui [Taguatinga] às 18h, chegam em casa às 21h da noite, então tem isso, o tempo foi limitado para chegada e retorno.

Professora, IFB

Cabe notar que essa preocupação com a distância e, principalmente, as estratégias para superar os desafios por ela imposta impactaram no tempo que esses visitantes tinham para se dedicar às interações com os aparatos. Para muitos interlocutores, as oportunidades de visitar museus e o próprio setor onde está localizado o SESI Lab só aconteciam por promoção das escolas. Ao serem perguntados com que frequência os estudantes do CEM Paulo Frei-

re iam a museus, alguns responderam que somente “quando tem passeio da escola” (Estudante, CEM Paulo Freire). Outros, estes em menor quantidade, diziam frequentar museus e o próprio SESI Lab espontaneamente ou por estímulo dos familiares: “mais ou menos umas duas vezes por mês... no SESI, eu ia com minha família e no nacional também...”.

A importância das iniciativas escolares/pedagógicas na promoção da interação do público com o SESI Lab se revela, por exemplo, em narrativas de estudantes que têm, naquela experiência, o primeiro contato com exposições interativas. O trecho a seguir demonstra bem essa característica.

Eu fiquei muito entusiasmada até por ser uma das primeiras exposições que eu fui que era interativa, então pra mim foi a melhor exposição que eu já fui na minha vida. Estudante, IFB

Embora os aparatos da exposição temporária sejam pensados para todos os públicos, se sobressai, entre os interlocutores, uma percep-

ção de que o conteúdo de *O futuro das profissões* interessa mais aos adolescentes ou jovens e cativaria mais a atenção do público adulto. Em um dos roteiros de visita mediada, por exemplo, mencionava-se explicitamente que, preferivelmente, se trabalharia a visita com jovens de idades entre 14 e 18 anos. Embora isso não restrinja a experiência de visita, há de se notar esse viés como elemento significativo de como se imagina a exposição temporária e sua temática.

Durante a roda de conversa com os educadores, ficou explícito o reconhecimento, entre eles, de que “o público de Ensino Médio [...] dialoga melhor com a exposição” (Educadora). A exemplo disso, outra educadora, afirmou:

[...] não faz muito sentido para as crianças, por exemplo, visitar a exposição [temporária]. Porque é uma coisa que diz muito sobre a vida adulta, sobre esse processo de mais maturidade, enfim. E é muito mais ligado à questão social do que a uma questão científica, tecnológica, no sentido de escola.

Educadora, SESI Lab

Ancorados numa diferenciação de que as atrações das galerias *Fenômenos do mundo* e *Aprender fazendo* seriam mais interessantes ao público infantil, os educadores reforçaram uma percepção de que o perfil do público para

3 perfil dos participantes da pesquisa

as galerias do piso superior do museu (entre elas, a que abriga a exposição temporária) seria o público do Ensino Médio, Ensino Técnico ou pessoas adultas, de modo geral. Nas palavras de dois educadores ouvidos:

Se for público adulto ou público adolescente, a gente fica mais sempre aqui [na exposição temporária] do que lá de baixo.
Educadora, SESI Lab

Eu acho que foi uma temática muito interessante para os meninos do Ensino Médio, e para escola técnica. Porque eles, principalmente nos smartphones [Nexo]... Assim, eu acreditei que eles não iriam se engajar tanto, porque a minha ideia era separar grupos para eles pesquisarem algo que lhes interessassem, os aplicativos. E eu achei que eles iam se dispersar, que não iriam ficar tão interessados. E foi uma surpresa para mim, porque eles, quando falam de mulheres no mercado de trabalho, ou da faixa etária e mercado de trabalho, até começam a debater e discutir sem a minha mediação.
Educador, SESI Lab

Eu sinto também que as professoras do Ensino Médio procuram bem mais essa galeria. Já recebi alguns professores falando, “como é que eu faço pra visitar só essa galeria?...”. Não tem como, mas você pode vir e ficar só nessa galeria...
Educadora, SESI Lab

Teve uma vez que até uma empresa que eu não vou lembrar qual empresa que foi, que marcou dois agendamentos para essa visita para os funcionários, acho que onze funcionários. Pra eles virem e falarem sobre profissões, sobre o que acontece, o que pode acontecer, o porquê das profissões... então não [são] só apenas escolas, né. Um exemplo disso foi essa empresa que mandou os funcionários virem...
Educador, SESI Lab

Então, depende muito do público, quando a gente vem com criança aqui, realmente eu acho difícil fazerem eles interagirem porque eu sinto que, as crianças, elas querem um a coisa lúdica, assim. E nem é muito sobre ser imediato ou não, talvez sim... concordo um pouco, mas elas querem coisas que tragam ludicidade. O que eu já reparei muito estando aqui na galeria de cima, às vezes eu tô com um grupo de pessoas mais velhas e chegam crianças e eu vejo elas correndo pela galeria falando “ah, aqui não tem nada pra fazer”... e vão embora. Elas realmente não entendem o que tem ali. Então, o que é que eu vejo as crianças fazendo? Elas chegam na televisão, apertam tudo, veem um pouquinho e vão embora. Elas não veem o vídeo até o final.
Educadora, SESI Lab

Somada a essa divisão recorrente nas narrativas e percepções dos educadores, também foram ouvidas reações do público espontâneo

Então, depende muito do público, quando a gente vem com criança aqui, realmente eu acho difícil fazerem eles interagirem porque eu sinto que, as crianças, elas querem uma coisa lúdica. (Educadora, SESI Lab)

que demarcavam os espaços, diferenciando-os entre as galerias de baixo como sendo para as crianças e as de “cima para os adultos”, como afirmou uma mulher visitante circulando pela exposição temporária. Segundo uma das educadoras ouvidas na roda de conversa, esse é um desafio em particular:

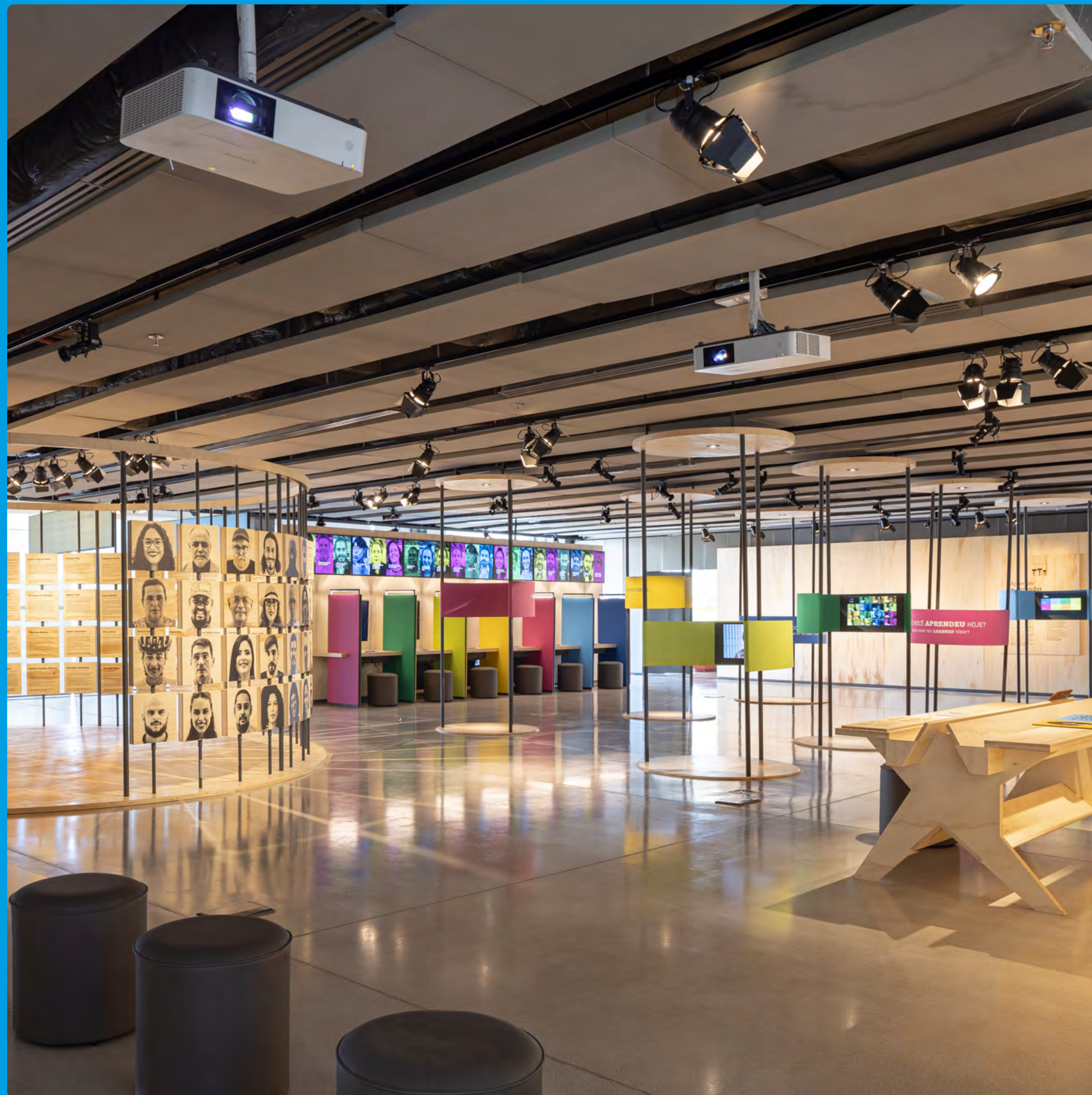
Só pra completar, eu acho que é um problema geral do SESI Lab, que o público adulto ainda não sabe que a gente é pro público adulto. [...] É... Então é isso, a gente ainda tem esse problema de eles entenderem de uma forma geral que o SESI Lab é pra todas idades.
Educadora, SESI Lab

Para além das eventuais disputas e percepções acerca do público da exposição temporária e do museu como um todo, foi notado que as interações com alguns dos aparatos eram mais efetivas quando havia alguma identificação pessoal com o conteúdo apresentado. No *Vídeo do Seu Chico*, por exemplo, chamava,

em geral, a atenção de idosos ou adultos mais velhos, interessados em ouvir a narrativa sobre as mudanças na indústria cinematográfica. Numa situação registrada, um senhor de idade, ao assistir ao vídeo em questão, se dirigiu a uma senhora que o acompanhava e disse: “Isso aqui é muito interessante, né? Faz a cabeça da gente ficar girando, pensando...”. Sua acompanhante concordou, assentindo com a cabeça, mas sem tirar o olhar da projeção.

Por fim, parece relevante destacar que um perfil pessoal mais próximo ou mais interessado nas ciências humanas e sociais e nas reflexões com pensamento crítico aparenta se beneficiar mais da exposição temporária. As pessoas pareciam desfrutar melhor da experiência, e com mais qualidade, quando se identificavam mais com o apelo das linguagens propostas. ■

espaço expositivo: breve descrição





Inaugurado em 2022, o Sesi Lab se estabeleceu, no coração de Brasília, como um museu de Ciência, Tecnologia, Inovação e Arte, contando com uma proposta interativa que o caracteriza desde sua área externa, mas que preenche suas instalações internas, formando uma experiência dinâmica e excepcional para os públicos que o frequentam. Localizado no Eixo Monumental – ao lado da Biblioteca Nacional, do Museu da República e da Rodoviária do Plano Piloto – e com acesso também pelo eixo rodoviário, o Sesi Lab vem ganhando notoriedade no roteiro cultural da cidade, não apenas por suas qualidades arquitetônicas, projetadas por Oscar Niemeyer nos anos 1960, mas pelos novos usos que têm tido lugar no edifício modernista.

Em sua configuração atual, o Sesi Lab conta com duas modalidades expositivas: um espaço destinado à exposição temporária e os demais espaços ocupados com a exposição permanente/de longa duração. Esta se divide em três galerias nos dois níveis internos do museu, denominadas *Fenômenos do mundo*, *Aprender fazendo* e *Imaginando futuros*. A exposição temporária *O futuro das profissões*, inaugurada com a abertura do museu e encerrada em julho de 2023, apresentava e estimulava uma série de reflexões sobre as transformações no mundo por meio do trabalho, bem como sobre as



transformações do/no mundo do trabalho em acelerada modificação nas últimas décadas.

Tão instigante quanto as galerias que compõem a exposição de longa duração, a exposição *O futuro das profissões* oferecia experiências interativas com teor informativo, crítico e reflexivo. *O futuro das profissões* consistiu numa experiência de estranhamento da realidade, convidando o público a exercitar a alteridade, refletindo sobre o seu lugar no mundo, sobre o lugar do outro no mundo e sobre as

transformações que podem (e tendem a) atingir a todos na esteira da história.

Contudo, cabe uma ressalva. Para desenhar os instrumentos de coleta e a configuração do trabalho de campo, a equipe de pesquisa teve acesso ao material digitalizado sobre a exposição temporária, que consistia numa apresentação (em formato PowerPoint) – utilizada nas rodas de conversa nas escolas para ativar a memória dos participantes – e um folder (em formato PDF). No entanto, esse mate-

rial, talvez por ser um dos documentos da concepção original, portanto, anterior à montagem propriamente dita, possuía divergências em relação ao que foi instalado no espaço expositivo. Se na apresentação a divisão da mostra se dá explicitamente por “módulos”, no folder tal terminologia não é empregada. Aliás, no espaço expositivo não havia qualquer menção à divisão por módulos, a não ser no interior de alguns textos (como em “Aprender a aprender”).

Porém, isso não é um problema, uma vez que o momento de concepção de uma exposição em geral exige a construção de divisões e fios narrativos e temáticos que não necessariamente precisam ser explicitados fidedignamente ou do mesmo modo ao visitante. No entanto, traz alguns desafios para o exercício de compreensão das intenções originais da mostra versus a experiência da mostra em si. A maior complexidade, contudo, tem relação com os nomes dos

aparatos/seções, que às vezes eram divergentes, tanto entre os materiais acessados quanto ao que foi encontrado no espaço expositivo³. Assim, para fazer referência aos aparatos, utiliza-se aqui uma nomenclatura que combina algumas denominações coletadas em campo (categorias êmicas ou “nativas”) e nomes dados pelos pesquisadores (categorias éticas), já que mesmo os educadores por vezes descreviam os aparatos em vez de nomeá-los (e não demonstravam entender ou conhecer a divisão por módulos).

A gente teve uma formação [...] com a Expomus. [Eles] que deram algumas perspectivas da exposição e a gente conseguiu começar a trabalhar mais. Porque, antes disso, a gente tinha os aparatos, as estações, as seções ali, mas a gente não tinha muito qual que foi a ideia museológica por trás dessas seções.
Educador, SESI Lab

A gente foi descobrir eles no embalo de visitas observando e nem observando. A gente, pelo menos eu, fazia mediações em alguns aparatos a partir do que eu lia do que estava lá, entende? Mesmo assim eu não dava porque às vezes pra mim não fazia muito sentido.
(Educadora, SESI Lab)

Eu acho que vale ressaltar isso porque, por exemplo, a gente não sabe como foi feita a construção, qual era a base de alguns aparatos, porque eles funcionam. A gente foi descobrir eles no embalo de visitas observando e nem observando. A gente, pelo menos eu, fazia mediações em alguns aparatos a partir do que eu lia do que estava lá, entende? Mesmo assim eu não dava porque às vezes pra mim não fazia muito sentido. Acho que vale ressaltar isso, até querendo ou não, tira um pouco do sentido original da própria obra e do próprio artista.
Educadora, SESI Lab

PESQUISADOR: [...] quem faz as visitas mediadas nessa exposição, tem alguns aparatos que vocês já nem passam porque vocês acham que não vão funcionar ou você sempre tenta passar por todos?
EDUCADORA: Ah, eu já vou por mim, porque tem uns que eu não faço porque não gosto.
EDUCADORA: Qual?
EDUCADORA: A parede. Desculpa, gente. Eu não tenho paciência.
PESQUISADOR: Qual que é a parede?
EDUCADORA: Essa das placas.
PESQUISADOR: A das placas... ah, tá.
EDUCADORA: Aqui quando eu venho pra essa galeria eu passo ali no tempo presente, aqueles círculos, o Quiz que eu gosto de ver a reação das pessoas e o tudo que a pessoa toca (grifos nossos).
Educadores, SESI Lab

Portanto, para não gerar confusões e realizar uma padronização quanto aos nomes neste relatório, segue a nomenclatura adotada:

Nome adotado no relatório	Nomes indicados nos materiais
Painéis de Retratos	Trajetórias Plurais/ Percursos do Presente
Vídeo do Seu Chico	Futuros do Pretérito
Anúncios/ Classificados	Sem especificação (Futuros do Pretérito?)
Jogo das Placas	O Tempo das Coisas/ Futuros do Presente
Smartphones/Nexo	Sem especificação
Tudo o que Tocamos	Sem especificação
Totens/Vídeos	Aprender a Aprender
Quiz das Profissões	Profissões do Futuro
Mundo Senai	Mundo Senai

³ A maior divergência constatada, mas não a única, foi quanto ao aparato “O tempo das coisas”, que na apresentação em PowerPoint aparece como parte do “Módulo 3 – Futuros do presente”. Na exposição, contudo, os pesquisadores verificaram que um painel chamado “O futuro do presente” estava instalado no espaço referente ao “Quiz das Profissões”.

Vale dizer que muitos trechos de relato de campo fazem menção aos módulos porque foi de forma remota e pelos materiais de divulgação que os pesquisadores tomaram contato com a exposição. Com o decorrer da pesquisa, entretanto, notou-se que essa divisão não fazia sentido nem para educadores, nem para orientadores de público e muito menos para os visitantes (pelo menos no período da pesquisa o folder da exposição não estava disponível). Mas os pesquisadores ainda se orientavam por essa compartimentação na hora de fazer os registros. Somente com certo distanciamento, já na análise de dados, foi possível entender que seria inadequado reproduzir no relatório uma classificação que não ocorreu na prática.

A seguir, serão apresentados os aparatos que compunham o espaço da exposição temporária, acompanhados de comentários a fim de elucidar algumas de suas potencialidades e dos desafios que surgem de sua utilização (discutidos de modo mais detido nos capítulos seguintes). É preciso ressaltar que a exposição, na prática, não tinha uma ordem para os percursos, de modo que a ordem da apresentação dos aparatos não tem o objetivo de reproduzir um percurso recorrente (embora fosse possível).

Painéis de Retratos

Esse aparato consiste num conjunto circular de painéis giratórios com fotografias de um lado e, do outro, um breve texto de apresentação da trajetória da pessoa fotografada. Servindo como um exercício de reflexão com base na experiência do outro, a instalação convida a pensar sobre pluralidades de modos de existir, de se constituir como sujeito, de produzir trajetórias e de se reinventar profissionalmente.



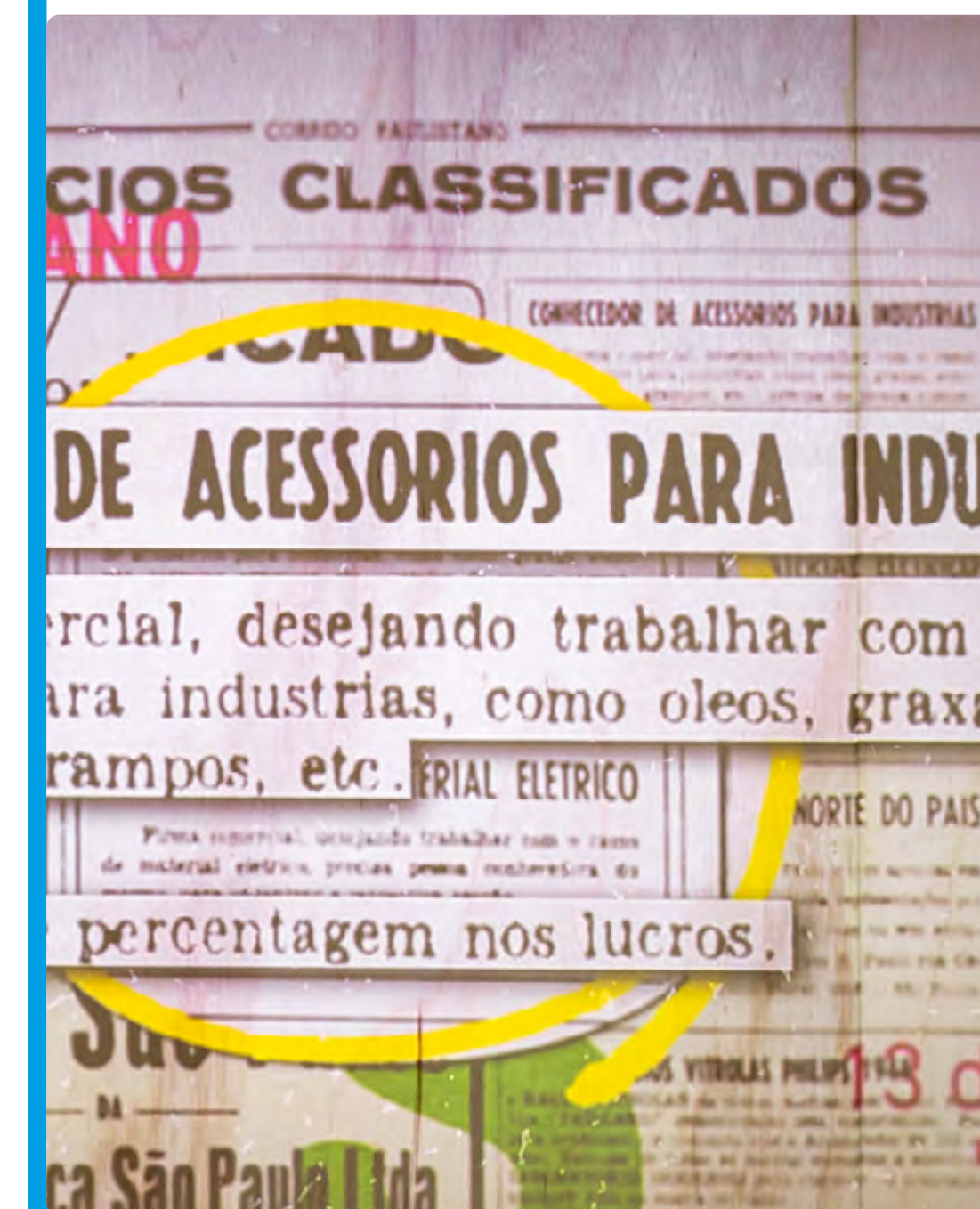
Vídeo do Seu Chico

Trata-se de um curta-metragem com som que conta a história de um projecionista brasileiro que luta, na cidade de São Paulo, para manter uma tradição tecnológica: a projeção de filmes em película no antigo cinema de seu pai, num momento histórico em que a projeção digital tomou conta da quase totalidade das salas de cinema pelo Brasil e pelo mundo.



Anúncios/Classificados

Esse aparato é uma projeção sem som que apresenta, aos públicos, trechos de anúncios de jornais do início ao fim do século XX, os quais tratam, principalmente, de ofertas de empregos. Ele convida à reflexão sobre as transformações na busca, na oferta, mas também na execução de ofícios e profissões ao longo do tempo.



Jogo das Placas

É um painel interativo na forma de um jogo investigativo em que os visitantes devem associar um produto (sua imagem ou o seu nome) grafado nas placas disponíveis na mesa às características nele contido. Mais do que um jogo de encaixe que forma uma grande parede cheia de cores, a dinâmica do jogo busca uma associação entre as cadeias produtivas de determinados bens e seus múltiplos usos cotidianos.



Smartphones/Nexo

São três telas gigantes de smartphones instaladas numa parede com conteúdos produzidos pelo Nexo Jornal na forma de matérias jornalísticas. Com temas diversos (recortes de gênero sobre mercado de trabalho, trabalho doméstico, pandemia, acesso à educação etc.), trazem, além de texto, infográficos, tabelas e mapas.



Tudo o que Tocamos

Apresentada como uma obra artística de autoria de Paula Zuccotti, esse aparato interativo é composto por um conjunto de seis fotografias que formam um inventário de coisas tocadas diariamente por profissionais de diferentes áreas, gêneros e contextos nacionais. Sua proposta, imaginativa e adivinhatória, convida os visitantes a tentar descobrir os marcadores sociais dos usuários daqueles objetos, mas principalmente qual seria a sua profissão.



Totens/Vídeos

Trata-se de um conjunto de tótems com monitores que disponibilizam aos visitantes vídeos de profissionais e influenciadores de diferentes áreas. Em suas narrativas, abordam habilidades socioafetivas ou socioemocionais indispensáveis ao exercício laboral nos mais distintos segmentos. Habilidades e competências como empreendedorismo, liderança, empatia, entre outras, se tornam o foco de um diálogo individualizado e personalizado estabelecido entre os expositores e os visitantes. É interessante destacar que os totens, espalhados em uma parte ampla e central da exposição, são de diferentes alturas, permitindo aos visitantes a escolha pela experiência mais confortável e ergonômica.



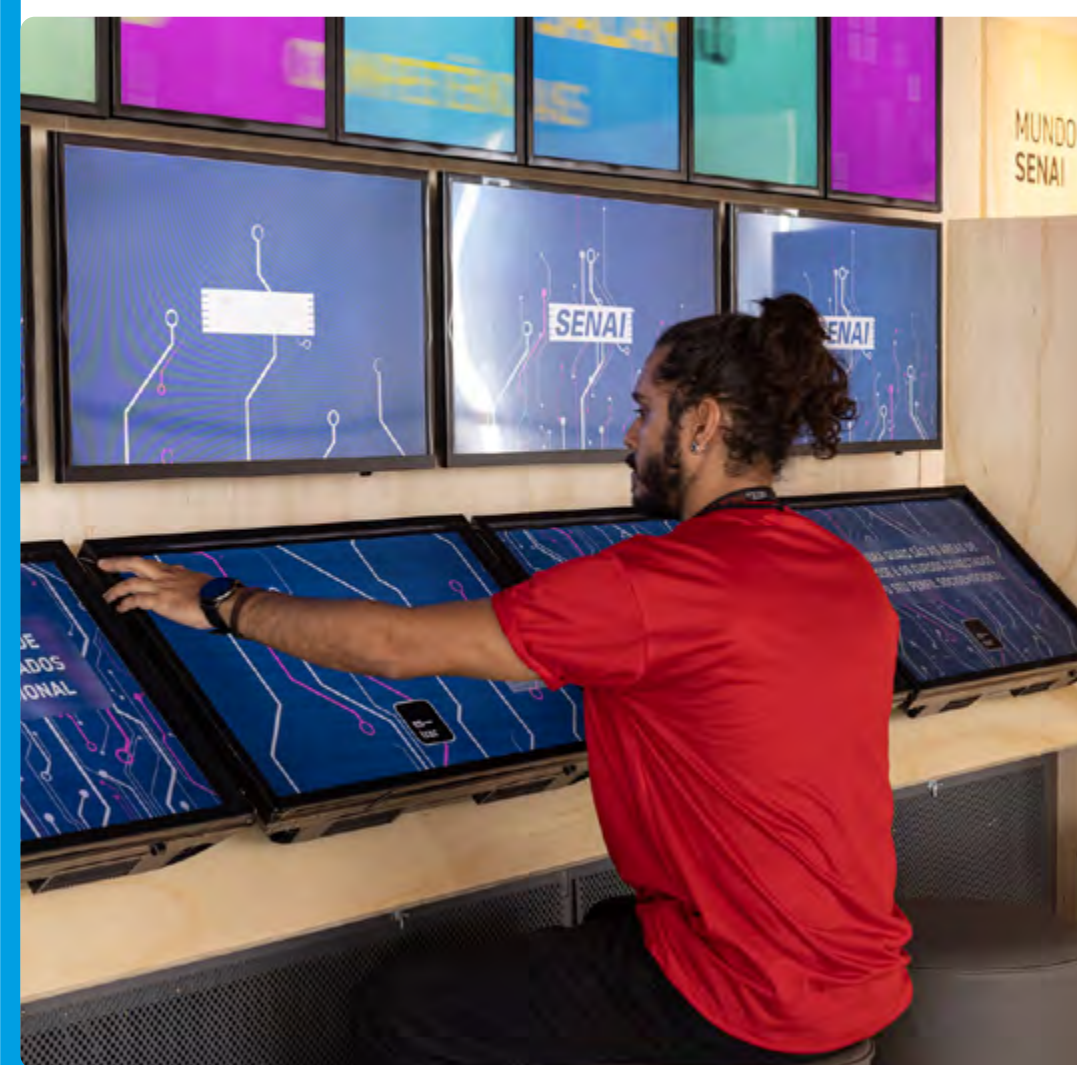
Quiz das Profissões

Nesse aparato, os visitantes têm a oportunidade de responder a um questionário de 20 questões sobre algumas de suas preferências, habilidades e características emocionais e sociais. Como resultado, recebem duas possibilidades de profissões que se enquadram ao seu perfil pessoal. As profissões, contudo, ainda não existem no tempo presente. Enquanto provocação para imaginar futuros e exercícios laborais que ainda não existem, o aparato garante que os visitantes se percebam naquela profissão ao poderem tirar uma foto para ilustrar o resultado obtido num longo painel horizontal, localizado acima das cabines e visível para todos.



Mundo Senai

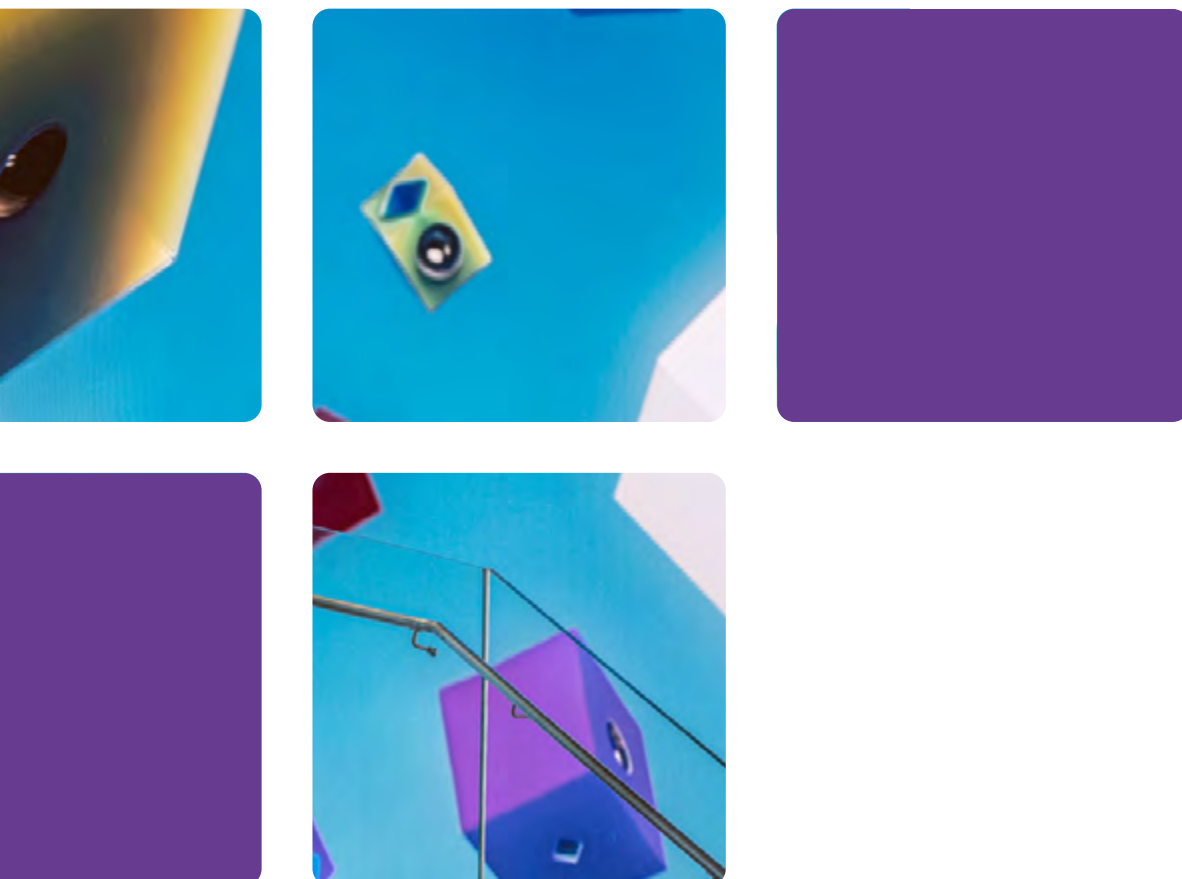
Também composto por um questionário, este com 10 perguntas, esse aparato auxilia a traçar um perfil profissional do visitante. Ao responder todas as questões, o visitante recebe uma análise sobre as áreas do conhecimento que mais se adequam ao seu perfil: ciências humanas e sociais, ciências da natureza ou códigos e linguagens. Junto deste resultado, o perfil traçado indica possíveis cursos disponíveis no Senai que os visitantes poderiam aproveitar.



A circulação pelo espaço expositivo e a interação com os aparatos (temas que receberão mais atenção nos capítulos seguintes) têm como princípio a acessibilidade, contando com audiodescrição, braile e inclusive rampas de acessibilidade. Tão plural quanto as trajetórias e reflexões abarcadas nos aparatos disponíveis, é potencialmente o público que pode ser atendido por eles. ■



espaços e tempos



Este capítulo apresenta um panorama geral dos fluxos de circulação dos públicos pelo espaço expositivo. Para realizar essa tarefa, são descritos os principais percursos dentre as duas possibilidades de acesso ao museu. Além disso, o capítulo aborda outros usos do espaço, não necessariamente previstos, e explora-se, ainda, os contrastes entre a galeria temporária e as demais galerias do museu.

4.1 Fluxos (entrada, entre galerias/café/loja)

O visitante que deseja conhecer as exposições temporárias tem duas opções para o início da visita. A entrada principal, localizada no piso térreo, com entrada pelo Eixo Monumental, dispõe de uma bilheteria e das portas de entrada e de saída, ambas com catraca eletrônica. É nessa parte, na bilheteria, que os visitantes podem adquirir o ingresso, embora também possam fazê-lo pelo aplicativo ou pelo site da companhia responsável pela comercialização dos bilhetes. Também é nessa entrada que os visitantes têm acesso à recepção e a serviços como as chaves de guarda-volumes. Além disso, é pela entrada principal, localizada diante do estacionamento do prédio, que os grupos escolares e os visitantes que vão em grandes grupos iniciam os percursos, o que, tanto por

isso quanto pela oferta de estacionamento, faz com que seja a principal e mais movimentada forma de acesso ao museu.

Outra possibilidade de acesso é pela entrada superior, com acesso pelo Eixo Rodoviário, na qual os visitantes entram após passar pelo café do SESI Lab e na qual se localizam profissionais do serviço de bilheteria que dispõem de uma quantidade limitada de tickets, sendo orientado aos visitantes a adquirirem os bilhetes de entrada pelo site ou aplicativo da empresa. Embora a entrada principal do museu seja no piso inferior, é a parte superior que aparece como ponto de desembarque de visitantes que vão ao museu utilizando serviços de aplicativos de transporte e que, se quiserem, podem acessar o museu pelo café. Vale notar que a sinalização geral do museu, nessa parte, é bastante discreta, gerando dúvidas sobre o que é o equipamento, como entrar e qual direção seguir.

Com as duas possibilidades de acesso ao museu, algumas combinações de fluxos de visita se apresentam para o público espontâneo. Ressalta-se que essas possibilidades aparecem dessa forma para o público de visita espontânea, pois para os públicos de visita mediada, independentemente de terem acessado o museu pela entrada principal ou pelo café, a visita se iniciará de acordo com o roteiro elaborado pelo setor educativo. Um dos inter-

locutores, membro desse setor, informou que, nos roteiros que ele executava, a visita era iniciada pela exposição temporária.

Pensando nos fluxos possíveis para o público de visita espontânea, tem-se como primeira possibilidade seguir a ordem das galerias de baixo e depois subir para visitar as galerias do piso superior, caso tenha acessado o museu pela entrada principal. A outra possibilidade, para quem entra pelo café (parte superior), é iniciar a visita pela exposição temporária e, conseqüentemente, apreciá-la iniciando pela parte mais próxima dessa entrada.

Com base nas observações, iniciar a visita pela exposição temporária *O futuro das profissões* pareceu ter um impacto positivo no aproveitamento da experiência de visita. Para os públicos, principalmente adultos, que visitavam a exposição temporária após ter passado por todas as galerias anteriores, o cansaço aparecia como um desafio à interação com os aparatos ali ofertados. Isso era bastante diferente para as pessoas que começavam por ali a visita, especialmente para quem tinha entrado pelo café e que, portanto, contava com mais energia e disposição para interagir com aquela galeria.

Com a entrada pelo café, o percurso pela exposição acabava não ocorrendo da maneira planejada pela concepção da exposição. Embo-

ra a divisão por módulos ou seções, presente no material de divulgação, não tenha se realizado na prática, estava evidente que a exposição havia sido pensada para ser acessada por quem vinha das galerias da parte de baixo, uma vez que não havia qualquer sinalização de que aquele espaço correspondia à exposição temporária para quem acessava pelo café. Os textos de apresentação da mostra estavam localizados na entrada voltada para a escada que traz os visitantes das outras galerias. Desse modo, o fato de ser uma exposição temporária e os modos mais proveitosos de percorrê-la e aproveitá-la não pareciam tão óbvios e intuitivos para as pessoas que iniciavam a visita pelo café, já que os visitantes se deparavam, primeiramente, com os aparatos que, na concepção da exposição (em sua divisão por módulos), seriam os finais, isto é, os questionários interativos (sobre perfil profissional e as profissões do futuro).

Ainda que não houvesse a expectativa de uma linearidade narrativa em termos de temporalidade, vale apontar que uma visita, sem mediação, que se inicia por um caminho não previsto pode gerar compreensões distintas do que foi imaginado inicialmente. Assim, durante a pesquisa surgiam dúvidas: será que o início da visita por outros aparatos não proporciona recepções diferentes daquelas esperadas pela concepção original? Quais os possíveis impac-



tos para o fio condutor planejado? Quanto essa dupla entrada foi prevista na espacialização da mostra e como essa condição poderia favorecer, ou desfavorecer, o interesse e engajamento dos visitantes nas reflexões propostas? Isso torna ainda mais sintomática a ausência de sinalização e indicações sobre a exposição desde a entrada superior.

Conforme foi notado, para alguns visitantes, o início da visita pelo café não impedia que fossem até o início da galeria da exposição

temporária, lessem o material descritivo e, então, iniciassem a visita pelo que seria o início da galeria. Em outras situações, entretanto, os visitantes que vinham por aquela entrada iniciavam sua experiência pelo *Quiz das Profissões* ou pelas fotografias da obra *Tudo o que Tocamos*. Esses múltiplos fluxos que poderiam induzir o início da experiência com a exposição temporária são, também, o ponto de partida para analisarmos os fluxos dos visitantes dentro da exposição, isto é, por entre os aparatos

que a constituíam, bem como entre as galerias do museu como um todo.

Os percursos que os visitantes faziam ao circular pela exposição temporária não eram, como dito anteriormente, tão óbvios ou previsíveis. A possibilidade de entrada pelo café ampliava as opções de trajetos, fazendo com que para alguns visitantes a visita se iniciasse pelos fundos da galeria em questão. Mas a própria não linearidade da exposição permitia que as pessoas fossem diretamente a alguns aparatos (como os *Smartphones/Nexo* ou o *Quiz das Profissões*), ignorando outros que estavam dispostos no espaço. Era frequente observar os visitantes irem direto aos aparatos mencionados, fazendo com que os *Painéis de Retratos*, o *Vídeo do Seu Chico* e mesmo o *Jogo das Placas* fossem preteridos em função de recursos (telas) digitais.

Também era frequente observar visitantes que, ao entrar pelo café, passavam direto pela exposição temporária sem interagir com qualquer aparato ali disponível. Isso faz questionar se tomavam o corredor apenas como uma passagem ou se já estavam cientes de que haveria outras galerias no piso inferior, mais próximas à entrada principal do museu. Em algumas ocasiões, foi possível notar que, apesar de terem entrado por cima, os visitantes tinham por objetivo as oficinas realizadas nas galerias do andar de baixo. Outra possibilidade de os vi-

Tem as perguntas que estão ali, que elas são perguntas muito boas, mas elas estão em um ponto que é invisível para exposição. A pessoa passa reto sem reparar nas perguntas que tem ali. (Educador, SESI Lab)

sitantes circularem pela exposição temporária sem interagir com o espaço de acordo com as propostas dos aparatos era participando das gincanas de Caça ao Conhecimento.

A Caça ao Conhecimento, como observada em alguns dos dias de pesquisa de campo, é uma dinâmica que consiste numa busca de informações (palavras) distribuídas pelas galerias do museu. Num episódio observado pelos pesquisadores, que será retomado adiante, duas meninas passavam agitadas em busca de respostas para preencher suas pranchetas. Após algum tempo e após encontrarem a informação que desejavam, fizeram as anotações necessárias, encaminhando-se apressadamente para a parte de baixo do museu.

As diversas atividades que compõem a programação do SESI Lab (oficinas, shows, apresentações artísticas e as gincanas) influenciavam nos fluxos de passagem e permanência dos visitantes pela exposição temporária. Em alguns momentos, a exposição ficava esvaziada à medida que os avisos sonoros eram emitidos

para convidar os públicos ao engajamento com as atividades paralelas. Além disso, havia outras variáveis que impactavam nos fluxos de circulação e apreciação dos aparatos pelos visitantes.

A maneira como os aparatos estavam dispostos e a maneira como os textos de provocação/descrição ficavam mais ou menos visíveis podia potencializar ou desafiar a circulação e a experiência dos públicos de visita espontânea. Um exemplo disso são os *Totens/Vídeos*, que contam com monitores nos quais se reproduzem depoimentos de profissionais de diferentes áreas de atuação. Por estarem localizados no centro da galeria, os monitores, envoltos em semicírculos, chamavam a atenção num primeiro momento, mas a tendência era não provocar uma dedicação ou observação mais demorada dos visitantes, que logo se dispersavam para as atrações ao redor. Nas palavras de uma educadora:

Eu ia falar isso, os que têm entrevista. Eles chamam a atenção. As pessoas vão lá, elas

veem que é uma entrevista, elas ficam tipo... “Não vou ficar aqui escutando em pé...”
Educadora, SESI Lab

Na montagem desse aparato foram inseridas questões bastante provocativas, tais como “o que você aprendeu hoje?” ou “estudar para quê?”, entre outras. Para alguns interlocutores, essas frases poderiam mobilizar reflexões interessantes, mas sua disposição na estrutura do aparato (circular) e no espaço limitava seu potencial. A esse respeito, destaca-se a fala de um educador:

Tem as perguntas que estão ali, que elas são perguntas muito boas, mas elas estão em um ponto que é invisível para exposição. A pessoa passa reto sem reparar nas perguntas que tem ali. Porque, assim, ela é um texto curto, mas que provoca um pensamento. Então, se elas estão um pouco mais estrategicamente colocadas, e você tem um pouco mais de atenção para elas, ela conseguiria, pro público espontâneo... eu acredito assim, posso estar errado, mas ela conseguiria fisgar eles para pararem e olharem aquilo.
Educador, SESI Lab

O fato de não terem bancos para que fosse possível assistir aos vídeos com mais conforto e tempo, sendo sugestivos, inclusive, de uma experiência mais imersiva, talvez também impactasse a fruição efetiva dos conteúdos ali apresentados.

Algo similar acontecia com o aparato *Mundo Senai*, que, devido à sua posição solitária num corredor que leva à loja/café/saída, acabava sendo pouco integrado aos demais aparatos. Sobre ele, especificamente, uma educadora afirmou que:

Está muito desconectado de toda a discussão que aparece no resto [da exposição temporária]. A gente entende que estamos aqui né, SESI, SENAI, mas ele ali é um corredor de passagem. Porque é uma passagem, é um corredor, ele é uma parede, um corredor de forma para a pessoa ir pra lojinha, pro café e pra sala de casa
Educadora, SESI Lab

Outros aspectos da mesma natureza, indicados pelos educadores, ajudam a pensar que as visitas mediadas poderiam se beneficiar de uma disposição que permitisse uma circulação mais fluida. Os *Anúncios/Classificados*, localizados ao lado do *Vídeo do Seu Chico*, ficavam um pouco escondidos, num ponto de difícil acesso, a depender da concentração de pessoas posicionadas no aparato ao lado.

Assim, tem um que eu pulo, não pelo aparato em si, mas pela disposição no espaço. Que é ali o seu Chico e do lado tem aquele jornal... Classificados. E os dois estão muito perto.

4 espaços e tempos

Então, se eu tô querendo fazer uma mediação com um classificado, está lá o seu Chico falando [...]. E daí, assim, faz sentido os dois serem projeções e estarem, mas se a pessoa está tentando prestar atenção nos classificados, o som aqui é muito presente. Então, de repente o classificado some. Ele fica apagado. E daí eu faço, na verdade, a mediação dos classificados no meio da galeria, assim, de falar nossa, não sei o que lá, e pegando tudo o que tem ali. Mas, assim, é um aparato que acaba sendo pulado por essa disposição.

Educador, SESI Lab

A circulação e o trabalho de mediação também eram desafiados quando os públicos se dispersavam, mobilizados pela disputa entre aparelhos analógicos e os recursos digitais. Era curioso notar que a circulação na exposição temporária girava, sobretudo, ao redor dos aparatos digitais. Sua busca, justamente por ser maior, concentrava os públicos. Isso não acontecia apenas nas visitas dos públicos espontâneos. Uma educadora narrou uma experiência, por exemplo, de que por vezes perdia a atenção dos visitantes quando inseria, em seu roteiro de visita, os *Painéis de Retratos*, pois os públicos se distraíam com o *Quiz das Profissões*, dispersando-se do propósito da mediação.

É mais ou menos, o da placa das profissões, de indicar a profissão das pessoas, eu acho

que as pessoas ficam meio deslocadas ali, porque fica bem na passagenzinha e logo tem o Quiz, e aí o Quiz chama a atenção e as vezes eu queria falar um pouco mais sobre esse, aprofundar um pouco mais sobre esse, mas aí o Quiz chama atenção e eu já vou passando de pouquinho e pouquinho para chegar até o Quiz [...]. Eu gostaria que ele tivesse um posicionamento melhor porque eu acho que seria melhor a mediação dele

Educadora, SESI Lab

Já a utilização de outros aparatos pode interferir na experiência de alguns visitantes, seja pelo tempo que demandam, seja por interferências de outra ordem (como o barulho vindo da galera ao lado, *Imaginando futuros*). No que diz respeito ao tempo que alguns visitantes levavam respondendo ao *Quiz das Profissões* ou utilizando os *Smartphones/Nexo*, alguns interlocutores se sentiam prejudicados, pois tinham de esperar muito tempo, recurso escasso nos casos de visitas mediadas. Os trechos a seguir indicam bem o dilema entre fluxos, tempo e disputas pelos aparatos:

Assim, eu particularmente não consegui explorar muitas coisas com tanta atenção porque estava muito conturbado, com muita criança, então acabou que, assim, a dinâmica foi um pouco complicada, mas foi muito legal ver que... a expansão de ideias

E eu acho que é pelo fluxo também dentro do próprio SESI, porque não dá para ficar muito tempo no mesmo espaço porque está chegando gente o tempo todo. (Estudante, IFB)

do que foi, do que é e do que pode ser, essa questão da profissão.

Estudante, IFB

É porque estava cheio também, na hora que a gente saía... tinha gente na fila, aí a gente foi no de trás [Mundo Senai]. E as crianças tudo doidas.

Estudante, IFB

E eu acho que é pelo fluxo também dentro do próprio SESI, porque não dá para ficar muito tempo no mesmo espaço porque está chegando gente o tempo todo. Enquanto a gente estava lá não sei nem quantas escolas chegaram e passaram por lá. Tudo bem que com as crianças é muito mais rápida, é só para eles olharem porque eles não conseguem acompanhar muito bem, mas tem isso, talvez... não sei... tem a questão das pessoas lá dentro e do tempo que foi corrido.

Estudante, IFB

Durante a pesquisa de campo, os pesquisadores acompanharam diversas situações que corroboram as experiências relatadas. Numa delas, que será retomada no próximo capítulo, um

pai com o filho de cerca de 10 anos se aproximou do *Quiz das Profissões* buscando uma cabine vazia. Diante da dificuldade, circularam pelo restante da exposição temporária, interagindo com os demais aparatos a fim de retornarem para interagir com o disputado aparato. Isso explicita que a alta procura pelo *Quiz das Profissões* pode ditar a dinâmica da visita de algumas pessoas na exposição. Algumas delas, evitando aglomeração, buscavam interagir com outros equipamentos, enquanto outras desistiam e saíam da exposição sem interagir com o Quiz, por exemplo.

4.2 Circulação e tempos

Os fluxos de visitação entre as galerias se intensificavam no período vespertino, de modo geral, e diminuía, geralmente, no horário de almoço (entre 11h30 e 14h). Nos fins de semana os fluxos aumentavam significativamente, fazendo com que, mesmo no horário de almoço, a visitação se tornasse mais intensa. Era no período da tarde, diariamente, que se tinha maior disputa por aparatos e que se via cenas

como o painel do *Jogo das Placas* quase ou completamente preenchido. Em alguns dias, mesmo com os esforços dos orientadores de público em dispor algumas placas na mesa, os visitantes conseguiam preencher todos os espaços vazios na parede. Os dados de interação nos aparatos digitais⁴ confirmam que, no período de campo, o horário de maior utilização foi entre 15h e 16h, salvo uma exceção ou outra.

Os tempos de permanência na exposição temporária pareciam ser menores em comparação a outras galerias, sobretudo as do piso térreo. Alguns interlocutores, como orientadores de público e educadores, associavam isso ao fato de a exposição *O futuro das profissões* ter como público-alvo jovens e adolescentes, que não constituem o público médio do museu (majoritariamente composto por crianças e adultos, estes últimos, mais no papel de responsáveis pelas crianças do que de visitantes). Para alguns educadores, a exposição temporária teria sido menos visitada porque os visitantes passavam muito mais tempo no piso térreo e já estavam com menos energia ao se dirigir para o piso superior; para outros, os fluxos e a permanência por ali seriam menores porque os próprios educadores não inseriam em seus roteiros de visita os aparatos da exposição temporária.

A inserção dos aparatos nos roteiros de visitação elaborados pelos educadores pare-

ceu contribuir significativamente para a utilização do espaço pelo público de estudantes do Ensino Médio. As visitas mediadas agendadas movimentavam não apenas a circulação pela exposição temporária, mas potencializam as reflexões com base nos aparatos. Em alguns momentos das rodas de conversa, ficou explícito que esse movimento de inclusão da exposição nos roteiros atraía um público a mais para a utilização daquele espaço:

Mas eu senti que, pelos dois meses já, que a *Futuro das Profissões* e a *Imaginando o Futuro* está tendo uma demanda maior de solicitação, de agendamento. Então, acho que vale muito o que a T. falou, que no início não tinha uma visita educativa na *Futuro das profissões*. E já tinha [n]as outras lá de baixo.
Educador, SESI Lab

Na verdade, acho que tem crescido mesmo essa procura, mas esses dois últimos meses foram os dois meses que foram oferecidos esses percursos. Porque a gente tem um agendamento que é pro mês posterior. São agendadas as visitas do

Eu gosto muito do “o tempo das coisas”. Eu gosto muito de ler. Então eu fico lá feliz da vida. Só que gasta muito tempo. (Educadora, SESI Lab)

próximo mês. E quando a gente criou esses percursos dessas galerias daqui de cima, ainda demorou um tempo para começar, para chegarem esses agendamentos.
Educador, SESI Lab

Os tempos de visitação, os tempos que as pessoas despendem com os aparatos e os tempos de mediação tendem a não coincidir, apresentando um desafio particular. Se por um lado, as visitas mediadas geravam uma circulação maior na exposição temporária, o tempo limitado para percorrer certo número de aparatos fazia com que a visita fosse apressada e com que alguns visitantes se queixassem de não ter tempo para apreciar os aparatos como gostariam. Da perspectiva de uma educadora, essa seria uma questão incontornável. Vejamos:

Eu acho que é uma coisa de usar ou preferir aparatos... passa também pelo tempo que ainda tem. Porque muitas vezes nós vamos, como já dissemos, com uma visita técnica. Então eu costumo fazer como o E. falou. Eu apresento a galeria de modo geral, falo o que é cada aparato e dou um tempo para eles experimentarem. Eu gosto muito do “o

tempo das coisas”. Eu gosto muito de ler. Então eu fico lá feliz da vida. Só que gasta muito tempo. Então muitas vezes não dá para a gente... Porque muitas vezes se você estimular que ela [visitante] vá no “o tempo das coisas”, ela só vai no “tempo das coisas”. Ela não vai no restante. Aí ela vai sair muito frustrada porque ela não viu toda essa outra parte interativa. E o *Quiz das Profissões* eu costumo indicar mais para o público de Ensino Médio.

Educadora, SESI Lab

Para ressaltar a situação do ponto de vista dos usuários, alguns interlocutores indicaram que o aparato *Jogo das Placas* era realmente desafiador por demandar um tempo que, dentro dos limites de uma visita mediada, não seria exequível:

Esses das plaquinhas ele é difícil, porque você fica procurando, aí não acha, e é muita informação, e aí quer ver muita coisa ao mesmo tempo, e demora muito, e tem muita coisa ainda pra ver e tal, eu entendi qual era a pegada, mas acaba que não dá pra interagir tanto, porque é muita plaquinha pra você procurar... é interessante. Se você tiver tempo é legal, mas tem tanta coisa pra você ver no museu...

Professora, CEM Paulo Freire

⁴ Disponível em <https://futuro-das-profissoes.exposicao.app/overview>. Acesso em 26 ago de 2023.

Eu pulo o Quiz do Senai. Ele é realmente a área de espera do Quiz das Profissões. (Educadoras, SESI Lab)

Nos dias de observação, estimou-se que o tempo médio de visita à exposição temporária, com uma interação mínima em cada aparato, era de aproximadamente 30 minutos. Essa galeria, em comparação às outras, é relativamente menor e conta com menos aparatos, mas, pelo caráter mais contemplativo, com mais conteúdo textual (que demanda interpretação e sugere reflexões), talvez esse tempo médio pudesse ser maior, dada a densidade de alguns aparatos. Isso provoca reflexões sobre o tempo demandado para fazer uma visita realmente proveitosa pelo espaço, não apenas de circulação pelo ambiente. Uma visitante, certa vez, passou comentando que “poderia ter menos coisas pra ver”, pois a visita acabava “demorando muito tempo”.

4.3 Outros usos do espaço

Na circulação dos visitantes pela exposição temporária, alguns usos dos espaços e dos

aparatos pelos públicos chamavam a atenção. Esses usos imprevistos diziam muito sobre as expectativas da expografia, mas mais ainda sobre como os aparatos eram percebidos e recebidos de forma imediata pelos públicos. Muitos destes usos imprevistos se relacionavam à ausência de leitura dos textos explicativos sobre as obras, mas outros diziam respeito a fatores como cansaço, desinteresse ou aspectos subjetivos dos visitantes. No capítulo seguinte será abordado de modo mais aprofundado o uso imprevisto dos aparatos. Aqui, por ora, o foco será a utilização do espaço de modo mais geral.

Era frequente ver pessoas, principalmente adultas, utilizando os assentos de aparatos como o *Vídeo do Seu Chico* e os *Anúncios/Classificados* para descansar durante as visitas, de costas para o vídeo, enquanto as crianças que eles acompanhavam seguiam interagindo entre si e/ou com os aparatos da galeria. Em outros momentos, além de proporcionar um espaço/momento de descanso, os assentos eram utilizados para que mulheres lactantes pudessem amamentar seus bebês:

Durante o período da tarde, mas em momentos diferentes, duas mulheres usaram os bancos colocados para assistir ao filme com o propósito de amamentação, o que fizeram de costas para a tela. A percepção delas talvez fosse como a nossa, isto é, a de

que aquele espaço era pouco frequentado, de modo que se mostrava mais adequado para amamentar seus filhos, tanto em comparação a outras galerias do Sesi Lab quanto aos demais módulos da temporária.

Relato de Campo

Os próprios orientadores, com frequência, usavam os bancos dispostos no espaço para descansar. Alguns deles costumavam deixar a garrafa de água numa saliência na parede ali perto, próximo à parte dos *Anúncios/Classificados*, que quase sempre estava vazia. Inclusive, sua proximidade com o *Vídeo do Seu Chico* muito provavelmente contribuía para a sua subutilização:

EDUCADORA: Tem um... Do lado do vídeo do seu Chico tem um que é, tipo, classificado. Ninguém... Nunca vi. Eu nunca vi ninguém olhar ele.

EDUCADORA: Não é favorável, porque a pessoa senta pra ver ali e ela...

EDUCADOR: Acho que ela não vê, na verdade. Educadores, Sesi Lab

No mesmo sentido, algumas educadoras afirmavam que os assentos disponíveis no aparato Mundo Senai acabavam figurando como um tipo de área de descanso ou de espera para pessoas que tinham a expectativa de utilizar o *Quiz das Profissões*:

EDUCADORA: Eu pulo o Quiz do Senai. Ele é realmente a área de espera do Quiz das Profissões. Por quê? Ele está te indicando cursos. Mas você não sabe quem são aquelas pessoas pra quem você está indicando. E se essa profissão desse curso ainda vai ter. Ele não faz essa reflexão, ele não faz essa conexão. Ele indica áreas gerais e não explica o que são essas áreas, se essas áreas ainda vão existir. Ele ficou desconectado com o resto da exposição. Ele é a área de espera.

EDUCADORA: É, também acho.

Educadoras, Sesi Lab

Além de área de descanso para os adultos, as crianças usavam o espaço expositivo nas suas brincadeiras, correndo por entre os aparatos e às vezes até mesmo rolando no chão.

4.4 Contrastes com outras galerias

Algo que chamou a atenção na exposição temporária, tanto em sua concepção e montagem quanto na utilização pelos visitantes, foram os contrastes em relação às demais galerias do museu. Esse aspecto foi notado, de maneira mais óbvia, pela divisão do espaço, que por si só engendra um contraste entre as galerias separadas em dois pisos (superior e inferior). Mas além dessa separação espacial, observou-se certa divisão por áreas do conhecimento. Enquanto as

4 espaços e tempos

galerias do piso térreo (*Fenômenos do mundo* e *Aprender fazendo*) apresentam conteúdos mais próximos às Ciências da Natureza e à Matemática, as galerias do piso superior parecem se aproximar mais de assuntos das Ciências Humanas e das Linguagens, entre elas a Artística.

Essas dualidades se reproduziam no fato de a exposição temporária ser mais silenciosa e menos iluminada, ficando com cortinas abaixadas o tempo todo (provavelmente por causa dos aparatos de projeção e com telas). As demais galerias, por sua vez, são mais iluminadas, apresentam mais aparatos e mais recursos que produzem ruídos. Os fluxos de movimentação na exposição temporária eram menos intensos que nas demais galerias. Ao circular por outros espaços do museu, era notável como a ocupação da exposição *O Futuro das profissões* se dava de outro modo: menor correria, mais silêncio, menor frequência de gritos ou de expressões de surpresa e encantamento.

Os orientadores de público eram bastante expressivos ao compartilhar suas impressões sobre esses contrastes. Alguns ressaltavam que, no geral, o lugar onde os visitantes passavam a maior parte do tempo era a galeria *Aprender fazendo*. Na experiência dos orientadores, contudo, a exposição temporária, por ser um espaço mais calmo e silencioso, era um espaço no qual “o tempo não passa”.

A exposição temporária apresentava a mesma qualidade e complexidade em termos de experiências interativas que as outras galerias, mas nela ficava mais nítido e explícito certo teor informativo e crítico, aproximando-se mais, nesse quesito, da galeria *Imaginando Futuros*, que exige maior nível de abstração e estranhamento dos usuários em alguns aparatos/obras. É preciso destacar, contudo, que a exposição temporária tinha como contraste relevante a quantidade de textos para interação com os aparatos. Alguns deles dependiam dos textos escritos, embora agregassem outras linguagens (fotografias, recursos audiovisuais etc.). Talvez isso tenha impacto numa eventual diminuição do interesse do público que chega à exposição temporária após passar por uma série de experiências de “fazer”, por meio de ações como tocar, apertar, empurrar, bater, girar etc.

Esses contrastes, principalmente entre os recursos e linguagens que compõem os aparatos, foi apontado pelos educadores. Como disse um educador, “umas são muito interativas; e a outra [a atual exposição temporária], [com muito] texto.

Essa diferença na maneira como foram compostos e pensados os aparatos da exposição temporária em comparação aos das demais galerias do museu interfere diretamente na experiência de tempo de interação, e também de

assimilação das informações dispostas na galeria. A comparação é inevitável, o que prejudicava a exposição temporária:

EDUCADORA: Eu acho que, na verdade, ela não é uma galeria pouco interativa, mas comparando com o resto do museu... Porque, na verdade, ela tem várias coisas que são interativas, que são legais, que são para o público, sabe... que se não tivesse no SESI Lab seria, tipo, “Nossa!!”, né? Só que a gente tem... todo o resto do museu.

EDUCADORA: Comparado com o que tem lá embaixo...

EDUCADORA: Exatamente. [...]

EDUCADORA: Talvez ela fique mais tempo se ela começar por aqui (pela parte de cima). Exatamente... Então, é mais uma questão de comparação, não é nem a galeria em si.
Educadoras, SESI Lab

Se, por um lado, a experiência nas galerias do piso térreo parece mais acelerada (como apontou um dos educadores, durante a pesquisa), a experiência na exposição temporária demandava uma desaceleração dos visitantes para que conseguissem assimilar suas propostas:

*Porque se lá embaixo está tudo muito frenético, o ritmo, você vê, assim, tem uma desaceleração quando sobe aqui para cima, que vai ter essa aceleração ali na *Imaginando**

futuros, no negócio que o pessoal fica batendo nas bolinhas lá, que é desesperador. Então, se tem uma desaceleração, então como que chama o público para desacelerar? O que faz? Acho que é o que a G. falou, “na minha mediação eu faço as pessoas sentarem”. Mas, assim, espacialmente, o que o espaço promove para desacelerar? Porque se a pessoa está vindo muito frenética, muito corrida, muito não sei o que lá, chegou aqui, não tem uma placa falando assim, “desacelere”, assim, tipo de 60 quilômetros passa para 20.
Educador, SESI Lab

Todos estes contrastes complexificam as experiências de visitação e parecem ser relevantes para avaliação de como a exposição temporária foi percebida e apreendida pelos visitantes em suas múltiplas possibilidades de experimentação.

4.4.1 Leitura e tempo

Um desafio geral apresentado pelos educadores e pelos orientadores de público, e confirmado pela observação participante, era a recorrente falta de leitura das instruções de manuseio dos aparatos por parte dos visitantes. Especialmente no *Jogo das Placas* e no *Mundo Senai*, ficou visível que a ausência de leitura das instruções implicava usos pouco eficientes ou inesperados dos aparatos.

“Não, filha, esse tem que ler muito. Depois a gente volta”. (Relato de Campo)

Uma característica marcante da exposição temporária, que por sinal gerava um contraste relevante em relação às demais galerias do museu, era o quanto a interação dos públicos com os aparatos com mais qualidade precisava ser mediada por textos, que estavam presentes na maioria deles. Para alguns visitantes isso era percebido como cansativo ou desinteressante.

A questão da leitura e do tempo de interação com os aparatos da galeria era muito recorrente, tanto por pessoas que lamentavam não ter mais tempo para apreciar e interagir com os aparatos quanto pelas que expressavam incômodos em precisar “ler muito” na exposição temporária. Em uma tarde, acompanhando uma família em sua circulação pelo espaço, uma mulher com duas meninas passava rapidamente pela exposição apenas olhando tudo. As meninas se interessaram pelo *Jogo das Placas* e foram, então, em direção à parede. A mulher advertiu: “não, filha, esse tem que ler muito. Depois a gente volta”. Ela então saiu seguida pelas meninas em direção à galeria ao lado.

Situações como essa eram frequentes, bem como outras nas quais as pessoas expressavam desagrado com a proposta da exposição ou com o tempo que ela demandava. Nas rodas

de conversa com os estudantes que visitaram a exposição, ouvimos de modo recorrente que os visitantes não interagiram com alguns dos aparatos por falta de tempo. Além disso, tanto estudantes quanto as professoras que os acompanharam nas visitas relataram que o excesso de visitantes simultaneamente impactava diretamente na forma como eles interagiam com os aparatos. Alguns não puderam interagir com os aparatos por eles estarem sempre ocupados ou com superlotação. Os trechos a seguir exemplificam a situação:

É verdade, eu fui nesse [passeio] com o [professor] Alex e não deu para prestar atenção em quase nada [...], tinha muita gente, teve coisa que a gente não conseguiu ver porque tinha muita gente em volta.

Estudante, CEM Paulo Freire

A gente teve que esperar na fila para conseguir interagir com alguns [aparatos].

Estudante, CEM Paulo Freire

Em repetidas ocasiões, foi notado que a disputa para utilizar alguns aparatos impactava diretamente na experiência de visita. Alguns visitantes se queixavam tanto de um possível

“excesso de coisas para ver”, quanto da superlotação, que impedia que alguns interagissem com os módulos mais disputados, como o *Quiz das Profissões*, e o *Jogo das Placas*. Os relatos a seguir expressam parte dessa complexidade:

Foi bem rápido, passou rápido, não deu pra ver tudo, pra mexer em tudo, porque tinha muita gente, né, cada uma ficava e ainda na hora que um ia terminando ainda fica outra pra trás porque queria explorar mais alguma coisa, mas foi bem interessante mesmo.

Tudo, tanto o que tava exposto quanto a forma como a gente participou.

Estudante, IFB

E eu acho que é pelo fluxo também dentro do próprio SESI, porque não dá para ficar muito tempo no mesmo espaço porque está chegando gente o tempo todo. Enquanto a gente estava lá não sei nem quantas escolas chegaram e passaram por lá. Tudo bem que com as crianças é muito mais rápido, é só para eles olharem porque eles não conseguem acompanhar muito bem, mas tem isso, talvez... não sei... tem a questão das pessoas lá dentro e do tempo que foi corrido.

Estudante, IFB

4.4.2 Programação externa

Os fluxos de visita na galeria da exposição temporária eram consideravelmente afeta-

dos pelas atividades externas da programação do SESI Lab.

Em alguns momentos a programação externa era responsável por esvaziar, quase totalmente, a galeria. Além de *shows* e apresentações especiais, as oficinas também conseguiam mobilizar parte significativa dos públicos, transformando temporariamente o cenário e a quantidade de visitantes dedicados à interação com a exposição temporária.

Às 17h o *show* musical na Praça da Árvore fez com que as galerias ficassem menos cheias, dando uma concentração maior de vida e agitação no espaço externo do museu. Com o cair da noite, e o primeiro aviso de que em 30 minutos as atividades se encerrariam, a galeria da exposição temporária ficou completamente vazia, encerrando, assim, o dia de atividades no museu.

Relato de Campo

O alerta sonoro configurou-se como uma estratégia muito eficiente para informar e engajar os visitantes, que rapidamente buscavam se dirigir à atividade ou atração. Lançar mão desse recurso não apenas para informar sobre as atividades paralelas, mas, quem sabe, para estimular uma circulação mais intencional pelas galerias, incluindo a da exposição temporária, ou mesmo para estimular questionamentos

e reflexões, com perguntas disparadoras ou pí-lulas de conteúdo, pode ser uma estratégia interessante a ser testada e avaliada.

4.4.3 Sinalização e divulgação

O Sesi Lab tem uma localização relativamente privilegiada em relação a outros museus e centros de cultura de Brasília. Localizado ao lado da Rodoviária do Plano Piloto, com fácil acesso por duas das principais vias da cidade e contando com pontos de ônibus e estações de metrô nas proximidades, o museu pode ser considerado de acesso relativamente facilitado. Apesar disso, a sinalização e outras indicações (como a fachada/identidade visual) ainda não contribuem para o reconhecimento imediato daquele prédio como tal. Somado ao fato de que ao longo da história o prédio que hoje abriga o Sesi Lab teve diferentes usos, a falta de indicação mais visível e explícita do que é ofertado naquele espaço é algo a ser ponderado.

Durante a pesquisa, para além das falas de muitas pessoas que apontavam o desconhecimento de seus familiares e amigos sobre o Sesi Lab, também havia comentários constantes sobre a sinalização insuficiente do/para o museu. Cabe destacar que a menos que as pessoas tenham conhecimento prévio do que se trata o museu, acessando, por exemplo, infor-



mações nas redes sociais, elas não terão essa informação ao olhar apenas para a fachada do prédio. Algo similar acontece em relação à exposição temporária, pois no exterior do museu não há nenhuma divulgação sobre *O futuro das profissões* que possa atrair visitantes especificamente para ela.

A entrada pelo café, localizado na varanda superior do lado sul do prédio, é também um ponto que demanda algum destaque. Com a possibilidade de entrada por ali, muitos visitantes começavam sua visita pela exposição temporá-

ria. Dali, contudo, como já dito, não havia nada que indicasse que se tratava de uma exposição temporária. Não havia qualquer placa ou aviso visual que sinalizasse se tratar de uma exposição temporária para quem iniciasse seu percurso por ali. Algo similar acontecia com o público espontâneo que iniciava sua visita pela entrada principal do museu, localizada no piso térreo. Esse é um ponto relevante de atenção.

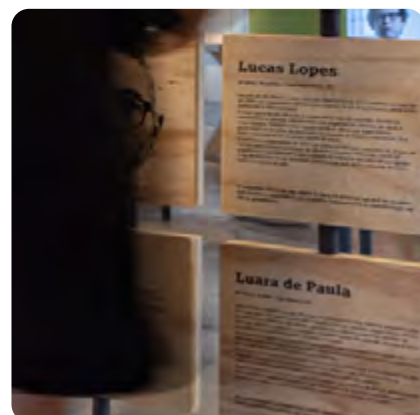
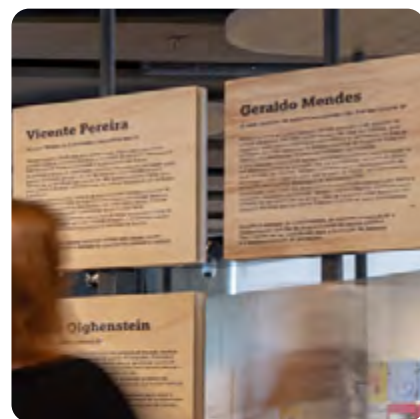
Alguns interlocutores destacaram que, ao se deslocar para o museu utilizando aplicativos de transporte, tinham como ponto de de-

sembarque a entrada superior, pelo café, não sabendo que a entrada principal fica localizada no piso térreo. A questão da sinalização aparecia, também, como preocupação dos educadores que não tinham um suporte visual que os ajudasse a mediar as visitas do público no sentido de guiar os trajetos. Para os visitantes que buscavam uma experiência autônoma, os eixos temáticos das galerias não ficam tão evidentes em nenhum dos pisos, o que pode tornar a experiência mais limitada ou menos intencional. Essa questão se torna ainda mais delicada quando não se tem algo que medeie as passagens dos temas das galerias do piso térreo para o piso superior.

A divulgação da exposição temporária para atração de público também apareceu como preocupação para alguns dos educadores. Para eles, a divulgação da exposição temporária teria acontecido de maneira tardia, perdendo parte do potencial interesse, inclusive de professores, que não sabiam sobre a possibilidade de agendar visitas naquela galeria ou inseri-las em seus percursos de visita mediada. Pensar estratégias de ampliação da divulgação das exposições temporárias, bem como de todo o museu, nos principais meios de comunicação locais e nas redes sociais, pode ampliar o alcance do conteúdo do Sesi Lab, diversificando os públicos que o acessam. ■

interação





A interação com os aparatos na exposição temporária dependia, num primeiro momento, da sua capacidade de atrair a atenção dos visitantes. Como a mostra não tinha um ponto de partida bem marcado nem tampouco um percurso assinalado – ao menos na sua configuração final presente no espaço expositivo, independentemente da concepção original –, vários fatores pareciam exercer influência para o estímulo inicial, como faixa etária, local de entrada na exposição, nível de ocupação dos aparatos, movimentação no espaço expositivo, cansaço dos visitantes, entre outros. Devido à interação com e na mostra estar intimamente ligada à circulação pelo espaço, algumas situações presentes no capítulo anterior são retomadas aqui com outra ênfase.

Era comum as crianças serem atraídas inicialmente pelos aparatos digitais, com telas, como o *Smartphone/Nexo* e o *Quiz das Profissões*. Entretanto, os *Totens/Vídeos*, apesar de entrarem na mesma categoria, não eram muito procurados, a não ser por crianças pequenas, que passavam pelo local apertando vários botões e depois iam embora. As crianças menores também eram atraídas pelo *Jogo das Placas*, enquanto as maiores se concentravam no *Quiz das Profissões*.

Foi interessante conversar com ela [orientadora] sobre a circulação das pessoas

Ficou evidente que a alta procura pelo Quiz frequentemente dita a dinâmica da exposição. (Relato de Campo)

pela exposição. Ela disse que as pessoas passam menos tempo na temporária em relação às outras galerias, e que ficam mais atentas nos painéis digitais.

Relato de Campo

As telas (Quiz e Smartphones) não só chamam mais a atenção como prendem os visitantes por mais tempo, especialmente o Quiz sobre as profissões do futuro.

Relato de Campo

Como visto no capítulo anterior, quem entrava na exposição vindo do café, geralmente parava na obra *Tudo o que Tocamos*, especialmente adultos e adolescentes. Mas, em geral, isso parecia ocorrer porque o *Quiz das Profissões* estava cheio. O *Mundo Senai* e os *Totens/Vídeos* também eram usados muitas vezes como “espaço de espera” para o Quiz. Entretanto, alguns visitantes desistiam de esperar e iam embora depois de passarem por alguns aparatos sem demonstrar muito interesse:

Embora o módulo *Mundo Senai* seja o primeiro pelo qual os visitantes passam ao entrar pelo café, ele acaba recebendo menos atenção do que “O futuro do presente”

ou *Quiz das Profissões* como acaba sendo chamado.

Relato de Campo

Enquanto essas crianças se amontoavam com outras ao redor do Quiz (muitas querem repetir a atividade para ver se o resultado é diferente), um pai entra acompanhado do filho de uns 10 anos. Pareciam circular perto do Quiz na esperança de esvaziar. Assim, passaram pela obra da fotógrafa argentina, pela cabine de depoimentos, pelo *Mundo Senai*, pelas Placas, pelo *Vídeo do Seu Chico* e pelo módulo “Trajetórias plurais”. Ao serem perguntados do que mais gostaram, responderam que foi o *Mundo Senai*, mas na verdade queriam responder o Quiz, mas voltariam em outro momento porque estava muito disputado. Ficou evidente que a alta procura pelo Quiz frequentemente dita a dinâmica da exposição. Algumas pessoas evitam a aglomeração e assim procuram a interação com outros equipamentos, até mesmo deixando o Quiz de lado após algum tempo, podendo inclusive sair da exposição sem interagir com ele. Outros visitantes acabam por interagir com outros aparatos em fase de espera para em alguma oportunidade acessar alguma cabine do Quiz que acabasse de vagar. Mas às vezes nem assim é possível,

de modo que deixam para depois de visitar outras galerias (mas nem sempre retornam).

Relato de Campo

Os aparatos menos procurados eram o *Vídeo do Seu Chico*, os *Anúncios/Classificados* e os *Painéis de Retratos*. Mesmo quem vinha das outras galerias, geralmente entrava na exposição perto do Quiz, por vezes parando nele imediatamente, passando direto, inclusive, pelo grande conjunto de painéis giratórios com os retratos de várias pessoas.

A popularidade do Quiz é tamanha que, às 11h20, se formou uma fila de quatro pessoas aguardando para brincar. Aquela não foi a única vez em que havia fila de espera para interagir com a atração. Algo parecido se repetiu no início da tarde.

Relato de Campo

Notamos que, por vezes, as pessoas compartilham sua empolgação pelo Quiz das Profissões. Ainda no início da manhã, um casal que já havia passado por todos os módulos da exposição temporária retornou, minutos depois, acompanhado de outro casal. Pareciam ser amigos. O casal, que já havia passado por ali minutos antes, convidava os amigos, contando com empolgação em que consistia cada um dos módulos e sugerindo que eles fizessem o quiz. O segundo casal se

interessa e decide fazer o teste, perguntando aos amigos “você tiraram a foto? Que legal! Vamos fazer, amor?”.

Relato de Campo

Vale destacar que a intenção de tirar foto da foto que aparecia no painel superior do *Quiz das Profissões* muitas vezes era a real motivação por trás da interação com o aparato. Crianças e adolescentes frequentemente repetiam o Quiz várias vezes para tirar fotos diferentes. Embora acontecesse de a repetição ocorrer para chegar a outro resultado (outra profissão do futuro), a maior parte das vezes ficava evidente o desejo de tirar fotos para registrar o momento (e ficar por mais tempo no painel).

5.1 Dificuldades para a interação e usos imprevistos

Aqui é preciso retomar uma questão abordada no capítulo anterior: os usos previstos e não previstos. De modo geral, sem se ater a um aparato específico, um dos pontos mais destacados como obstáculo para a interação, tanto por interlocutores quanto pela observação, foi a quantidade de textos na exposição temporária. Não necessariamente porque a exposição exigia um nível de leitura acima da média comparada às demais exposições que circulam

Quem já foi em tudo e chega aqui, já está cansado e fala “Poxa, eu vou ter que ler isso tudo”. (Educadora, SESI Lab)

Aqui a gente tem muita questão da cultura que a pessoa faz sem ler. (Educadora, SESI Lab)

pelas instituições museológicas do país, mas, como já indicado, a comparação era com as galerias permanentes/de longa duração do próprio SESI Lab.

Sobre essa questão da leitura, eu acho que isso pega, de modo geral, a atenção toda à expografia. Ela trabalha na perspectiva de que a experimentação é uma prioridade em relação a muita informação, né? Então, assim, os nossos materiais, por exemplo, que falam sobre e os aparatos, eles têm textos curtos, com imagem. E aí, chega aqui e é muito texto. Então, acho que tanto para quem começa aqui de cima, uma coisa de “eu sei que eu posso interagir com várias coisas aqui, eu vou ficar lendo e eu vou”, entre aspas, “perder tempo?”. Tanto quanto quem já foi em tudo e chega aqui, já está cansado e fala “Poxa, eu vou ter que ler isso tudo”. Então, eu acho que pesa essa questão de ter uma expografia que não é tão textual e, de repente, você tem uma galeria que é muito textual.

Educadora, SESI Lab

Na exposição *O futuro das profissões*, a leitura dos textos, quase sempre, estava vinculada ao modo de interagir com os aparatos. Assim, não se tratava apenas de ignorar a parte textual e focar na interatividade. Embora houvesse painéis espalhados pelo espaço da exposição temporária com reflexões sobre questões específicas relacionadas com a temática geral da mostra, que de fato eram constantemente ignorados, os próprios aparatos demandavam que a interação fosse por meio da leitura.

EDUCADORA: Eu acho que nesse ponto ele [o Quiz] não foi tão engajado. Eu acho que é válido ressaltar isso, que ele não foi tão engajado. Porque aqui a gente tem muita questão da cultura que a pessoa faz sem ler. Então, isso acontece nos aparatos de baixo mesmo. A gente tem até hoje o famoso “crime do tornado”, que eles chegam e querem ver o tornado se mexer arrastando a mão lá no tronco, só que isso não acontece... o tornado não se forma. E é só ler o indicativo que tem lá...

EDUCADORA: As pessoas não leem...

EDUCADORA: ... todas as nossas obras têm um menu, literalmente, para a gente ver.

Eu acho que aqui isso também acontece bastante e, nesse fato do Quiz, eu acho que ele não foi muito bem alcançado porque como a gente tem muito público pequeno vindo, muitos não sabem ler e eles só querem fazer por conta da foto. Eu acho que é interessante. **Educadoras, SESI Lab**

Essa característica mais textual da exposição temporária em contraste com a chamada “cultura que a pessoa faz sem ler” gerava dois tipos de comportamentos: o entendimento de que a exposição era “chata”, o que levava os visitantes a passar pouco tempo nela (principalmente grupos com crianças); e o uso dos aparatos de forma imprevista, isto é, ignorando a proposta expográfica, frequentemente explorando seus aspectos lúdicos.

É curioso notar as possibilidades de reações, tanto as mais empolgadas quanto as menos entusiasmadas. Torna-se comum ouvir e ver expressões de crianças descontentes com os aparatos disponíveis na seção. “Pai, vamos olhar mais coisas? Eu não gostei muito dessa salinha não”, convidava uma menina a se retirar com sua família. “Pai, vamos nos de baixo, é mais legal”, pedia outro menino. **Relato de Campo**

Torna-se comum ouvir e ver expressões de crianças descontentes com os aparatos disponíveis na seção. “Pai, vamos olhar mais coisas? Eu não gostei muito dessa salinha não.” (Relato de Campo)

Constantemente era reforçada a percepção de que os textos de referência não limitavam, de fato, os usos e apropriações dos aparatos. Os múltiplos modos como as pessoas entendiam e interagiam com os aparatos eram muito interessantes. O aparato em que isso se mostrou de maneira mais explícita foi o *Jogo das Placas*. A proposta original era que os visitantes conectassem os produtos, identificados por meio de placas com desenhos ou palavras, às respectivas cadeias operatórias (quadrado de textos com descrições na parede). As placas tinham furos que, supostamente, encaixariam apenas no arranjo de parafusos corretos, condizendo assim com a descrição na parede, isto é, ligando o produto à sua cadeia de produção. No entanto, a imensa maioria dos visitantes usava o aparato como um “jogo de encaixe” ou um quebra-cabeças. Raramente as pessoas liam as descrições, pois por “tentativa e erro” era possível encaixar as placas nos espaços da parede, nem sempre de maneira correta de acordo com a proposta do aparato. Além disso, era comum que crianças

e seus acompanhantes colocassem uma placa com o nome sobre uma placa de imagem de um objeto no painel. Aqueles visitantes sabiam que colocar duas placas por lacuna não era o objetivo do aparato, mas esse era um uso possível com base na experiência não mediada.

No geral, as crianças usam as placas como num jogo de encaixe, sem se importar para as informações ou perguntas inscritas na parede. Mesmo os adultos costumam fazer a mesma coisa, exceto que olham mais para as figuras nas placas.

Relato de Campo

Outras pessoas, mesmo não lendo as instruções para uso do *Jogo das Placas* ou as instruções dispostas na bancada, pareciam aprender intuitivamente como manusear o aparato.

No geral, as crianças usam as placas como num jogo de encaixe, sem se importar para as informações ou perguntas inscritas na parede. (Relato de Campo)

Para alguns visitantes, o jogo se tornava muito interessante, mesmo que eles estivessem encaixando as placas apenas com base na posição dos parafusos, e não na análise das pistas indicadas nas placas e no painel. Para as crianças, principalmente as menores, a atividade era um jogo de encaixe, de modo que as informações, caso não fossem objeto de preocupação dos acompanhantes adultos, ficavam em segundo plano. Esse uso entretia e divertia muitos usuários, não apenas as crianças. A indagação era, então, se as reflexões sobre “cadeias produtivas”, sobre as profissões e ofícios envolvidos na produção de diversos bens e materiais etc., por exemplo, tinham lugar na experiência daquelas pessoas. E se tinham, em que medida eram eficientes em termos de engajamento.

Duas adolescentes brincam com as placas no painel “O tempo das coisas” e, mesmo não lendo as instruções dispostas na bancada de placas, elas vão aprendendo intuitivamente. Elas chamam as crianças que estão com elas para montar as placas. O jogo se torna muito interessante para elas, mas será que a reflexão sobre profissões é o que fica acionado em

primeiro plano? Será que o jogo aparece como algo chamativo pela interatividade/desafio ou pela proposta de reflexão/provocação?
Relato de Campo

Apesar de bastante atrativo num primeiro momento, o *Jogo das Placas* (ou “O tempo das coisas”), que ocupava um espaço significativo da exposição e fazia as pessoas se movimentarem de um lado para o outro, frequentemente levava à frustração:

Por outro lado, outras reações em relação às atrações também se apresentavam, dessa vez de maneira menos empolgante/empolgada. Um homem de cerca de 40 anos exclamava aos seus acompanhantes “muito difícil!”, depositando de volta sua placa na bancada do módulo “O tempo das coisas”. Ele havia pegado uma das placas e já havia lido alguns quadros na parede, mas parecia não

encontrar nenhum encaixe adequado, o que motivou sua desistência.
Relato de Campo

O módulo “O tempo das coisas” [...] realmente era muito difícil caso se seguisse a proposta expositiva. [...] Momentos depois, uma mulher adulta, acompanhada pelo pai, idoso, e a filha. A mulher se sentou de costas para o Vídeo do Seu Chico enquanto o pai mexia nas placas e lia as instruções na parede. A criança, rapidamente, foi para o Quiz. Passado algum tempo, gasto para entender o aparato, o senhor comentou com a filha sobre o que era a proposta, no que ela imediatamente respondeu: “São todos esses na parede que é pra ler? Deus me livre!”

Relato de Campo

Também em frente ao painel “O tempo das coisas” vemos uma adolescente que pega uma placa e caminha por entre as pistas.

Um homem de cerca de 40 anos exclamava aos seus acompanhantes “muito difícil!”, depositando de volta sua placa na bancada do módulo “O tempo das coisas”.
(Relato de Campo)

Ela lê por um tempo as informações na parede e, finalmente, encaixa. Olha para os demais familiares, que também se dedicavam a encontrar o lugar para encaixar suas respectivas placas, e diz: “Pra mim já deu, consegui uma só. Esse dá muito trabalho”. O pai dela reage: “Eu fiz dois, tá bom já”. Os demais familiares deixam suas placas e eles seguem o passeio. Notar a indisposição das pessoas com a experiência mais “contemplativa”, “reflexiva”, é muito curioso e ressoa com todos os relatos que temos tido até agora.

Relato de Campo

Mesmo nas atividades da programação e visitas mediadas, era um desafio fazer as pessoas utilizarem esse aparato da forma imaginada originalmente:

O senhor comentou com a filha sobre o que era a proposta, no que ela imediatamente respondeu: “São todos esses na parede que é pra ler? Deus me livre!”
(Relato de Campo)

Durante a tarde a atividade Caça ao Conhecimento prosseguiu em meio a um fluxo mais intenso de visitantes. Em dado momento, duas meninas, de aproximadamente 8 anos, demonstraram certo desespero ao fazer suas buscas em “O tempo das coisas”. Elas olharam ao redor como quem busca auxílio e uma delas falou: “Alguém ajuda!”. Mas ninguém parece ter notado, exceto um dos pesquisadores, que se aproximou delas e perguntou o que elas tinham de fazer. Elas então mostraram a prancheta com as instruções onde havia uma frase: “Estou diretamente ligado à cadeia produtiva do aço”. A mesma frase estava na parede em espaço para ser colocada a placa adequada. O pesquisador, após procurar na bancada com as meninas, encontrou a figura de um parafuso com a porca que se encaixava na parede no espaço indicado. Assim,



mostrou a elas que anotaram o nome do objeto representado na figura (“parafuso”), mas não sabiam o nome da outra peça. O pesquisador disse que se chamava “porca”, e elas anotaram novamente e agradeceram a ajuda, encaminhando-se apressadamente para a parte de baixo do museu.

Relato de Campo

EDUCADORA: [...] A ordem que ela foi pensada, das placas, perdão. Primeiro você tem acesso às placas soltas, depois às frases. Então você já pega uma placa e tem que ler muitas frases. Seria o contrário. Ele funciona melhor quando você lê uma frase na parede e vai buscar a correspondência. Só que as placas estão na frente. As mesas estão na frente. Então eu pego uma plaquinha primeiro. “Peguei o chocolate. Vou ter que ler a parede toda para achar o chocolate”. Quando estou mediando, eu falo para as pessoas: “Olha, lê na parede primeiro. Ah, isso aqui é chocolate. Achei o chocolate”. Mais rápido, né? Frustra menos... Mas a ordem que foi pensada...

EDUCADORA: Na verdade... Eu acho melhor.

Mas às vezes eu falo para as pessoas realmente irem pela correspondência física mesmo, dos buraquinhos, e depois lerem. Eu falo assim, mas não é só você botar. Você viu que tem um texto? É para a gente ler.
Educadoras, SESI Lab

Aparentemente, esse aparato, pensado para uma interação autônoma, mais demorada e reflexiva, encontrava pouco eco nas expectativas dos visitantes, que pareciam desejar uma fruição mais rápida, “fácil” e de compreensão imediata. O imediatismo como característica comportamental foi notado pelos educadores:

EDUCADORA: É geracional também buscar respostas imediatas. E esta não é uma galeria que tem respostas imediatas. A única coisa imediata que você tem é realmente a foto. Então, para esse público e essa geração, a galeria não está respondendo no tempo que eles precisam. E eles não interagem tanto com a galeria quanto eles interagem lá embaixo. O público que aproveitou muito essa exposição

E esta não é uma galeria que tem respostas imediatas. A única coisa imediata que você tem é realmente a foto. Então, para esse público e essa geração, a galeria não está respondendo no tempo que eles precisam. (Educadora, SESI Lab)

A experiência com os smartphones é parecida. É uma tela gigante que chama a atenção do público em geral. Os pequenos chegam, tocam aceleradamente, deslizam o touch-screen, mas não se dedicam à leitura. (Relato de Campo)

foi o público do Festival de Robótica. A gente teve uma semana de muita visita e a gente trouxe muitos aqui para cima. Várias equipes do Brasil inteiro vieram competir ali no Mané Garrincha e fizeram visita com a gente aqui. As escolas também passaram por aqui, passaram no festival e depois passavam por aqui para visitar. Então, essa foi uma galeria muito procurada nesse momento.
[...]

EDUCADORA: É outra galeria. Realmente, tem pessoas que não têm foco de ficar na galeria. Realmente não têm paciência mesmo. E também a questão de se dispersar. Então, infelizmente, é um desafio.
Educadoras, SESI Lab

Outro aparato que demonstrou isso de forma evidente foi a instalação com *Smartphones/Nexo*. Muitas crianças, assim que entravam na exposição, corriam até os três smartphones gigantes pendurados numa parede. Uma das primeiras coisas que faziam era apertar o ícone de música. Como nada acontecia, apertavam os ou-

tros ícones próximos, como o calendário e o relógio. Algumas desistiam tão logo percebiam que os ícones não funcionavam – assim, o primeiro ímpeto e o interesse em interagir com as telas gigantes parecia se dissipar ao perceberem qual era o conteúdo do aparato. Outras apertavam os ícones de baixo, o que fazia abrir reportagens em forma de texto do jornal *Nexo*. Quando isso ocorria, em geral, as crianças apenas rolavam as páginas tocando os dedos na tela, às vezes freneticamente, mas sem ler o conteúdo. Não era raro, assim, num mesmo momento, presenciar várias crianças em torno dos smartphones apenas brincando com os dedos na tela, entrando e saindo de reportagens, bem como rolando as páginas para cima e para baixo.

Ela [orientadora] percebe que as crianças não ligam muito para os conteúdos e mostrou, naquele momento, um menino de uns 7 anos que brincava com o dispositivo que reproduzia, em tamanho gigante, a tela de

Eu percebo que os adolescentes que consomem muito canal do mundo, veem o Iberê e eles querem lá “ó o Iberê”, eles veem o Iberê e acabou, eles não querem mais do que isso, eles querem aquela coisa de “ah, eu fui e vi o Iberê lá no museu”. (Educador, SESI Lab)

um celular. Ele passava, freneticamente, o conteúdo da tela com as mãos sem ler o que estava escrito.

Relato de Campo

A experiência com os smartphones é parecida. É uma tela gigante que chama a atenção do público em geral. Os pequenos chegam, tocam aceleradamente, deslizam o touch-screen, mas não se dedicam à leitura.

Relato de Campo

Logo no início do dia, entre os primeiros grupos de visitantes, notamos que algumas crianças passavam direto por todos os módulos e corriam em direção aos smartphones. Embora a excitação fosse grande ao ver as telas grandes, elas não se demoravam por ali.

Relato de Campo

Em relação aos smartphones, foi interessante notar que os visitantes, sobretudo as crianças, sempre clicam primeiro no ícone de música, depois vão para os de clima

e relógio antes de clicarem nos ícones informativos. Alguns, ao verem que a interação se limita ao acesso a textos de reportagens, se retiram e vão para o próximo módulo. O., um dos orientadores da parte da tarde, comentou que as crianças ficam muito frustradas por não conseguirem ouvir música ao clicar no ícone.

Relato de Campo

Já os adultos muitas vezes liam, interagiam e passavam mais tempo navegando pelas notícias. Entretanto, mesmo eles, em geral, circulavam para os demais espaços após ler apenas as manchetes ou parte de uma matéria.

Os usos que as pessoas faziam dos dispositivos, sem necessariamente se ater ao conteúdo, também chamava a atenção. Em algumas ocasiões os visitantes utilizavam as imagens dos *Painéis de Retratos* como um jogo da memória (em que tentavam encontrar os rostos iguais), mas em outros momentos as pessoas apenas tentavam deixar todas as faces que

continham os rostos das pessoas viradas para dentro ou para fora do círculo. Para alguns visitantes, geralmente crianças, aquele aparato se tornava uma brincadeira de girar, o mais rápido possível, os painéis. Para outros, os espaços entre os painéis eram feitos de passagem para crianças menores, que atravessavam para dentro e para fora do círculo entre os retratos (os orientadores, 1 presenciavam essa ação, normalmente falavam que não podia). A reflexão proposta ou a função contemplativa sobre a pluralidade de sujeitos e trajetórias ficava, portanto, em segundo plano na experiência de alguns visitantes, dando lugar à transformação do aparato em jogo ou brincadeira:

Algo parecido acontece no painel “vidas diversas”, primeiro módulo da exposição: também são majoritariamente os adultos que se dedicam a ler as trajetórias. As crianças passavam mais tempo rodando os blocos, alinhando as fotografias ou os textos. Notamos, contudo, que alguns jovens buscavam pessoas com quem se identificavam dentre as fotografias e narrativas ali apresentadas.

Relato de Campo

[...] as crianças interagem à sua maneira com os dispositivos, sem necessariamente se ater ao conteúdo. No dia anterior, havíamos notado que um grupo de crianças, coordenado

por uma mulher adulta, brincava com os painéis giratórios do módulo 1, que em uma face traz a foto de uma pessoa e na outra um resumo de sua trajetória profissional. A brincadeira consistia em virar, a partir da parte interna, somente os painéis em que as pessoas tivessem características específicas, como usarem chapéu, óculos ou brincos.

Relato de Campo

Os *Totens/Vídeos* na maior parte do tempo estavam vazios. Eram usados muitas vezes pelas crianças como espaços lúdicos pelos quais elas corriam, sozinhas ou atrás das outras, às vezes utilizando as colunas de sustentação para fazer girar o corpo. Era comum que alguma criança passasse por vários totens para clicar aleatoriamente na tela, mudando os vídeos que eram exibidos. Em certa ocasião, relatada por um orientador de público, uma criança desligou as telas.

EDUCADOR: [...] E só um outro ponto que eu ia falar em relação do que a gente aborda menos talvez, é que nas entrevistas [Totens/Vídeos] eu vejo um grande potencial, mas a gente também, eu pelo menos não consigo aprofundar muito no que as entrevistas trazem. Eu percebo que os adolescentes que consomem muito canal do mundo, veem o Iberê e eles querem lá “ó o Iberê”, eles veem o Iberê e acabou, eles não querem mais do que isso, eles querem aquela coisa de “ah, eu fui e vi o Iberê lá no museu”. Então eu acho

que poderia ser de uma outra maneira, talvez menos totens, mas com algo que fosse mais interessantes, ou cabines menores que a pessoa pudesse sentar com um fone e ouvir... eu acho que seria mais interessante.

EDUCADORA: É mais ou menos, o da placa das profissões, de indicar a profissão das pessoas, eu acho que as pessoas ficam meio deslocadas ali, porque fica bem na passagenzinha e logo tem o quiz, e aí o quiz chama a atenção e às vezes eu queria falar um pouco mais sobre esse, aprofundar um pouco mais sobre esse, mas aí o Quiz chama atenção e eu já vou passando de pouquinho e pouquinho para chegar até o quiz...

EDUCADORA: Podia até ser menor a quantidade de totens, eu nunca vi eles sendo utilizados ao mesmo tempo, nunca... no máximo dois [...].

EDUCADORA: É, mas aí eles ocupam um grande espaço da galeria que não é aproveitado...

EDUCADOR: [...] eu acho que só nesse de

vídeo, eu acho que esse é um material que entra muito bem no campo do digital. Assim, eu vou em exposição de arte e tem uma videoinstalação... é muito difícil eu parar para ver o vídeo todo rolando. [...] esse é um ponto positivo que tem no “seu Chico”, que tem um relóginho ali no canto que fica... “vai começar”, “vai terminar”, ele dá um tempo, uma previsibilidade para a pessoa que está visitando... Já os outros ali do canto não tem essa previsibilidade. Então como que a pessoa sabe se ela vai demorar muito na fala da outra pessoa? [...] e aí ele é um material que é consumido muito mais digitalmente [...] eu acho que o público que usa isso é um público que vem com muito tempo pra cá, muito tempo assim, “estou vendo aqui e tenho a semana para passar aqui”... porque para mim são cinco dias para visitar a exposição de baixo. [...] eu acho que é um material para se pensar dentro do ambiente digital, nessa expansão da exposição.

Educadores, SESI Lab

Eu vou em exposição de arte e tem uma videoinstalação... é muito difícil eu parar para ver o vídeo todo rolando. [...] esse é um ponto positivo que tem no “seu Chico”, que tem um relóginho ali no canto que fica... “vai começar”, “vai terminar”, ele dá um tempo, uma previsibilidade para a pessoa que está visitando... (Educador, SESI Lab)



Foi notável que os monitores com os vídeos são os que menos engajam o público. Poucas pessoas param para assistir ao curta de 3 minutos e menos pessoas ainda param para assistir aos de “Aprender a aprender”.

Relato de Campo

Observamos, novamente, que o conteúdo audiovisual prende pouco a atenção das pessoas, tanto as cabines do “Aprender a aprender” quanto o vídeo sobre a trajetória de seu Chico em “Futuros pretéritos”.

Relato de Campo

O *Mundo Senai*, além de frequentemente ser utilizado como área de descanso por quem estava de passagem, ou, como já dito, “área de espera” do Quiz, conforme mencionado no capítulo anterior, oferecia dificuldades na interação, pelo menos na opinião dos educadores:

EDUCADORA: [...] muito desse aparato do Senai eu acho que as pessoas deixam de fazer por causa das perguntas. São perguntas muito sentimentais, eu acho. Muito, tipo [...]

“Você gosta de ser traída?”. Aí, fala assim: “Gosta às vezes, não sei o quê”. Você para pra pensar. Às vezes ninguém está disposto para parar para pensar. Então, tipo assim: “Você já foi traído por amigos?”. [...] muitas vezes, primeiro, você não lê a tela de cima. A pessoa não lê a tela de cima. A pessoa vai direto na tela de baixo. Porque a gente já tem esse limite, né? O ser humano já é limitado aqui.

EDUCADORA: Não, mas só para complementar, teve uma vez que eu respondi, tipo, cinco questões sem ver o texto de cima. Aí você não tem o contexto.

EDUCADORA: E aí você não tem a contextualização. [...] Gente, mas se você para pra pensar em áreas, no ensino médio, a gente já demonstra se a gente vai ser sentimental ou se não vai ser. Porque já tem aquele “crachazinho” de quem é de exatas e quem é de humanas. Então, assim, se for parar para pensar, as perguntas até fazem um certo sentido. Mas... Dá preguiça de pensar... Tá parecendo que eu sou muito preguiçosa pra fazer as coisas, não sou. Mas, assim, eu acho que são coisas muito sentimentais para você parar para pensar [...].

EDUCADOR: Acho que é um pouco chato também, né?

EDUCADORA: Sua resposta é menos empática, mais racional. “Você pode fazer a injeção de molde de plástico”.

EDUCADORA: É, tipo isso! Chegou aí!

EDUCADORA: “Manutenção de refrigeração”.

EDUCADORA: Muito frustrante.

Educadores, SESI Lab

Por meio da observação e das narrativas de estudantes e educadores, ficou evidente a preferência dos visitantes pelo *Quiz das Profissões*. Muitos dos visitantes ficavam muito empolgados pela proposta do aparato (sugerir uma profissão ainda inexistente, com base nas respostas) e pela possibilidade de tirar uma foto ao finalizar o teste. Esse aparato por vezes gerava filas de espera e desapontamento em visitantes que com ele não conseguiam interagir. Sucesso incontestado de público, contudo, às vezes era usado apenas com a intenção de publicar a própria foto no painel. Algumas crianças e adolescentes apertavam qualquer botão até chegar na parte de tirar a foto, pouco importando a profissão do futuro indicada. E faziam isso várias vezes.

EDUCADORA: [...], eu acho que ele [o Quiz] não foi muito bem engajado quando a gente vê a questão das visitas educativas, as visitas livres com o público menor. Por quê? O Quiz, ele chamava muito a atenção dos pequenos por conta da foto. Então, muitas das crianças chegavam só... muitas não sabiam nem ler, só chegavam, apertavam, apertavam, apertavam para chegar a hora da foto. Tanto que a gente já teve fotos de pessoas famosas, que eles pegavam assim e colocavam, tipo, Lady Gaga, e aí tirava foto da Lady Gaga.

Educadora, SESI Lab

Cabe notar, ainda, que os aparatos que recebiam mais atenção eram, também, aqueles com mais potencial *instagramável*, isto é, aqueles que poderiam render boas fotos e boas postagens nas redes sociais dos visitantes. Dentre esses aparatos, podemos destacar o *Quiz das Profissões*, no qual as fotos dos visitantes ficavam expostas; os *Smartphones/Nexo*, ao lado dos quais as pessoas posavam; o painel do *Jogo das Placas*, servindo de fundo colorido para as fotografias; e, também, a instalação *Painéis de Retratos* no início da galeria. O painel do *Jogo das Placas*, por exemplo, servia como fundo para muitas fotos dos visitantes, em geral a foto em família, ou das crianças com as placas na mão. As pessoas que entravam pelo café e que ainda não tinham visto outras galerias do museu eram as que, geralmente, tiravam mais fotos ali.

Os responsáveis, mães e pais, estavam constantemente fotografando os filhos em al-

guns aparatos, enquanto em outros, como o *Vídeo do Seu Chico*, os *Anúncios/Classificados*, os *Totens/Vídeos* e o *Mundo Senai* não rendiam muitos registros. Por alguma razão e, talvez com alguma conexão entre si, aqueles que menos recebiam atenção eram também os que as pessoas menos fotografavam. Se os visitantes interagiam menos por ser menos *instagramável*, ou se eram menos *instagramáveis* por despertarem menos a atenção do público, fica uma questão em aberto.

Uma situação curiosa explícita e fundamenta bem essa observação. Numa manhã, cerca de 15 visitantes que pertenciam a um mesmo grupo, todos de uma mesma empresa, devidamente uniformizados, entraram na galeria pela entrada principal (vindos do piso térreo) e ao se depararem com o painel circular com as fotografias das trajetórias plurais (*Painéis de Retratos*) tiveram uma ideia: gravar um vídeo. Uma das integran-

Muitas das crianças chegavam só... muitas não sabiam nem ler, só chegavam, apertavam, apertavam, apertavam para chegar a hora da foto. Tanto que a gente já teve fotos de pessoas famosas, que eles pegavam assim e colocavam, tipo, Lady Gaga, e aí tirava foto da Lady Gaga. (Educadora, SESI Lab)

Quando sozinhos, os adultos tendem a apreciar a exposição com mais atenção e até mesmo ignorar o Quiz, porque sua disponibilidade é praticamente inexistente na maior parte do tempo. (Relato de Campo)

tes do grupo organizou a disposição de cada um e, então, fez a gravação. Não satisfeitos com o resultado da primeira tentativa, pediram ajuda para alguns funcionários do museu (uma orientadora de público e um agente da bilheteria). Naquele momento, a experiência de interação com o aparato se tornou outra, pois eles não dedicaram tempo para ler as trajetórias ou observar as fotografias: o foco era o belo cenário filmográfico propiciado pela instalação e o registro da visita.

Esse mesmo grupo se dispersou pela galeria, mas depois se reuniu novamente, para fazer outro vídeo. Dessa vez demoraram mais para alinhar o que fariam e como iriam atuar (quais frases de efeito usar, se iriam ou não mencionar o nome da empresa etc.). Mais de 15 minutos se passaram até que eles, ainda dentro do círculo, se organizassem e o vídeo finalmente fosse gravado. Nesse intervalo de tempo, nenhum outro visitante interagiu com o aparato, que acabou sendo monopolizado com outro propósito, que não a contemplação ou a reflexão.

Vale ressaltar que na visão de muitas pessoas, sejam educadores/orientadores, sejam

os próprios pesquisadores, a exposição temporária tem uma temática mais apropriada para jovens e adultos, mas não tanto para crianças. No entanto, as crianças perfazem atualmente o público principal do SESI Lab, de modo que a dinâmica de interação com os aparatos, mesmo na exposição temporária, geralmente era ditada por seus interesses. As crianças até demonstravam interesse em alguns aparatos, mas logo saíam frustradas, sobretudo quando vinham das outras galerias.

Quando sozinhos, os adultos tendem a apreciar a exposição com mais atenção e até mesmo ignorar o Quiz, porque sua disponibilidade é praticamente inexistente na maior parte do tempo. Como um casal de jovens observados. Inicialmente, eles usaram as fotos do módulo “Trajetórias plurais” como as crianças, isto é, apenas virando todos os lados com fotos para dentro, deixando a parte com os relatos para fora. Fizeram isso com alguma pressa, como se estivessem competindo. Depois circularam pelos outros aparatos com mais tranquilidade. Quando

abordados pela pesquisa, disseram que gostaram muito dos depoimentos em vídeo nas cabines no meio da exposição, sobretudo as falas do youtuber Iberê Thenório, que é frequentemente citado por outros visitantes que assistem ao material audiovisual do módulo “Aprender a aprender”. Para a mulher, a exposição deve ser interessante para os adolescentes, embora poucos pudessem ser encontrados por ali. Como ela trabalha com jovens, entende que o assunto tratado pela exposição dialoga fortemente com os questionamentos das pessoas dessa faixa etária. Ao serem perguntados a respeito do fato de terem virado todas as imagens no módulo “Trajetórias plurais”, o homem respondeu que era “TOC”. Queriam virar todas as imagens antes que alguma criança chegasse por ali.

Relato de Campo

Ficou visível que a exposição temporária era bem mais aproveitada por adultos sem crianças, principalmente quando entravam pelo café, sem ter passado pelas outras galerias, que promovem certo desgaste devido ao barulho e à correria. De certa maneira, em al-

guns momentos parecia que a exposição O futuro das profissões estava deslocada, no lugar errado, no museu errado, uma vez que, ao que tudo indica, o SESI Lab vem se configurando, mesmo que não intencionalmente, como um espaço para as crianças:

EDUCADORA: Só pra completar, eu acho que é um problema geral do SESI Lab que o público adulto ainda não sabe que a gente é pro público adulto. Eu acho que o adolescente a gente ainda não conseguiu. Até estava conversando com a Carol, a ideia de trazer Sebastião Salgado é um pouco isso, fomentar a ideia de que o SESI Lab é pra adulto tanto pra criança. Agora com a “colônia de férias” tem muito mais criança, família, e geralmente os adolescentes não vêm com os pais, só criança muito pequenininha. Então não tem os pais para trazer os filhos adolescentes. [...] Então é isso, a gente ainda tem esse problema de eles entenderem de uma forma geral que o SESI Lab é para todas as idades.

EDUCADORA: Eu acho que adolescente só vem pela escola.

Educadores, SESI Lab

Agora com a “colônia de férias” tem muito mais criança, família, e geralmente os adolescentes não vêm com os pais, só criança muito pequenininha. Então não tem os pais para trazer os filhos adolescentes. (Educadora, SESI Lab)

Parece ser necessário repensar como um espaço expositivo voltado para públicos adolescentes e adultos pode permanecer atrativo para esses públicos e conviver de modo mais harmonioso com a dinâmica ditada pelas crianças e suas atividades, que dominam não só a maior parte das galerias do museu como quase a integralidade da programação.

5.2 Interação entre educadores, orientadores e públicos

Antes de descrever a interação dos visitantes com educadores e orientadores, vale destacar alguns aspectos que ajudam a contextualizar a situação desses trabalhadores no período de pesquisa. Não por se tentar uma investigação das suas condições de trabalho, mas para poder interpretar a interlocução com esses agentes de maneira adequada, sobretudo no que se refere à visão deles sobre os visitantes e seu comportamento. Além disso, apesar de este não ser o foco da pesquisa, o relacionamento entre equipes e a visão de orientadores e educadores sobre o museu acabaram emergindo nas conversas com os pesquisadores e avaliou-se ser interessante registrá-las para que possam informar novas estratégias, atividades e decisões de gestão relacionadas a esses profissionais.

A situação atual de contratação dos orientadores também pode ter implicações, não dimensionadas, no comportamento desses profissionais. O. contou que os orientadores atuais foram contratados por apenas um mês para cobrir os orientadores anteriores que, contratados como MEI, tiveram de ser dispensados para que não configurasse vínculo empregatício com o SESI Lab após quase seis meses de atuação direta. Mas já está ocorrendo novo processo seletivo para a contratação de novos orientadores a partir de agosto. Segundo O., estes serão contratos pelo CNI, isto é, contrato pela CLT direto com o SESI Lab, sem passar por empresa terceira. O. está com grandes expectativas, porque está participando do processo e foi chamado para a entrevista. Esse processo seletivo tem interferido na dinâmica de trabalho e, certamente, no clima organizacional.

Relato de Campo

O contato com os educadores foi um tanto restrito pelas condições próprias do período de férias escolares em que a pesquisa foi conduzida. Como não havia visitas mediadas com públicos escolares nas semanas de julho em que a pesquisa de campo foi realizada, a presença de educadores na exposição foi bastante pontual. Mas foi possível estabelecer um canal de interlocução com eles por meio de uma roda de conversa. Contratados pelo SESI Lab, foi per-

Quando as pessoas [que] montam a exposição explicam o porquê de cada coisa e o motivo das perguntas, ajuda a gente a engajar o público a poder interagir melhor nos aparatos e tudo mais [...]. (Educador, SESI Lab)

cebida uma distinção entre eles de acordo com o período de ingresso na instituição. Uma parte havia sido contratada no período de abertura do museu, o que lhes proporcionou participação no planejamento de algumas atividades. Outra parte entrou alguns meses depois, e demonstrou se sentir ainda defasada em termos de treinamento ou mesmo conhecimento sobre as premissas e escolhas curatoriais na comparação com os colegas mais antigos. Especialmente em relação à exposição temporária:

EDUCADOR: Só acho que [...] foi muito boa a fala do André, quando a Expomus veio fazer o treinamento [...]. Quando as pessoas [que] montam a exposição explicam o porquê de cada coisa e o motivo das perguntas, ajuda a gente a engajar o público a poder interagir melhor nos aparatos e tudo mais [...]. Porque antes eu achava meio, “tá, mas a galeria... Ok”, mas quando a pessoa explica, quem idealizou explica o motivo, a gente começa a ver com outros olhos. E a gente põe a nossa identidade também pra fazer a dinâmica.

EDUCADOR: Eu acho que foi excelente essa

fala que a gente teve, essa formação que a gente teve. Mas foi isso, assim, a gente poderia ter recebido ela lá atrás quando já ia abrir o museu.

EDUCADORA: É, antes de abrir o museu.

EDUCADOR: E ela podia ser periódica.

Periódica, ou depois que abriu, que também teve o pessoal que não [teve a formação] [...].

EDUCADOR: Mas eu sei que essa reunião foi gravada, só não foi disponibilizada. Então, às vezes, a gente ter acesso... Porque é isso, são materiais que a gente pode estudar. Porque, assim, o resto da exposição a gente já está mais ou menos careca de saber... O que tem... Estão chegando novos aparatos, a gente já recebe algum material sobre eles. Mas, principalmente, essa galeria, que vai mudando com o tempo, vai entrando novas coisas, novas curadorias, novas propostas, novos temas. Se a gente não tem o material em que pode se basear para intervenções, para pensar material didático, para pensar as visitas... E com tempo. Porque é isso. Tudo bem que também foi... a gente chegou em outubro e em novembro já estava abrindo. Tinha muitas coisas para serem feitas. Mas, tendo tempo para a gente poder trabalhar, mesmo que a coisa não esteja

totalmente fechada, a gente tem esse tempo para se apropriar enquanto educativo, de pensar: “Vai chegar isso aqui”; “O que a gente pode colocar aqui dentro?”; “O que a gente consegue criar de narrativa?”... Fica mais rico o nosso atendimento.

EDUCADORA: Acho que precisa essa questão de ter as formações periódicas. Porque é isso para eles [educadores que tiveram a formação]. A gente aqui não tem essa riqueza de detalhes, não tem essa riqueza de informações. Acho interessante essa questão periódica das outras galerias que vierem, das outras exposições que vierem, porque a pessoa que veio trazer essa exposição tem uma visão do educativo que está aqui todos os dias. Pode ser que ele tenha uma ideia e essa ideia não seja alcançada. E aqui, a gente trazendo as nossas opiniões, as nossas visões em relação ao que passamos com o público, eu acredito que pode até mudar toda a roupagem da exposição, trazendo algo um pouco mais rico do que o próprio artista quis...

[...]

EDUCADORA: É, vale a pena ressaltar que só estava uma parte da equipe, e essa equipe dos orientadores que nós temos hoje ela também chegou há dias. Então a gente teve essa questão da troca. Eles tiveram a primeira fase da equipe teve essa formação sobre essa galeria. Nós, que chegamos depois, a gente não teve formações sobre essas galerias e acabou que, infelizmente, a gente não tinha muita base para fazer roteiros e essas coisas. Então, a gente chegou na aplicação dos

roteiros que já existiam. Então, só para você entender como funciona essa logística nossa. **PESQUISADOR:** ... a diferenciação da entrada de cada um...

EDUCADORA: Isso, exatamente! A primeira equipe teve um preparo um pouco mais extenso que nós. A gente teve uma formação também, só que a formação deles foi mais extensa, né, acredito, e mais focada em algumas coisas do que nós. A G. mesmo nem chegou a ter formação. Ela já chegou no embalo.

Educadores, SESI Lab

Já a interlocução com os orientadores de público foi construída aos poucos durante o trabalho de campo. Apesar de não ter sido possível realizar uma roda de conversa com eles, o fato de sempre haver pelo menos um orientador na exposição temporária para as visitas espontâneas possibilitou o estabelecimento de relações mais contínuas entre esses profissionais e os pesquisadores. Diferentemente dos educadores, eles eram trabalhadores terceirizados e temporários, a maioria contratada apenas para o mês de julho:

W. foi contratada, assim como a maioria dos demais orientadores, para trabalhar apenas durante o mês de julho, mês de férias escolares. O trabalho era por escala, tanto em relação aos dias de semana como no que se refere aos espaços de atendimento. Ela trabalhava somente nos dias de semana

e estava na exposição temporária apenas naquele momento, já que revezava com outros orientadores os espaços em que ficavam. A escala só era de conhecimento antecipado pelo coordenador, chamado Mateus. Eles eram contratados pela empresa Metamaker [...]. Falou que poderíamos conversar com ele [Mateus], que estava havia mais tempo no espaço, e com os educadores, que usam camiseta bordô, já que os orientadores vestem laranja.

Relato de Campo

B., que estava no turno da manhã, contou que trabalha desde janeiro no SESI Lab e que apenas agora está rolando essa rotatividade de orientadores (isto é, a finalização do contrato dos antigos, a contratação temporária para julho e a seleção para efetivos a partir de agosto). Já K., a outra orientadora, contou sua experiência como freelancer e que estará no SESI Lab só em julho.

Relato de Campo

Durante esse período, inclusive, estava sendo realizado um processo seletivo para a contratação de orientadores fixos pelo próprio museu. Alguns dos temporários sabiam do processo e estavam participando; outros desconheciam e lamentavam o fato de a oportunidade não ter sido comunicada abertamente:

Foi justamente na conversa com os orientadores que algumas coisas começaram

a chamar a atenção. Z. se solta e começa a falar sobre quão precárias e pouco transparentes são as relações. Ele diz que não foi avisado para os orientadores temporários que estava acontecendo o processo seletivo para o contrato de um ano, isto é, eles não foram informados de que havia um processo de contratação em curso, mesmo para aqueles que já estavam contratados como freelancers.

Relato de Campo

Alguns orientadores deram a entender que não tiveram treinamento adequado para a função, o que gerava muitas dúvidas na atuação:

K., que já era mais próxima e iniciou a conversa, integrando Z. ao assunto, dizia que tinha muitas dúvidas sobre o funcionamento do museu e que às vezes não entendia ao certo nem as próprias funções dos orientadores. Eles contaram que fizeram treinamento de um dia que foi pouco esclarecedor, muito repetitivo e que só na prática eles souberam o que deveriam fazer e como.

Relato de Campo

O relacionamento entre as equipes, apesar de recente, se revelou desafiador. Essa tensão, aliada à falta de entendimentos adequados por parte dos orientadores sobre a própria função, pode ter impactos no atendimento e na interação com os visitantes:

Z. contou que a relação com os educadores é ruim e que eles às vezes não respondiam nem um bom-dia que recebiam dos orientadores. [...] Esse tipo de relato é interessante, pois demonstra que as relações entre eles interferem diretamente em seu trabalho, em sua disposição, ânimo, e, conseqüentemente, em como eles interagem com o público. K. diz que vê muitos orientadores sentados ao longo dos turnos, o que achava errado. Z. diz que os orientadores podem se sentar um pouco, que não há problema naquilo. Ela responde dizendo que achava que não podiam se sentar. Z. respondeu que “é humanamente impossível ficar 5, 6 horas de pé, sem sentar”.

Relato de Campo

Assim, a percepção de que o trabalho de orientador era desgastante também resultava em casos de pouca disposição em lidar com os públicos, apesar de esse comportamento variar de um profissional para o outro:

Perguntei sobre os tempos de descanso e eles disseram que eram só 15 minutos por turno. Z. disse-nos que eles têm que dobrar

eventualmente e que, por isso, chegam a cobrir os dois turnos em um único dia aos finais de semana, tornando a experiência muito cansativa. Esse cansaço faz com que eles tenham pouca disposição para lidar com os públicos. Z., por exemplo, diz que essa galeria é tranquila, que ele consegue observar tudo de um único ponto, mas que nas de baixo o desgaste é muito grande, então ele não se esforça mais. Dizia que, na galeria de baixo, quando as bolas caem no chão em um dos aparatos, ele não se esforça mais para pegar e às vezes diz que não tem vontade de interagir e auxiliar os públicos. [...] K. dizia que se esforçava para ajudar os públicos, inclusive para preservar os aparatos, pois muitas pessoas faziam maus usos deles, chegando a danificá-los. Z. diz que não tem energia para interferir, nem para ajudar os públicos a interagir com os aparatos. K. diz que tem dúvidas se eles têm, de fato, que ajudar na interação dos públicos com os aparatos, dizendo que já ouviu de outros colegas que os orientadores não podem ensinar a mexer com os aparatos, porque eles têm que aprender sozinhos, fazendo. Z. diz que, segundo o treinamento recebido na



véspera de iniciar o trabalho, os orientadores devem sim fazer isso ao perceberem que algum visitante apresenta dificuldades em utilizar o aparato. K., como já vimos outras vezes, sempre se oferece para auxiliar na interação dos públicos com os aparatos. Eles diziam que aqui o trabalho era menos cansativo, pois a exposição temporária era menos barulhenta e as crianças passavam menos tempo. Ao mesmo tempo havia menos coisas para danificar, pois os aparatos não eram tão complexos, nem tão sensíveis. Em

geral, eles só precisavam chamar a atenção das crianças para não passar por entre os painéis de madeira ou para não quebrarem os botões do teclado do Quiz.

Relato de Campo

Essa situação se mostrou relevante para a pesquisa porque possivelmente influenciava na relação entre orientadores e educadores, bem como na relação entre os primeiros e os visitantes. Foi possível notar um sentimento, entre

Eles contaram que fizeram treinamento de um dia que foi pouco esclarecedor, muito repetitivo e que só na prática eles souberam o que deveriam fazer e como. (Relato de Campo)

K. diz que tem dúvidas se eles têm, de fato, que ajudar na interação dos públicos com os aparatos, dizendo que já ouviu de outros colegas que os orientadores não podem ensinar a mexer com os aparatos, porque eles têm que aprender sozinhos, fazendo. (Relato de Campo)

alguns orientadores, de que existiria uma hierarquia no museu e que eles, os orientadores, estariam em uma camada inferior, abaixo dos educadores. Não era um pensamento homogêneo, mas surgiu com alguma frequência. Os próprios orientadores tinham interesses variados. Alguns de fato gostariam de continuar o trabalho no museu; outros viam apenas como um “frila” e não demonstravam a intenção de prosseguir, mesmo se tivessem tomado conhecimento do processo seletivo.

A relação dos orientadores com os visitantes, na maioria das vezes, era de distanciamento. Alguns orientadores, embora no espaço expositivo, ficavam mais afastados, mantendo pouca interação com os visitantes. Quando havia um orientador mais próximo, os visitantes frequentemente recorriam a ele, o que fazia com que seus serviços fossem mais acionados. Apesar de estarem nesse trabalho havia pouco tempo, isto é, desde o começo do mês de julho (quase uma semana antes do início da pesquisa de campo),

muitos se mostravam desinteressados. É difícil afirmar a origem desse desinteresse, se era o sentimento de precariedade do trabalho, a falta de perspectivas profissionais na instituição e fora dela, a visão de que era um trabalho temporário sem muito significado, a percepção de sua condição na hierarquia institucional etc. Ainda mais difícil é relacionar de maneira exata sua percepção da condição de trabalho com o atendimento aos visitantes. Entretanto, esse é um ponto que deve ser assinalado para a reflexão.

Nas conversas com os orientadores, foi percebida em algumas ocasiões certa hostilidade em relação a uma parcela dos visitantes, especialmente os pais ou adultos que acompanhavam as crianças. Como abordado no capítulo 2, a relação entre orientadores e esses adultos não acontece isenta de conflitos. As situações observadas e narradas dizem bastante sobre as expectativas desses profissionais a respeito da conduta dos visitantes adultos acompanhados de crianças, e o mesmo se apli-

ca às expectativas de tais visitantes acerca da função dos profissionais e dos usos e funções do próprio espaço museológico.

Os orientadores se sentiam, com frequência, usados pelos responsáveis das crianças, que, segundo eles, levavam os filhos para “gastar a energia” no museu e, algumas vezes, chegavam a deixá-los lá sem supervisão, na confiança de que os orientadores fariam isso:

*C., a outra orientadora do horário, havia dito momentos antes que os pais levam os filhos ao SESI Lab e se abstêm de cuidar deles, o que gera desafios para os orientadores. Ela disse que certa vez uma criança se pendurou numa das cabines do “Aprender a aprender”, mas o pai não fazia nada. Ela informou ao pai que não podia usar a cabine daquele jeito, no que foi respondida com “ah, não pode?”.
Relato de Campo*

*Conforme a conversa se aprofunda com os orientadores, percebe-se uma crescente hostilidade deles em relação aos pais e responsáveis.
Relato de Campo*

C., a outra orientadora do horário, havia dito momentos antes que os pais levam os filhos ao SESI Lab e se abstêm de cuidar deles, o que gera desafios para os orientadores. (Relato de Campo)

*Já ouvimos outras queixas dos orientadores de público sobre as interações com os visitantes que são mães ou pais e que pensam que os orientadores estão ali para servi-los, para receber ordens. Eles mencionavam que, por vezes, os filhos ficavam soltos e os responsáveis se engajavam com algum aparato ignorando eventuais maus comportamentos das crianças.
Relato de Campo*

Os orientadores apontaram, ainda, que muitas vezes eram acionados para resolver problemas com os visitantes, apesar de considerarem não ter recebido treinamento adequado:

C. e O., dessa vez juntos, contaram um episódio que aconteceu de manhã com O. numa das oficinas oferecidas pela programação. Relataram que uma mãe que não havia inscrito a filha na atividade queria a todo custo que ela participasse mesmo assim. Para isso, acionou todo mundo que podia, chegando a “invadir” a área do educativo, até que finalmente colocaram a menina na atividade. Após dez minutos na oficina, a mãe retirou a filha para ir a outra

atividade. Depois, num momento só com O., o pesquisador perguntou se eles recebiam treinamento para lidar com situações como aquela, mas o orientador disse que não.

Relato de Campo

O pesquisador soube de um conflito que estava acontecendo em uma das galerias do andar de baixo. Um dos visitantes estava ocupando um aparato mais tempo do que o devido e outro visitante se queixou dele na bilheteria. O responsável pela bilheteria procurou a recepção, que, por sua vez, o dirigiu aos orientadores. Ao chegar em K. e B., que estavam de serviço naquele momento, nenhum sabia bem como proceder, pedindo que ele procurasse Lucas ou Mateus (o primeiro é um dos coordenadores do educativo, o segundo coordena os orientadores).

Relato de Campo

Por sua vez, a relação dos educadores com os visitantes pôde ser pouco observada, pois, como mencionado, seu trabalho na exposição temporária era, em grande parte, com as visitas mediadas para públicos escolares. Durante o período de campo, eles atuaram nas outras galerias, sobretudo em oficinas previstas pela programação. Como a observação participante se concentrou na exposição O futuro das profissões, a interlocução com esses profissionais restringiu-se à roda de conversa realizada em 11 de julho. Exceto em uma ocasião:

Naquele dia, no fim da tarde, vimos a primeira visita guiada pela exposição a um grupo de adultos. O educador apresenta a exposição temporária e fala da relação de presente, passado e futuro das profissões. “O que você quer ser quando crescer?”, provoca ele, despertando risadas nos participantes. Embora o questionamento parecesse engraçado, notamos como os adultos começavam a falar de coisas que eles desejavam ser quando crianças. Eles decidiram começar a visita pelo andar de baixo, o que fez com que essa fosse a única observação (em período de campo) da interação entre educadores e o público em uma visita guiada.

Relato de Campo

De todo modo, a interação entre educadores e visitantes foi possível de ser captada tanto na roda de conversa com eles como nas rodas de conversa com estudantes e professoras que participaram de visitas mediadas à exposição.

Os educadores relataram certa dificuldade em desenvolver a mediação na mostra temporária em decorrência da alta movimentação no ambiente, com muitas crianças correndo e gritando, apesar de isso ocorrer em menor proporção do que em outras galerias. Os estudantes e professoras ouvidos nas rodas de conversa também relataram dificuldade de acompanhar a visita, inclusive para ouvir o educador, por causa do barulho no espaço expositivo. Muitos aparatos não podiam ser acessados durante a

“O que você quer ser quando crescer?”, provoca o educador, despertando risadas nos participantes. Embora o questionamento parecesse engraçado, notamos como os adultos começavam a falar de coisas que eles desejavam ser quando crianças. (Relato de Campo)

visita educativa porque o tempo era curto e, em alguns aparatos, como o Quiz, a disputa era acirrada com as demais crianças e adolescentes.

PESQUISADOR: Quando vocês entraram na exposição, eu imagino que foi com agendamento do SESI Lab. etc., vocês foram recebidos por um educador lá no início. E o que vocês mais gostaram da interação com essa pessoa que acompanhou vocês? [...]
ALUNA: Olha, eu fui duas vezes, uma com o professor Alex e outra com a professora Shirlei. [burburinho]. A primeira vez que eu fui tinha tanta coisa em volta, a gente entrou e tinha um monte de coisa de experiência física e eu não prestei atenção em nada, fiquei só olhando em volta, aí na segunda vez que eu tinha ido, eu prestei um pouquinho mais de atenção, mas [o educador] era um cara diferente e ele falava muito baixo, não dava para escutar muita coisa.

ALUNA: Eu fui só uma vez com o Alex e daí como tinha muita coisa à minha volta, muita atenção, as pessoas se dividiram em grupos

e cada um foi para onde interessava, então meio que, ficou meio bagunçado, não deu para prestar muita atenção porque era muita novidade, muita coisa ali, muita distração porque o museu é interativo né? Então daí eu não consegui [...]

ALUNA: Eu gostei bastante [do educador] porque ele interagiu com a gente, ele ia lá, fazia perguntas, puxava a gente e perguntava “o que você viu ali? Com o que você mais se identificou naquela profissão?”, então eu entendi bastante o que ele falou, eu gostei. [...]

PROFESSORA: Também tem um detalhe, quando a gente foi, foi uma galera, a gente foi de ônibus, foi muita gente, e da primeira vez que eu fui com eles foram só quatro alunos, então é mais fácil prestar atenção nos detalhes.

ALUNA: É verdade, eu fui nesse com o Alex e não deu para prestar atenção em quase nada.

ALUNO: É verdade.

ALUNA: Com o Alex tinha muita gente, teve coisa que a gente não conseguiu ver porque tinha muita gente em volta.

PESQUISADOR: Então ir com um grupo muito grande dificulta interagir com a exposição?

ALUNA: Ah, com certeza. A gente teve que esperar na fila para conseguir interagir com alguns [aparatos].

Roda de Conversa, CEM Paulo Freire

PROFESSORA: Vania, você foi na visita. O que apareceu pra você lá?

ALUNA: Eu não fiz aquele ali [*Quiz das Profissões*] porque não deu tempo, eu fiz o de trás [*Mundo Senai*], mas eu não gostei do que deu. Tudo é voltado para tecnologia, mas não tem nada a ver, nada a ver comigo. E eu respondi certinho.

ALUNA: Esse eu também não lembro.

ALUNA: É porque estava cheio também, na hora que a gente saía... tinha gente na fila, aí a gente foi no de trás. E as crianças tudo doidas.

Roda de Conversa, IFB Taguatinga

ALUNA: Na hora que a gente passou lá estava cheio de crianças nessa parede...

ALUNA: Aí a gente passou direto para os totens...

PESQUISADOR: Então não deu pra disputar com as crianças?

ALUNAS: Não.

PROFESSORA: Existia uma ética (risos).

PESQUISADOR: Beleza, então não foi por ordem de chegada, foi por quem tinha mais poder ali?

ALUNA: Quem tinha mais “soltura”, chegou e se espalhou...

PESQUISADOR: Então se vocês foram

Eu gostei bastante [do educador] porque ele interagiu com a gente, ele ia lá, fazia perguntas, puxava a gente e perguntava “o que você viu ali? Com o que você mais se identificou naquela profissão?”, então eu entendi bastante o que ele falou, eu gostei. (Estudante, CEM Paulo Freire)

direto para os totens lá, como é que foi a interação de vocês com os totens, com os smartphones? O que vocês fizeram com esses smartphones lá?

ALUNA: A gente não foi nesse.

Roda de Conversa, IFB Taguatinga

Vale indicar, entretanto, que muitos aparatos não eram escolhidos pelos educadores para a visita mediada, seja por sua complexidade – que se julgava inadequada para tal visita –, seja por decisão pessoal:

Eu ia falar assim, eu acho que é uma coisa de usar ou preferir aparatos, passa também pelo tempo que ainda tem. Porque muitas vezes nós vamos, como já dissemos, com uma visita técnica. Então eu costumo fazer como o E. falou. Eu apresento a galeria de modo geral, falo o que é cada aparato e dou um tempo para eles experimentarem. Eu gosto muito de “O tempo das coisas”. Eu gosto muito de ler. Então eu fico lá feliz da vida. Só que gasta muito tempo. Então muitas vezes

não dá para a gente... Porque muitas vezes se você estimular que ela vá em “O tempo das coisas”, ela só vai em “O tempo das coisas”. Ela não vai no restante. Aí ela vai sair muito frustrada porque ela não viu toda essa outra parte interativa. E o *Quiz das Profissões* eu costumo indicar mais para o público de Ensino Médio. Mas eu já fiz mais de uma vez e as respostas para mim não fluíu. Eu achei que não estava bem programado, sabe? Então eu também como usuária não acho que o Quiz estava bem redondinho de fato. E por isso eu dou essa estimulada mais para o público de ensino médio, mas acho que em relação aos demais é o que eu menos passo/ **Educadora, SESI Lab**

Os educadores afirmaram elaborar estratégias diversificadas, como sentar em roda, no chão, com o grupo, para manter a atenção dos jovens visitantes e evitar sua dispersão pela exposição:

EDUCADORA: [...] é isso, só uma estratégia que eu usava na mediação, para poder

manter essa atenção um pouco mais em mim, assim, eu fazia eles sentarem no chão, aquela parte que tem as placas das pessoas, né? E aí é um círculo. Então, toda vez que eu ia fazer a dinâmica das profissões, dentro do roteiro, eu sentava eles. E aí eu conseguia, nessa mudança corporal, eu conseguia trazer um pouco mais da atenção para mim. Ainda assim, às vezes, eles estavam olhando, querendo saber... o que estava por trás, assim. Mas eu percebi que se eles ficam em pé, eles vão [...]. E aí, quando eu sentava eles, eu conseguia um tempo maior de atenção. Que é uma coisa que eu acho que é uma questão para todas as mediações aqui do SESI Lab. A atenção a gente tem que ficar conquistando o tempo inteiro, porque tudo é interessante, né?

[...]

EDUCADORA: Pois é. E aí, eles vão também no celular, apertam, veem que não tem nada de interessante. E aí eles só ficam mesmo

Uma estratégia que eu usava na mediação, para poder manter essa atenção um pouco mais em mim, assim, eu fazia eles sentarem no chão. (Educadora, SESI Lab)

5 interação

por conta do *Quiz do Profissões* do futuro e nem o vídeo que eu acho super legal, do Sr. Chico lá, que tem cena de filmes, eles não gostam de parar para assistir. É muito demorado. E aí, uma coisa que eu também sinto, que é uma dificuldade da galeria, além de ser esse problema da faixa etária, é que, além disso, mesmo quando eu estou com grupos maiores, os maiores que eu digo são de faixa etária, né, pessoas mais velhas, adultos ou estudantes de Ensino Médio, de Ensino Superior. Uma coisa que eu acho problemática, um pouco, é o tempo que as pessoas ficam em cada aparato. Porque, por exemplo, eu acho muito legal aquele do Sesi Senai, que é a parte que tem a biografia das pessoas. Só que é difícil fazer uma mediação ali. Porque as pessoas não vão parar todo mundo, olhar e ler, elas não fazem isso. Elas ficam olhando, elas ficam olhando, esperando o tempo passar. Elas têm um pouco de pressa, assim. E se a gente deixa todo mundo lá lendo, eles dispersam. E essa é uma coisa que é um desafio para a gente enquanto educadora. É deixar com que as pessoas fiquem entretidas durante a nossa visita e não dispersem. Porque é muito fácil. Se a gente para de falar, para de fazer mediação, eles vão ao banheiro, eles saem,

vão na outra galeria, vão na varanda, vão no café, vão na loja. E aí a gente perde o grupo. Então, essa é uma coisa que eu sempre levo em consideração na hora de escolher o aparato. Eu vou numa coisa que eu consiga ser pontual. Eu não consigo chegar e, por exemplo, ficar lá para fazer eles lerem. Ou eu vou fazer uma pergunta, isso foi até uma ideia que eu peguei vendo a T. fazendo, em que ela estava falando sobre a questão da sua profissão. Será que a sua profissão vai... Como é que ela vai ser no futuro e tudo mais? Então, parou naquela situação ali para falar sobre si, sobre cada um dos visitantes. Eu achei que foi uma ideia interessante, porque a gente consegue meio que ancorar eles em uma pergunta. E, geralmente, quando eu quero ter a atenção de todo mundo e não quero que eles se dispersem, o que eu faço é ir em coisas que eu consigo ser muito pontual. Então, eu vou naquela lá do final, que inclusive entrou depois, ela não estava no início da galeria quando começou em novembro. É aquele que tem “tudo o que eu toco”. Eu consigo, literalmente, pegar uma imagem e fazer uma mediação com as pessoas. “Vocês acham que isso aqui é uma... mulher, é um homem... Ou uma pessoa que a gente não consegue distinguir o

gênero? Qual a idade dessa pessoa? Será que ela é do Brasil?” Eu vou fazendo perguntas e as pessoas começam a pensar. E aí a gente chega na resposta.

[...]

EDUCADORA: Eu acho que na minha experiência de mediação eu acho muito interessante porque eu começo perguntando sobre as profissões. E sempre todas as crianças querem ser as mesmas coisas. E aí, eu acho legal porque tem aí o dado que a gente encontra que as profissões... uma parte não existe. E eu sou um exemplo de que não trabalho com nada de uma profissão pré-estabelecida. [A educadora exemplifica como interage com o grupo partindo de sua própria trajetória pessoal, que é múltipla]. Se não fosse o combo, eu não teria estado onde eu estou. E aí as crianças ficam meio, tipo assim, “ah, então eu não preciso escolher, eu não preciso ser engenheira, eu não preciso ser advogada, eu não preciso ser médico”. E eu acho isso muito legal, porque causa uma dissonância. Elas chegam com o pensamento pré-estabelecido e aí você fala, “não, mas eu sou um exemplo físico. Estou aqui dizendo que você não vai escolher essa profissão... Não é que você não vai. Mas o futuro não é tão previsível quanto essa profissão que você está escolhendo. E tá aqui a exposição mostrando isso. Que provavelmente você vai escolher alguma coisa que talvez não vai existir, que vai mudar e que é legal você já pensar nessa mudança. Que é imprevisível”.
Educadoras, SESI Lab

O roteiro para a exposição temporária também foi pensado por meio de uma seleção de aparatos:

O roteiro que a gente construiu, a ideia era tentar marcar o máximo dos aparatos dessa galeria. Não dá para pegar tudo [...]. Então, a gente optou por focar mais em alguns, deixar alguns outros mais... Só dar pequenas pinceladas. Foi bem simples. Eu acho que foi uma temática muito interessante para os meninos do ensino médio, e para a escola técnica. Porque eles, principalmente nos smartphones [Nexo]... Assim, eu acreditei que eles não iriam se engajar tanto, porque a minha ideia era separar grupos para eles pesquisarem algo que lhes interessem, os aplicativos. E eu achei que eles iam se dispersar, que eles não iriam ficar tão interessados. E foi uma surpresa para mim, porque eles, quando falam de mulheres no mercado de trabalho, ou da faixa etária e mercado de trabalho, eles até começam a debater e discutir sem a minha mediação. Eles, naturalmente, espontaneamente, começam a conversar. Então, foi isso. A gente tentou focar em mais alguns do que em outros e na dinâmica, e principalmente no Quiz, que eu acho que o Quiz é o... queridinho, assim...
Educador, SESI Lab

Muitas vezes a seleção pode ser atribuída ao gosto do educador:

Uma coisa que eu acho problemática, um pouco, é o tempo que as pessoas ficam em cada aparato. (Educadora, SESI Lab)

EDUCADORA: Os outros eu não passo. [...] Eu acho que é até interessante para pesquisa de vocês o gosto também do educador. Eu, por exemplo, não gosto de passar em alguns aparatos aqui no museu porque eu não tenho paciência. Eu, T., sou uma pessoa que não tem paciência. E eu sou uma pessoa até bem paciente para certas coisas. Então, assim, eu acho que não vai porque eu não sei como eu vou fazer uma interação divertida, porque eu vou muito do lado do útil, porque não é muito da cultura do brasileiro ir em museu. Então, quando você vai em museu, o que você espera é que seja um museu parado, onde você olha as coisas e fica lá refletindo. E não é todo mundo que tem paciência para refletir. Então, assim, os que já me lembram essa questão de parar para refletir, eu não vou.

EDUCADORA: Mas isso também, que você está falando, do gosto. Mas também a gente como usuário do aparato, né. Porque quando a gente faz a visita, como eu, como visitante, interage quando vê isso, né? E a gente vai fazendo esse intercâmbio. E eu também. Eu não gosto de passar na parede [*Jogo das Placas*], porque a minha experiência como usuária não é boa.

EDUCADOR: Ou como eu, coloco 20 ou mais pessoas para usarem ao mesmo tempo aquele aparato.

EDUCADOR: Eu esqueço que tem.

EDUCADOR: Pois é.

Educador: Eu nunca fui lá. Eu nunca mexi nele. [risos]

EDUCADOR: E é curioso porque eu acho os “Classificados” muito mais possível de fazer interações com ele do que com o do “seu Chico”. Porque as pessoas não veem os “Classificados”. Eles sentam, veem o “seu Chico” e vão fazer outra coisa. Mas aí quando eu falo pra ver os “Classificados”, as pessoas param o tempo, a gente aborda muito mais do que apenas que profissões acabaram e que vão existir. Então, no “Classificado”, tem um que aparece “Preciso de homem jovem branco para ser atendente”. Aí a gente já entra, a gente já pode entrar em diversos outros aspectos sociais. Enfim, o passado, como era, tudo isso. Eu sinto muito mais concreto, assim, até prazeroso fazer uma dinâmica, de fazer uma interação com os classificados, porque a gente mostra o classificado desde 1910 até, sei lá, 1990. E aí a gente consegue ver toda essa mudança que teve. E aí abordamos várias coisas.

Educadores, SESI Lab

Contudo, a escolha de aparatos mais apropriados para passar com os visitantes em grupo não parece ser necessariamente apenas uma questão de gosto pessoal ou idiossincrasia do educador. Com base no discernimento e experiência deles do que funciona e do que não funciona na mediação, essas escolhas também são entendidas como uma “curadoria da mediação”:

Eu acho que essa coisa de pular aparatos, a palavra que eu usaria não seria nem a palavra gosto, a palavra aí é “curadoria de mediação”. (Educadora, SESI Lab)

Sim, eu acho que essa coisa de pular aparatos, a palavra que eu usaria não seria nem a palavra gosto, a palavra aí é “curadoria de mediação”. Não é qualquer um, mas é mais esse lugar de entender de fato como que vai se dar o processo de... coisas que vamos falar durante a experiência, então eu acho que tem aparatos que permitem menos essa mediação mais aprofundada, são mais rapidinhos, são mais diretos, são mais para eles observarem, tem uns que não permitem uma grande quantidade de informações, trocas, afetos, vivências e experiências de trocas entre o mediador e o público, e aí tem outros que permitem que a gente consiga se aprofundar mais em temas muito importantes, inclusive para a sociedade, então eu diria que é muito mais sobre uma curadoria dessa experiência e do que vai ser dito durante o processo de mediação do que sobre “gosto” ou “não gosto”, sabe, é sobre o que me permite ser dito no processo de mediação.

Educadora, SESI Lab

Segundo os educadores, é preciso ter uma sensibilidade para pensar o que é mais adequada para cada público:

Mesmo com um grupo de adultos, com um grupo de 40 adultos, o que eu fazia na minha mediação era chegar na frente da galeria, fazer algumas provocações, apresentar quais eram as áreas e deixar eles investigarem pessoalmente. Porque é o que a galeria, o espaço que ela tem, a dimensão das obras que ela tem, permite. E daí isso acho que é um pouco disso que você perguntou, de como a gente pensa esses roteiros. Porque, por exemplo, foi pensado esse roteiro especificamente para aproveitar essas exposições que estavam ali. Mas, se eu estou numa visita, que é uma visita técnica ou uma visita para apresentar o espaço para essas coisas, eu vou fazer uma mediação ali ou vou chegar na frente, fazer essa provocação e deixar o pessoal interagir por conta própria, no máximo passando os minutos, porque se formam grupos em volta de alguns aparatos, e fazer uma pequena interação ali. Mas, com o grupo todo, o espaço não é vantajoso. E com os adultos eu sinto o caminho contrário. Porque quando a gente está em uma mediação, a gente acolhe uma criança e a gente sai dela sem trabalhar com ela, isso gera frustração. Só que na verdade os adultos, que já estão estabelecidos nessa

frustração já gerada anteriormente, eles se sentem acolhidos quando eles percebem que “não, eu sou bem-sucedido, eu já me formei em alguma coisa, eu não trabalho com aquilo, mas está tudo bem”.

Educadora, SESI Lab

Por isso, às vezes, muito mais importante do que o roteiro é como se consegue provocar a reflexão dos visitantes:

EDUCADOR: [...] antes de entrar na galeria, a gente faz essas perguntas provocadoras. Uma pergunta que eu sempre faço, que foi graças ao André, da Expomus, que a pergunta é... eu aponto para qualquer pessoa. Todo mundo tem que responder, eu aponto para a pessoa. E eu pergunto “o que você quer ser quando crescer?”. Quando são crianças, sempre é astronauta, engenheiro, médico, depende da família. Só que eu também faço essa pergunta para adultos. E quando eu faço a mesma pergunta para adultos, o que você quer ser quando crescer? Eles travam. Tipo assim, uns 80, 70% das vezes ele travam. Ou então o adulto tá naquela de brincar e falar astronauta, porque quando era criança falava astronauta.

EDUCADORA: Eu ouvi muito “herdeiro”. “Não vai tá rolando...” [risos] Eu ouvi muito “herdeiro”.

EDUCADOR: É, pela piada. Mas quando eu pergunto, eles falam... Alguns falam, “uai, mas... eu já cresci”. Mas não é a palavra

Eu acho que ele nos preparou na entrada, então quando ele deu aquele preparo ali e perguntou “o que você quer ser quando crescer”, quando ele deu aquele preparo e a gente ficou assim “meu deus, o que é que tem lá dentro?”. (Estudante, IFB Taguatinga)

“crescer”, é a palavra “ser”. Então, o que que você quer ser? Eu só sou aqui, eu exerço. Então, quando você pergunta pra uma criança o que que você quer ser... E ela fala uma profissão... Aí a gente começa a linkar o ponto do ofício, né? Como que a profissão tá voltada pra meio que a sua identidade. O que que você é. Desde sempre assim. Desde que a gente é criança é levado a isso. E aí quando eu falo isso pros adultos, muitos dizem, têm uma miniepifania, assim.

EDUCADORA: “Eu não sou dentista? E já cresci”.

EDUCADOR: Exatamente.

Educadores, SESI Lab

Eu acho que o diferencial também foi ter sido uma visita guiada, assim, [...] antes de a gente entrar ele já fez uma pergunta assim bem clichê do tipo, “o que você quer ser quando você crescer?”, e a gente sempre vincula isso a uma profissão, alguma coisa assim, e eram reflexões muito mais profundas do que ele estava puxando a gente, e aí, teve isso de ele guiar, direcionar a gente ali. Assim, eu particularmente não consegui explorar muitas

coisas com tanta atenção porque estava muito conturbado, com muita criança, então acabou que, assim, a dinâmica foi um pouco complicada, mas foi muito legal ver que... a expansão de ideias do que foi, do que é e do que pode ser, essa questão da profissão.
Estudante, IFB Taguatinga

Eu acho que ele nos preparou na entrada, então quando ele deu aquele preparo ali e perguntou “o que você quer ser quando crescer”, quando ele deu aquele preparo e a gente ficou assim “meu deus, o que é que tem lá dentro?”, aí naquela das pessoas ele ficou com a gente, no filme ele ficou com a gente, algumas ele deixou a gente explorar o ambiente, mas essa introdução foi muito legal porque aí o espaço, o jeito que foi montado, as cores, já despertam a gente...
Estudante, IFB Taguatinga

As categorias para nomear os tipos de visitas existentes apareceram como objeto de reflexão pelos educadores: visita agendada, visita técnica, visita espontânea ou livre/au-

toguiada, visita temática, visita temática com oficina. A interlocução com os educadores, durante a roda, revelou ser importante estabelecer um glossário comum com as modalidades de visitas educativas oferecidas e suas características e diferenciais.

Ainda com base na interlocução com educadores e orientadores de público, evidenciou-se também a necessidade de refletir a respeito de novas estratégias para as visitas autônomas nas exposições temporárias, que contribuam para provocar a reflexão e o exercício do pensamento crítico. Para muitos deles, como os visitantes não estão acostumados a visitar museus para uma reflexão crítica, ela só ocorreria quando houvesse a ação de algum educador ou orientador. Muitos visitantes procuram os orientadores com perguntas sobre o objetivo da exposição ou de algum aparato específico. Mesmo quando há textos com explicações, os visitantes tendem a abordar os orientadores, desde que estes estejam próximos e se mostrem disponíveis. ■



compreensão
geral e algumas
sugestões dos
participantes da
pesquisa



A compreensão dos públicos em relação à exposição temporária apresenta diversos matices, a depender de que tipo de percepção está em foco, bem como do perfil desses visitantes. No geral, a temática da exposição temporária era de fácil compreensão, de modo que raramente se constatou um entendimento não esperado.

A transformação nas profissões ao longo do tempo e as perspectivas de mudanças para o futuro no campo do trabalho foram facilmente identificadas pelos públicos ouvidos, seja por parte dos que visitaram a exposição durante o período de observação participante, seja pelo que foi possível apreender dos participantes das rodas de conversa realizadas.

Fala sobre as profissões e sobre o tempo, passado, presente, futuro. E isso também você vê as pessoas, não só o trabalho que elas executam, mas também como elas são. E isso relaciona também com as profissões e com o passado, presente e futuro, porque as profissões eles vão relacionar com o tipo de pessoa que você é, e o que vai acontecer com você depois, e isso interfere naquele negócio de mesmo que... qual o nome daqueles caras que coisas o elevador pra você? Do elevador, os ascensoristas... eles acabaram, mas ainda tem alguns, então essa coisa de manter eles no trabalho deles até eles morrerem, também tem alguma coisa sobre as pessoas, sabe? Sobre elas terem o direito de continuarem

com seus trabalhos mesmo que não seja alguma coisa atual, necessária, mas a pessoa merecer ter o lugar, então fala um pouco sobre isso também.

Estudante, CEM Paulo Freire

Se o tema geral da exposição, em nível mais amplo, parece facilmente entendido, o mesmo não pode ser dito sobre os subtemas e a articulação entre eles. A divisão por módulos, com seus objetivos específicos, como visto, não era entendida nem pelos educadores antes da formação com a Expomus. Desse modo, também não foi percebida pelos públicos que participaram da pesquisa, que, inclusive, pouco liam os textos de apresentação.

Eu acho que como sugestão para se pensar a partir disso, dessa exposição, a pessoa que chega de modo autoguiado, que de uma forma autônoma, sem estar com a nossa mediação ou sem estar com a interação do orientador

de público, ela não consegue perceber esses eixos que estão sendo propostos ali e não tem texto que provoque ela a pensar isso. Pensando que é uma exposição que é para um público mais velho.
Educador, SESI Lab

Há dois aspectos importantes aqui. Um deles, já abordado no capítulo anterior, diz respeito à formação dos educadores sobre o tema da exposição. A avaliação geral em roda de conversa foi que o trabalho do educativo seria muito mais eficiente na mostra temporária se eles tivessem recebido uma formação com antecedência. Sem a formação, mas com a exposição já em cartaz, eles se sentiam com menos repertório para realizar uma boa mediação. Depois que a formação aconteceu – ministrada por integrantes da Expomus, que conceberam a exposição temporária –, eles conseguiram elaborar propostas de mediação mais adequadas.

A pessoa que chega de modo autoguiado, que de uma forma autônoma, sem estar com a nossa mediação ou sem estar com a interação do orientador de público, ela não consegue perceber esses eixos que estão sendo propostos ali e não tem texto que provoque ela a pensar isso. (Educador, SESI Lab)

6 compreensão geral e algumas sugestões dos participantes da pesquisa

É preciso apontar que os educadores compreendem que o processo de abertura do museu foi muito rápido, de modo que alguns desajustes eram esperados. No entanto, eles sugeriram que daqui para frente sejam feitas formações periódicas, para que novos integrantes da equipe possam ter o conhecimento alinhado com os demais.

Mas outro aspecto levantado tem relação com a experiência autônoma. Os próprios educadores, mesmo lendo os textos da exposição, frequentemente não se sentiam seguros sobre os propósitos de um aparato ou outro. Segundo sua percepção, os “eixos” (ou subtemas) não eram possíveis de serem compreendidos por uma visita “autoguiada”, isto é, sem a mediação de um educador ou orientador de público. Embora houvesse textos com explicações sobre alguns módulos (de forma não tão nítida, pois não estava claro se havia distinção entre módulo e aparato), dificilmente eram lidos. De todo modo, mesmo sabendo da divisão por módulos com antecedência e lendo os textos durante a mostra, os próprios pesquisadores tiveram muitas vezes dificuldade de fazer a identificação e a correta correlação entre o texto e o módulo a que se referia.

Um exemplo: o texto a respeito dos *Totens/Vídeos* (idealizado como módulo “Aprender a aprender”) ficava entre a obra *Tudo o que To-*

camos, da fotógrafa argentina Paula Zuccotti, e os *Smartphones/Nexo*. O módulo em si consistia nas cabines com depoimentos em vídeo espalhados pela área central do espaço expositivo. Para além do fato de dificilmente alguém acessar as cabines depois de ler o texto, mesmo após a sua leitura, era uma tarefa árdua saber a que parte da exposição ele se referia, pois as atrações que estavam na mesma parede eram os smartphones e o painel com objetos da artista argentina. Além disso, não estava claro se essas atrações faziam parte de algum módulo ou se estavam ali de modo avulso. Em que pese os módulos, importantes no processo de concepção, não necessariamente terem que estar explícitos para os públicos após a mostra pronta, é importante avaliar o quanto essa comunicação mais estruturante de uma exposição pode, ou não, contribuir para uma melhor compreensão e fruição do conteúdo.

No que se refere à relação da exposição temporária com as demais galerias no imaginário dos visitantes, isto é, a compreensão de sua especificidade temática, cabe apontar que frequentemente o espaço era percebido como mais uma galeria. Mais possível de ser abordada nas rodas de conversa com as escolas, a percepção (ou não) da existência e singularidade de uma mostra temporária se mostrou desafiadora. Quando se perguntava o que mais havia cha-

mado atenção na exposição temporária para os participantes das rodas nas escolas, era comum a menção a algum aparato das outras galerias. Era preciso ressaltar que se tratava apenas da exposição *O futuro das profissões*. Às vezes a galeria *Imaginando Futuros* era entendida como parte da temporária, já que a temática também abordava o futuro e ficava na parte de cima.

Só a parte de cima que você tá falando?.
Estudante, CEM Paulo Freire

[...] PESQUISADOR: E pra vocês, quais foram os recursos mais interessantes, o que tinha nessa exposição que pra vocês era mais interessante?.

ALUNO: O piano, lá debaixo...
Roda de Conversa, CEM Paulo Freire

Até mesmo os educadores pareciam ter uma compreensão da exposição temporária em diálogo com a galeria *Imaginando Futuros*, tanto ao interpretar o volume de agendamentos, como mencionado no capítulo 4, quanto na elaboração dos roteiros de visita:

No roteiro, tem um aparato que eu uso, que é do torneio do futuro que é da galeria ao lado, que é *Imaginando Futuros*. Porque, no final, a gente ou coloca no início ou coloca no fim, depende da dinâmica. Porque a gente começa a falar das profissões do passado, presente

e futuro. E nessa dinâmica, a gente coloca profissões que são todas do passado. E a gente pergunta se é do passado, presente e futuro. E alguns não sabem se é do passado ou do futuro ou então, não sabem que é aquela profissão, tipo operador de mimeógrafo.
Educador, SESI Lab

Vale ressaltar que no início das rodas de conversa com as escolas foi projetada uma apresentação da exposição para relembrar os aparatos e de qual parte do museu se estava falando. Mesmo assim, foi comum haver confusões com outras galerias. Tais confusões eram mais difíceis de captar por meio da observação participante, uma vez que para conferir percepções um pouco mais elaboradas era preciso aprofundar a interação. Em geral, quando abordados, conforme explicado no capítulo 1, os visitantes se mostravam surpresos e frequentemente receosos, de modo que raramente foi possível extrair informações mais aprofundadas dessa maneira.

Todavia, a interação com os orientadores de público se mostrou valiosa, pois mediante seus relatos e percepções sobre a visitação era facilitado o acesso a alguns comportamentos dos visitantes. O que mais se destacou nessas conversas foi a percepção, por parte desses orientadores, de que a exposição temporária exigia uma postura reflexiva para a compreen-

Eu acho que essa galeria, diferente de todas, você precisa ter uma interpretação ampla e você precisa estar disposto a aprender o que ela traz. (Educadora, SESI Lab)

são do seu conteúdo, o que eles consideravam raro verificar nos visitantes. Um dos motivos, na opinião deles, era que as outras galerias não exigiam a mesma postura. Assim, as pessoas que acessavam a exposição temporária depois de passar pelas outras atrações do museu costumavam reproduzir o comportamento mais dinâmico e interativo dos outros espaços. Apesar de também ser interativa, a mostra temporária demandava mais leitura e reflexão. Isso aparecia como uma tarefa árdua para os adultos acompanhados das crianças, que frequentemente estavam frenéticas. Ou, então, todos estavam cansados, pois em geral chegavam nela já no final da visita. Os educadores também salientaram esse ponto:

[...] é aquela questão, você lê, pode até ler em um minuto, mas será que você vai entender o que está lá dentro? Eu acho que vai muito da questão da interpretação. Essa galeria, ela exige pontos em que nossa geração não está preparada. Porque a gente vai muito do imediatismo, que é uma coisa que a gente já trouxe, é algo que, por exemplo, o vídeo de TikTok não tem um minuto. Você entende,

o vídeo de TikTok tem segundos. Aqui você precisa mais de um minuto em cada aparato, você precisa de mais de um minuto em uma leitura, para você entender, para você refletir. Eu acho que essa galeria, diferente de todas, você precisa ter uma interpretação ampla e você precisa estar disposto a aprender o que ela traz. Que é uma coisa que as outras galerias não trazem. Você não precisa estar disposto a entender porque um pêndulo-serpente faz aquele movimento. Então você não precisa estar disposto a aprender porque o bate-queima bate e queima. Entende? Aqui você precisa entender algumas coisas. Porque quando você faz o Quiz da cerimonialista virtual... “Mas o que é cerimonialista virtual?”. Será que a gente tem essa maturidade para entender que realmente o cerimonialista virtual vai fazer aquilo? E muitos dos profissionais se questionam em relação a isso.

Educadora, SESI Lab

Outro aspecto apontado por alguns orientadores, além do comportamento imediatista dos visitantes, já assinalado no capítulo anterior, era o fato de Brasília não ter uma “cultura de museus”, o que implicava a falta de paciên-

cia ou ausência de predisposição para observar, ler e refletir. Para alguns, a única solução seria a oferta de visitação mediada de forma permanente, pois dificilmente os públicos conseguiriam absorver autonomamente o conteúdo exibido.

Para O., o problema é que Brasília “não tem uma cultura de museus”. As pessoas locais, segundo ele, não sabem usar o museu para uma reflexão mais aprofundada, “para obter conhecimento”. Em vez disso, utilizam o espaço para um lazer fortuito e, principalmente, para fazer com que as crianças “gastem energia”. Segundo ele, os visitantes, mesmo os adultos, não estão interessados em ler. Não leem nem mesmo as instruções simples dos aparatos das outras galerias.

Relato de Campo

Na sua opinião [de orientadora], deveria ter alguém do museu sempre disponível para explicar a exposição.

Relato de Campo

A necessidade de mediação para melhor aproveitamento do conteúdo também foi mencionada na roda de conversa com educadores:

Você tinha perguntado sobre qual é a concepção que o público tem da galeria, né? E aí eu vejo que o pessoal falou muito sobre essa crise do choque, sobre refletir, sobre

profissões que já acabaram, sobre as que vão surgir, tudo... Essa é uma parte importante da interpretação da galeria. Mas [...] Eu acho que é difícil as pessoas chegarem nesse aspecto sozinhas. Geralmente tem que ter um educador, uma mediação.

Educadora, SESI Lab

Evidentemente, é preciso ponderar esses comentários que valorizam o trabalho de mediação quando vindo de educadores e mesmo orientadores. Mas o ponto principal é a identificação de um obstáculo para a compreensão total do conteúdo da exposição temporária, seja por falta de costume dos visitantes com esse tipo de atividade, seja pela dificuldade em se manter um estado anímico adequado para a fruição após passagem pelas outras galerias.

De qualquer forma, a pesquisa conseguiu identificar alguns modos como os visitantes estabeleciam relações com o conteúdo, às vezes superficiais, é verdade, mas em muitas ocasiões revelando reações significativas que merecem ser detalhadas.

6.1 Reações ao conteúdo

Num primeiro momento, o conteúdo expositivo gerava reações variadas, e frequentemente com algum elemento de surpresa, quase choque.

6 compreensão geral e algumas sugestões dos participantes da pesquisa

EDUCADORA: Ali, eu acho que são várias reflexões. Grande em pensamento crítico. Desenvolver pensamento crítico. Nem tanto assim, aprender um conteúdo. Desenvolver o pensamento crítico. Sobre temporalidade, sim. Para os jovens adultos, é... “Por que eu estou estudando então?” E... “Será que isso aí vai ser útil se nem tem a profissão?” [...]

EDUCADORA: Todas as pessoas saem um pouco, tipo, “Hãmm?” [susto]! Educadora: Porque não é só para mudar a profissão. É [...] aprendizagem. Também [se trata] da forma como a gente tem ensino e currículo. Ela [a aprendizagem] ainda é estruturada para carreiras existentes. E aí, acaba... Educador: “Eu tô estudando pra ter um trabalho... e se não tiver o trabalho?”

Educadores, SESI Lab

Muitos visitantes se surpreendiam com o dado de que 85% das profissões de 2030 ainda não existem. A informação, escrita em placa instalada no teto de um corredor de passagem para o café/loja, em certas ocasiões, gerava comentários entre os que passavam, e às vezes estimulava a visita mais detida à exposição.

É um choque de realidade. Eu percebia que rolava na mediação com jovens e adultos. E aí com adultos mais velhos já era uma coisa mais, tipo assim, “caraca, 2030 vai surgir um monte de profissão”. A coisa que estava mais marcada na minha mediação com adultos mais velhos era a questão de

profissões que ainda vão existir em 2030. Aquela frase do tempo que caiu atrás era a frase mais marcante. Teve um senhor que ficou horrorizado. Que ficou, tipo, paralisado, assim. E ele falou muitas vezes “meu Deus, a gente vai criar as profissões todas ainda”. E aí ficou muito marcado pra mim esse cara aqui. Ele ficou muito, muito afetado por essa informação.

Educadora, SESI Lab

Não raramente, sobretudo no *Quiz das Profissões*, reações de contrariedade, frustração e até mesmo de indignação podiam ser observadas, o que, inclusive, relativiza em certa medida a tendência observada e relatada da busca pelo Quiz apenas pela foto:

Já no fim do dia, quase na hora de fechar o museu, dois jovens vindos das outras galerias entraram rapidamente na exposição na direção do Quiz, que nessa ocasião já não tinha ninguém. Eles responderam com certa ansiedade às perguntas. Mas quando chegaram no resultado que indicava as duas profissões do futuro possíveis para cada um, ambos se mostraram decepcionados e não tiraram fotos. Um deles comentou: “Erraram

o meu”. O outro sinalizou como se com ele tivesse ocorrido o mesmo.

Relato de Campo

Quando eu fiz o Quiz deu cerimonialista virtual. Não gostei, odiei!... Cerimonialista virtual, cara! Enfim, fiquei frustrada. Existem pessoas que ficam nessa frustração? Existem. Mas eu acho que o fato de essa galeria trazer uma atenção maior para o público adulto, eu acho que o adolescente ele não tem essa visão quando a gente traz esse tipo de pergunta ainda... por exemplo, o adolescente do primeiro, segundo, e terceiro ano... acho que o terceiro ano ele consegue entender um pouco. Mas esses adolescentes não entendem um pouco essa reflexão porque eles não estão passando pelo processo de uma graduação, que é a galera do público de faculdade, que a gente recebe. E eu acho que é interessante trazer essa reflexão porque muitos adultos param pra pensar. E eu acho que essa é a dificuldade dessa galeria: atender públicos menores. Porque o público menor não vai pensar nessa reflexão.

Educadora, SESI Lab

Eu atendi um grupo do ANA que é a Agência Nacional de Água, e aí muitos deles fizeram

É um choque de realidade. (...) com adultos mais velhos já era uma coisa mais, tipo assim, “caraca, 2030 vai surgir um monte de profissão”. (Educadora, SESI Lab)

Quando eu fiz o Quiz deu cerimonialista virtual. Não gostei, odiei!... Cerimonialista virtual, cara! Enfim, fiquei frustrada. Existem pessoas que ficam nessa frustração? Existem. (Educadora, SESI Lab)

esse quiz e teve um cara, gente... Ele já era velho, já. Ele saiu puto daqui, ele saiu muito irritado. Porque ele falou assim; “Não, não aceito, não tem nada a ver com a minha profissão”. Mas ele não teve maturidade suficiente para entender que provavelmente o que ele faz hoje pode não existir amanhã. Mas ou então pode existir com uma nova roupagem. Então eu acho que é uma galeria de faixa etária. Eu acho que quando a gente vê o limite, por exemplo, a faixa etária de cada galeria, eu acho que lá embaixo a gente pode colocar livre. Aqui em cima eu acho que é já... É a faculdade pra cima. **Educadora, SESI Lab**

Com muita frequência, em meio à exposição, percebia-se certa satisfação dos visitantes com o espaço e suas atrações. Mas nem sempre

6 compreensão geral e algumas sugestões dos participantes da pesquisa

era pelo mesmo motivo. Era visível diferenças de comportamento entre os visitantes, sobretudo ao levar em consideração a faixa etária, inclusive nas interações mais banais:

Observamos que os adultos dedicam mais tempo à parte contemplativa e aos módulos com mais tempo de leitura do que as crianças. Em geral, os pequenos se dedicam aos aparatos mais interativos, com mais recursos visuais. “Que top”, dizia uma criança ao se deparar com os smartphones gigantes na parede do fundo da exposição. Os adultos também expressavam suas sensações uns com os outros. Uma mulher compartilhou com um homem que a acompanhava: “Que legal aqui dentro!”. E outras pessoas sorriam enquanto caminhavam pelo espaço.

Relato de Campo

De fato, visitantes adultos, ainda que de idades variadas, tendiam a aproveitar melhor a exposição e se dedicar às reflexões, ainda que rápidas, propiciadas pelos aparatos. A exposição parecia promover um diálogo proveitoso com suas preocupações e anseios:

“Que top”, dizia uma criança ao se deparar com os smartphones gigantes na parede do fundo da exposição. (Relato de Campo)

Miguel perguntou a duas jovens que interagiram com todos os módulos, muito dedicadamente, fazendo o percurso indicado no início da exposição. Elas estudavam biblioteconomia na UnB e disseram ter gostado muito da exposição. Uma delas ressaltou que pode ser muito útil para quem ainda está decidindo o que fazer em termos de atividades profissionais. Embora ambas tenham dito que a parte que mais gostaram foi o quiz “O futuro do presente”, elas ficaram bastante tempo entretidas no painel com as placas. Ao final da visita, uma até se questionou se estava na área certa, mas a outra ficou feliz em ver que a profissão sugerida no quiz se conecta com o curso que ela escolheu: arqueólogo digital. Elas entraram pelo café, de modo que começaram a visita por ali.

Relato de Campo

Em alguns casos, a experiência na exposição foi entendida como positiva em proporcionar reflexões pessoais com base em questionamentos nunca feitos. Nas rodas de conversa, foi interessante observar essas elaborações depois de passado algum tempo do contato com a exposição:

Ao final da visita, uma até se questionou se estava na área certa, mas a outra ficou feliz em ver que a profissão sugerida no quiz se conecta com o curso que ela escolheu: arqueólogo digital. (Relato de Campo)

O meu [Quiz] deu defensora da ética tecnológica. Aí eu fiquei, “cara, eu quero ser isso agora!” [risos]. Eu achei muito legal. O legal também é que ele não só lança, ele dá uma descriçãozinha, e dá mais de uma opção. Então, a partir das suas duas... você escolhe o que você quer. Aí assim, mó legal a descrição que ele dá lá, envolve ética, tecnologia... depois que eu saí de lá eu fiquei falando pra todas as pessoas: “Vão no SESI Lab, tá muito legal!”. As pessoas no Instagram também me responderam. Então eu acho que é uma exposição muito legal, muito dinâmica, ela é prazerosa no sentido de “ah, eu vou aqui, mas e aquele outro... aquele outro...”. Você fica presa realmente ali... e o no ambiente de ao mesmo tempo você se colocar na situação aqui do presente, mas ficar pensando lá na frente, e, tipo assim, se isso for real mesmo? E as profissões que davam, assim, de ficar exposto, tipo veterinário de animal clonado, *organizer* de dados digitais, enfim, foi muito legal!.
Estudante, IFB

É interessante notar na fala da estudante que o Instagram funciona de alguma forma como um espaço para se comentar a exposi-

ção, de modo que o fator instamagrável não deve ser visto somente por uma conotação pejorativa. Inclusive, existe a sensação entre os educadores de que a exposição temporária não é muito bem divulgada nessa rede social, como nesta afirmação de uma educadora: “Eu acho que a divulgação dessa galeria no nosso Instagram, por exemplo, é baixa”.

Certas vezes a exposição se mostrou como uma fonte de angústia e incertezas sobre o futuro profissional, com o surgimento de dúvidas a respeito da efetividade dos planejamentos pessoais e receios sobre a própria capacidade

O meu [Quiz] deu defensora da ética tecnológica. Aí eu fiquei, “cara, eu quero ser isso agora!” [risos]. Eu achei muito legal. (Estudante, IFB)

de adaptação. Reações dessa natureza eram resultado de reflexões mais aprofundadas, geralmente possíveis de serem coletadas dias após a visita. Isso ficou bem evidente na roda de conversa com estudantes e com a professora do CEM Paulo Freire:

PESQUISADOR: Vou perguntar mais uma vez para que mais pessoas possam responder: o que a exposição fez vocês pensarem ou sentirem que a gente ainda não falou aqui? Tem alguma coisa que vocês sentiram, positiva, negativa? Um questionamento existencial que apareceu e alguém quer compartilhar ainda? [...]

ALUNO: É sobre questão de dúvida para o seu futuro né? Não sei, o plano agora, você tem o plano A, B e C, mas você não sabe se surgir algum imprevisto você não tem um plano B, você vai ter vários planos, de várias carreiras, mas você tem que fazer aquilo que você gosta também, não pode ser só o que sobrar para você, você fazer ali. Então tem muito pensamento mesmo, você deve ter vários planos e você se imagina não se encaixando em nenhum deles, o que vai acontecer? Acho que é isso.

Roda de Conversa, CEM Paulo Freire

As preocupações, de toda forma, não ficaram restritas aos interesses pessoais. A exposição foi capaz de gerar pensamentos nos jovens que colocavam em xeque o futuro da própria sociedade:

Então tem muito pensamento mesmo, você deve ter vários planos e você se imagina não se encaixando em nenhum deles, o que vai acontecer? (Estudante, CEM Paulo Freire)

Assim, minha linha de pensamento foi muito na questão da nossa sociedade mesmo, porque a gente viu tanta coisa do futuro lá, profissões que a gente pensa “meu deus! Que coisa incrível!”, mas que depois a gente lia as entrevistas de pessoas que estão nas rodoviárias e pensa “gente, como é que uma pessoa que trabalha 12, 14 horas por dia ganhando um salário para sobreviver?” – que nem vive, é uma sobrevivência na sociedade – “vai ter essa mesma visão que eu tenho?” porque eu penso nossa, que coisa legal, imagina um carro, sei lá, um jatinho daqueles que vai com uma emissão de menos carbono, mas uma pessoa que tem uma jornada de trabalho assim não vai se preocupar com isso, ela vai se preocupar em ter um trabalho e sobreviver na sociedade, então eu acho que me fez refletir muito, ainda mais sobre essa questão da desigualdade social.

Estudante, CEM Paulo Freire

E as condições sociais do presente, inclusive o sentimento de mudança permanente – bastante marcado na exposição –, colocavam em dúvida o que será o futuro. Ao lado da promoção de um espaço para a construção de um cenário em que o futuro está repleto de possi-

bilidades, a percepção de um mundo sempre instável também despertava medos variados e levava à antecipação de frustrações:

Eu acho que uma coisa ruim que pode mudar é aquela frustração, sabe? Da incerteza do futuro. Isso é uma coisa que assombra um pouquinho todo mundo, até pessoas que já estão estáveis, ainda assim é algo que assombra porque a gente nunca sabe o que pode acontecer assim aleatoriamente. Então, não prestar atenção nesse medo, essa é uma coisa importante [...] então assim, acaba que tem esse lado bom, do futuro e o que nos aguarda de bom e a coisa de agora, inclusive o moço que estava guiando a gente, ele era biólogo e ele perguntou pra gente uma hora se a gente achava que o futuro ia ser bom ou ruim, e muita gente respondendo que vai ser ruim e pouca gente respondendo que vai ser bom, e essa é uma coisa que realmente frustra todo

Eu acho que me fez refletir muito, ainda mais sobre essa questão da desigualdade social. (Estudante, CEM Paulo Freire)

mundo porque a gente não tem certeza de nada, principalmente com as profissões, a gente não tem certeza de nada, pode acabar que nem acabaram outras, pode mudar e aí não vai mais fazer exatamente o que você queria, pode explodir alguma coisa e você não pode mais fazer e tal, então entra um pouco dessa incerteza do futuro.

Estudante, CEM Paulo Freire

Experiências próximas aliadas às reflexões provocadas pela exposição reforçavam a sensação de incerteza, o que se agrava por se tratar de jovens do ensino médio em época de escolhas profissionais. A visita à mostra temporária aprofundou questionamentos sobre os critérios a serem usados para a escolha de uma carreira, se as preferências pessoais ou um cálculo, com base no presente, instável, do que proporcionará maiores rendimentos no futuro:

Pode estar trabalhando em um emprego muito bom, ganhando muito dinheiro, e aí do nada o dinheiro vai para baixo, tá ganhando quase nada, igual meu primo, ele trabalha na área da saúde, ganhava horrores todo mês,

e aí foi diminuindo, diminuindo e agora ele está quase lá querendo fazer outra coisa, e ele era da área da saúde, agora quer ser programador que paga mais.

Estudante, CEM Paulo Freire

Se por um lado é verdade que as incertezas fazem parte da vida, especialmente nessa fase da juventude, o que é comum em todas as gerações; por outro, a exposição de alguma maneira despertou uma visão quase distópica do futuro para alguns:

ALUNA: É justamente essa questão que ela falou, de que muita gente escolheu que vai ser ruim e pouca gente acha que vai ser bom, porque... vai ser bom pra todo mundo? Vem esse questionamento. Vai ser bom pra todo mundo? Todo mundo vai ter a oportunidade de aproveitar esse futuro que muitos empresários falam: “Nossa, gente! O futuro é

sustentabilidade”. É mesmo? Vai ser bom pra todo mundo? Vai ter sustentabilidade? Vai ter alimentação pra todo mundo? De verdade? Não vai.

ALUNA: Porque pelo que caminha, o tanto de desmatamento, a gente não sabe nem se daqui a 30 anos a nossa espécie pode estar aqui porque o tanto de coisas que vem acontecendo, aquecimento global, a desigualdade só vem aumentando, então, assim, a gente não sabe se a gente vai estar no mundo amanhã.

ALUNA: Por exemplo, na questão da sustentabilidade, ah, aqueles prédios que são jardins com vidros. Legal! Mas quem mora lá dentro? É gente periférica? Não. As pessoas periféricas que são as que construíram o prédio vão trabalhar, vão limpar os vidros, vão cuidar das árvores. A sustentabilidade... Gente, prédios com vidro espelhado não são sustentáveis, reflete a luz do sol e dá muito problema ambiental, os pássaros, o tanto de

Vai ser bom pra todo mundo? Todo mundo vai ter a oportunidade de aproveitar esse futuro que muitos empresários falam: “Nossa, gente! O futuro é sustentabilidade”. É mesmo? Vai ser bom pra todo mundo? Vai ter sustentabilidade? Vai ter alimentação pra todo mundo? De verdade? Não vai. (Estudante, CEM Paulo Freire)

Bem no início a gente chegou, e ele [o educador] perguntou pra gente o que a gente quer ser quando crescer, e todo mundo ficou focado nessa questão de trabalho, faculdade, isso ou aquilo, mas ninguém falou: “Ah, eu quero ser feliz”. (Estudante, CEM Paulo Freire)

pássaro que morre é uma porcentagem muito alta porque eles refletem lá, eles veem o céu, batem e morrem. Então não é sustentável para todo mundo, é sustentável para pessoas de elite. Pra pessoas de renda média baixa, não é sustentável. Então essa pergunta é a pergunta que a gente coloca, de se é bom para todo mundo.

Roda de Conversa, CEM Paulo Freire

O trabalho de mediação do educativo, contudo, ajudou a trazer nuances para as reflexões. Por vezes conseguiu aliviar certos tensionamentos provocados pela exposição ainda no momento da visita:

Voltando mais um pouco na questão do trabalho, bem no início a gente chegou, e ele [o educador] perguntou pra gente o que a gente quer ser quando crescer, e todo mundo ficou focado nessa questão de trabalho, faculdade, isso ou aquilo, mas ninguém falou: “Ah, eu quero ser feliz”. Foi: “Ah, eu quero ser policial”, “Eu quero ser bombeiro”. Então ele falou: “Vocês já perceberam o quanto a gente

é focado nesse padrão, que é só a faculdade e trabalho?”. Então todo mundo já está pensando no que vai fazer, no que quer fazer, mas ninguém está no “quero ser feliz”.

Estudante, CEM Paulo Freire

E o trabalho da professora em sala de aula, no momento pós-visita, permitiu colocar em perspectiva todas essas angústias e encontrar pontos de fuga na própria exposição. Mas, sobretudo, houve a percepção de que a visita à exposição gerou reflexões e debate:

[...] por mais que existam esses medos, essas inseguranças, na hora [da exposição] eu vejo eles muito empolgados, muito felizes, até dão uma reclamadinha, mas isso é assim, eles gostam de reclamar, faz parte de ser jovem, essa é a forma como eles liberam essa energia crítica que às vezes não tá bem canalizada. Mas ouvindo eles falarem aqui me traz [...] a questão de como a gente pensa muito individual, a gente tem muito essa coisa do futuro na questão da tecnologia [...], a

gente tem o entusiasmo da tecnologia que tá avançando, mas temos muito esse receio em relação às mudanças, ao que pode mudar. A gente está se preparando pro futuro? Para essa insegurança sobre o futuro da humanidade e da Terra, se é para todo mundo, se a gente vai ter mundo, e eu percebo que a gente tem muito forte quando se fala em futuro, a gente tem muito essa coisa de qualidade de vida que você falou, por isso eu gostei que tinha o gestor de qualidade de vida, porque eu acho que precisam de mais pessoas assim, todo mundo deveria pensar mais no social, porque se tiver um mundo melhor para todo mundo vai ser melhor para todo mundo e não é porque vai ser pior pro cara, não, vai ser legal, porque para o cara rico também é legal poder sair na rua feliz e contente e se dar bem com as pessoas sem medo de morrer o tempo todo, de cair ou de perder o emprego, mudar as coisas, viver sempre com medo. A gente vive sempre com medo, por isso a gente tem crise de ansiedade sinistra cada vez mais e cada vez mais jovem, então eu gostei muito desse debate [propiciado pela roda] também porque eu vejo um pouquinho o que vocês viram, na hora eu só consigo sentir a energia, feliz, “ah eu vou pra outro”, mas eu não sei muito o que eles aprendem, por isso eu achei assim massa esse debate.

Professora, CEM Paulo Freire

De todo modo, para os estudantes que participaram das rodas de conversa, a exposição ofereceu aos jovens mais elementos para que

Eu gostei muito desse debate [propiciado pela roda] também porque eu vejo um pouquinho o que vocês viram. (Professora, CEM Paulo Freire)

realizassem uma ponderação sobre seu futuro profissional e suas próprias inclinações, por vezes funcionando como uma experiência de autoconhecimento.

ALUNA: É que eu deixo muito... no campo da arte, mas aí deu gestor de qualidade de vida. Aí eu fui comentar isso com meu irmão, ele riu da minha cara e disse que eu ia trabalhar em RH, perguntando pros outros: “Cê tá bem?”, esse tipo de coisa... Aí eu até pensei que talvez em outras perspectivas, em outros pontos da minha vida, talvez, eu [...] fosse trabalhar com uma coisa assim, porque eu acho que é interessante eu ficar lá interrogando as pessoas sobre se elas estão bem, é até meio engraçado, então eu nunca tinha parado pra pensar sobre isso, mas quando eu fiz o Quiz eu parei um pouquinho e pensei sobre isso, então dá esse negócio de parar e pensar sobre o atual. [...]

ALUNO: Então, no meu tinha dado recriador de espécies extintas, algo semelhante, e é uma profissão voltada mais para área ambiental, e querendo ou não eu sempre gostei muito dessa área. Eu tenho vontade de fazer engenharia florestal, porém, eu sempre

falei que acho que se eu fizer isso daí eu vou passar fome, que eu não vou conseguir arrumar emprego. Então, eu tô pensando em fazer Direito. Mas aí sempre rola: “Será que é legal pegar uma área que eu realmente goste e não se preocupar tanto com isso?”... Trouxe bastante isso pra mim. [...]

ALUNO: Cara, eu acho que o Sesi Lab ajuda muito a você pensar na profissão que você pode exercer no futuro, porque às vezes a gente até decide sobre o que a gente quer agora, mas a gente sempre muda de opinião. Tipo, eu quero fazer educação física, mas que tal ir pra engenharia? Aí a gente pensa em profissões do presente, mas a gente não tem uma perspectiva de uma profissão que pode existir no futuro, que a gente pode exercer no futuro. Até a gente acabar o Ensino Médio pode aparecer novas profissões. Vai que a

Cara, eu acho que o Sesi Lab ajuda muito a você pensar na profissão que você pode exercer no futuro, porque às vezes a gente até decide sobre o que a gente quer agora, mas a gente sempre muda de opinião. (Estudante, CEM Paulo Freire)

gente já estava decidido de uma profissão e aí quando a gente acaba aparece novas profissões do futuro e a gente se identifica com aquilo. Aí a gente fica nisso, e ele pode ajudar muito a gente, porque faz a gente pensar em quais profissões podem existir no futuro, quais profissões podem vir pra gente já ter um pensamento mais à frente.

Roda de Conversa, CEM Paulo Freire

Inclusive, em alguns casos, o impacto de visitar a mostra temporária foi o suficiente para promover uma revisão de planos para alguns jovens:

PESQUISADOR: Teve alguém que depois da exposição decidiu mudar completamente ou ficou tentado?

ALUNA: Eu sempre quis fazer alguma coisa relacionada a exatas, porque sou muito boa em exatas. Em tudo o que envolve cálculo, eu vou bem. Só que aí depois daquilo eu fiquei pensando, né, porque [...] é muito fácil tu entrar em engenharia, o difícil é sair da

faculdade. E engenharia, principalmente aqui no Brasil, não dá condição de vida. [...] A não ser que você seja top, top, que é 1% dos engenheiros, você não vai ser uma pessoa com uma vida muito boa. E eu tenho experiência na minha família, por isso que [...] eu penso, vou fazer direito e sociologia [...] em duas faculdades diferentes, que é o plano até agora. E aí vou ficar nessa área, que eu ganho dinheiro e consigo fazer o que gosto, que é me envolver com movimentos sociais.

ALUNO: Eu pensava, penso ainda, em produção de eventos, só que quando eu fui no SESI Lab me veio agora uma viagem que é fazer [...] análise de dados, tanto em empresa quanto em governo etc. Eu acho que essa é uma profissão que vai crescer muito, tem poucas pessoas que conhecem essa profissão e eu acho que é crucial.

Roda de Conversa CEM Paulo Freire

Se as rodas de conversa se mostraram eficientes para captar reflexões um pouco mais elaboradas, a interlocução com os educadores foi importante para entrar em contato com as reações das pessoas nas visitas mediadas. Não são reflexões tão elaboradas quanto as que são possíveis obter em rodas de conversa, mas são possivelmente mais espontâneas, pois registradas durante a interação com a exposição.

EDUCADORA: Para mim, o que ficou mais marcado nas mediações quando eram jovens,

Eu pensava, penso ainda, em produção de eventos, só que quando eu fui no SESI Lab me veio agora uma viagem que é fazer [...] análise de dados, tanto em empresa quanto em governo etc. Eu acho que essa é uma profissão que vai crescer muito, tem poucas pessoas que conhecem essa profissão e eu acho que é crucial. (Estudante, CEM Paulo Freire)

adultos, adolescentes... o que vinha mais era a coisa da profissão que acabam e que nascem e que a gente não repara quando a profissão acaba. A gente não fala que “hoje acabou a profissão pedreiro”. Não tem isso. E aí também nas que surgem. Ao mesmo tempo que acaba tão rápido também surge tão rápido. E aí a minha mediação era um pouquinho num tom não muito animador das coisas. Eu trazia a realidade um pouquinho dura. E aí eu percebia que eles saiam um pouco, tipo assim: “Eita, poxa!! O mundo é muito doido!”. Nesse lugar de perceber a velocidade dessas coisas, de perceber como a tecnologia influencia muito na nossa vida. Quando a gente não está muito atento a isso, era uma coisa meio gatilhos pra eles. E aí era isso, essa coisa de se dar conta do mundo. [...]

EDUCADORA: E nos mais velhos, eu noto a nostalgia. Também. “Ah, tinha isso mesmo”.

perceber ali, principalmente através dos objetos, a noção de que o mundo que a gente está, ele foi criado por alguém ou por pessoas, ou através do trabalho de outras pessoas. Assim, eram as duas principais coisas que eu vi o pessoal perceber, assim nas mediações que eu fiz.

[...]

EDUCADORA: Eu acho que é um questionamento que a gente faz que eu sempre faço quando eu recebo público, que é, “será que vai existir pedagogo?”. A gente veio por uma linha... a pandemia deixou claro que mudou toda a roupagem da sala de aula, de como a gente pode dar aula. E eu acho que essa galeria traz essa reflexão em relação a todas as profissões.

Educadores, SESI Lab

As variadas reações observadas sugerem a potência de se pensar uma programação paralela, mais robusta e contínua, envolvendo as exposições temporárias. Desse modo, angústias e incertezas trazidas à tona pela mostra em cartaz podem ser debatidas, fazendo com

A minha mediação era um pouquinho num tom não muito animador das coisas. Eu trazia a realidade um pouquinho dura. E aí eu percebia que eles saiam um pouco, tipo assim: “Eita, poxa!! O mundo é muito doido!”. (Educadora, SESI Lab)

que a exposição não abra simplesmente questionamentos sem o correspondente apoio na busca por reflexões e respostas. Ou, ao menos, que com uma programação cultural específica, o museu possibilite a criação de espaços para o compartilhamento de preocupações e reflexões, aproveitando os desdobramentos produzidos pelo conteúdo expositivo.

6.2 Personalização da experiência: quando a compreensão e a interação se integram

Ficou bastante marcado na pesquisa que o melhor aproveitamento e a compreensão do conteúdo expositivo estavam relacionados a uma experiência personalizada, de identificação, possível apenas em algumas ocasiões, em geral quando a interação com os aparatos se dava da maneira que eles foram concebidos. O que isso quer dizer? Quer dizer que a problemática levantada pela exposição só parecia ser mais plenamente absorvida e refletida quando os visitantes conseguiam se identificar ou se reconhecer numa dada situação inspirada por algum aparato. Nessas ocasiões, o público podia se ver num lugar de agência, como analisou uma educadora:

Tem uma coisa da velocidade, mas também tem uma coisa da agência do público dentro do aparato. Eu percebo que, essa galeria, ela tem aparatos que são mais convidativos à leitura. E aí eu acho que é isso, eles não engajam tanto, porque elas não conseguem se perceber no processo do aparato. Então, por exemplo, o Quiz é sobre ela, se é sobre mim, eu consigo dedicar mais tempo. Sou eu que vou dar o tempo, vou dar o tom do processo. O de identificar a profissão não é sobre ela, mas tem que ser colocado no lugar da pessoa. Então, é meio que você percebe. “Eu usaria isso para fazer qual profissão?”. “Eu usaria esse elemento para estar em qual profissão?”. [...] Então, eu acho que o engajamento vai muito nesses dois lugares que elas trazem, mas também no lugar de o quanto há uma “agência” do público para que o aparato funcione, porque eu acho que o público, do SESI Lab, ele já tem essa marca de que é um público que entende rapidamente que aqui as coisas precisam deles para que elas aconteçam.

Educadora, SESI Lab

O *Quiz das Profissões*, reconhecidamente o aparato mais procurado da exposição, oferecia essa possibilidade de identificação de maneira mais evidente. Ao responder o Quiz, com base em escolhas pessoais das alternativas, o aparato fornecia duas opções de profissão do futuro ligadas ao seu perfil, isto é, relacionadas ao que foi respondido. Quando se escolhia

Eu acho que o engajamento vai muito nesses dois lugares que elas trazem, mas também no lugar de o quanto há uma “agência” do público para que o aparato funcione. (Educadora, SESI Lab)

uma entre as duas opções, o aparato orientava para que se preparasse para tirar uma foto do rosto, que em seguida seria publicada em um grande painel, posicionado acima das cabines, acompanhada do nome da profissão:

De fato, o mais queridinho dos olhos é ali o das profissões, esse realmente foi bem, o Quiz das Profissões do futuro. Esse foi bem acertado. Todos os públicos engajaram muito bem.

Educadora, SESI Lab

Foi interessante notar que, com a entrada pelo café, o percurso pela exposição acaba não sendo tão óbvio e intuitivo para as pessoas, pois ao iniciarem a visita por aquela entrada, se deparam primeiro com os módulos finais que são, ambos, quiz interativos sobre perfil profissional e as profissões do futuro. Essa é, inclusive, a parte da exposição que oferece uma experiência mais personalizada ao público, pois além de verem análises mais descritivas sobre seu perfil profissional e sugestões de

profissões para o futuro, eles se veem nas fotos, por exemplo. Os pais tiram foto da foto dos filhos e de si mesmos, jovens dão risadas e crianças se empolgam ao ver que podem ser “engenheiros de carros voadores” ou “tradutores intergalácticos”.

Relato de Campo

Segundo ela [orientadora], o Quiz sobre as profissões do futuro era o que mais despertava interesse dos visitantes em termos de interação com o conteúdo. De fato, os visitantes se mostravam alegres quando, ao terminar de responder o Quiz, sua foto aparecia no painel com a profissão indicada após as respostas.

Relato de Campo

Num primeiro momento, tende-se a pensar que se trata de uma experiência muito próxima a das redes sociais, em que as pessoas publicam fotos pessoais para serem vistas, ainda que efemeramente (que era o caso do aparato, pois a foto sumia com o tempo – na verdade, conforme outras pessoas publicavam suas fotos –, como nos *stories* do Instagram).

6 compreensão geral e algumas sugestões dos participantes da pesquisa

Dessa forma, seria tentador encarar a experiência como superficial, especialmente porque, de fato, viam-se diversas crianças e adolescentes respondendo ao Quiz várias vezes, de modo aleatório, apenas para ter a possibilidade de publicarem suas fotos. Entretanto, o material levantado nas rodas de conversa permite analisar essa experiência com mais atenção.

Esse aparato especificamente levava os jovens a se imaginar no futuro, um futuro incerto, com várias possibilidades, mas difícil de se prever no presente. Por mais fantasiosa que fosse a profissão indicada, em muitos casos, ela promovia uma reflexão não sobre um futuro genérico pelo qual todos vão passar – se tiverem sorte –, mas sobre a situação de cada um nesses futuros possíveis. Como visto, em vez de se delinear como um campo de possibilidades, não raramente o resultado do Quiz gerava angústia, ainda que no momento fosse motivo de brincadeiras e risadas. Outras vezes, no entanto, o Quiz fazia com que as pessoas levassem mais a sério suas escolhas no presen-

te e refletissem que talvez fosse fantasiosa a expectativa que se tinha a respeito do que uma dada profissão, vista atualmente como promissora, iria proporcionar no futuro. De qualquer forma, com base nas rodas de conversa, tanto com os estudantes/professoras quanto com os educadores, e por meio da observação participante, evidenciou-se que o potencial do Quiz era plenamente alcançado quando o visitante conseguia estabelecer um diálogo com os outros aparatos. Como disse uma educadora: “Eu acho que o Quiz sozinho ele não tem a função tão legal”. Isso deve ser considerado em possíveis futuras itinerâncias da mostra, caso a opção não seja itinerar a exposição na íntegra.

Os educadores, em grande parte, perceberam esse potencial em outros aparatos da exposição. Entenderam que um caminho interessante para a mediação seria provocar a identificação dos visitantes com alguma situação ou pessoa exibida na mostra. Assim, aparatos que numa visita espontânea não rendiam maiores reflexões passavam a induzir pensa-

mentos mais elaborados em relação às profissões. Um exemplo disso foi o aparato Painéis de Retratos, muitas vezes usado de forma aleatória pelas crianças, que ficavam girando os painéis. Contudo, nas visitas mediadas, o educador pedia para que os visitantes escolhessem uma pessoa com quem se identificassem para depois apresentar para o grupo. Isso fazia com que a leitura das várias trajetórias ali expostas tivesse uma intencionalidade e um objetivo conectado às vivências de cada um, mas também relacionando ao tema da exposição – o que numa visita autônoma pode acontecer quando o visitante se dedica na busca pela compreensão do conteúdo. Essa identificação, na visitação espontânea, foi percebida em algumas ocasiões:

Notamos, contudo, que alguns jovens buscavam pessoas com quem se identificavam dentre as fotografias e narrativas ali apresentadas.

Relato de Campo

No módulo “Caminhos Plurais” algumas pessoas se mobilizavam para encontrar pessoas do DF, se surpreendendo, por vezes, ao ver pessoas de regiões próximas de suas residências: “olha, ele mora em Taguatinga”. Três jovens se interessaram bastante pelo quadro de histórias. Eles foram os primeiros jovens que se identificaram a ponto de

chamar uns aos outros para comentar. Eles eram jovens negros, com perfil de jovens de periferia. Foi interessante notar que para eles o mais curioso era conhecer trajetórias diversas. O pesquisador conversou com eles, que reforçaram que de todos os módulos aquele foi o que eles mais tinham curtido.

Relato de Campo

A obra *Tudo o que Tocamos*, que na observação de campo não parecia despertar grandes interesses dos públicos espontâneos, permitia aos educadores realizar atividades com os visitantes, pois a experiência de tentar adivinhar quem era a pessoa por meio dos objetos que ela tocava ao longo do dia incitava uma comparação mental com a própria experiência do dia a dia, ainda que durante a visita isso não precisasse necessariamente ser explicitado. Além de tentar acertar quem era a pessoa com base nesses objetos, paralelamente se fazia, mesmo que de maneira silenciosa, uma reflexão sobre o próprio cotidiano, e também sobre os estereótipos vinculados às outras profissões e à do próprio visitante:

Eu falo muito sobre estereótipos, sobre a cara da profissão. Então, assim, tem muito isso lá naquele círculo que tem as fotos das pessoas. Porque lá a gente consegue... Eu gosto de falar dessa provocação. “Essa pessoa tem cara de quê?”. Aí a pessoa vai, vira, e aí ela vai ver

Algumas pessoas se mobilizavam para encontrar pessoas do DF, se surpreendendo, por vezes, ao ver pessoas de regiões próximas de suas residências: “olha, ele mora em Taguatinga”. (Relato de Campo)

6 compreensão geral e algumas sugestões dos participantes da pesquisa

se é realmente como ela pensou. “Ah, cara de professor”. Esse vira, é outra coisa. Cara de médico, vira, é outra coisa. Cara de não sei o quê, vira, é outra coisa. Então, eu gosto de trazer esse outro aspecto. Só que eu não sei se isso fica claro para os visitantes de visita livre. Eu imagino que um pouco, talvez. E também gosto de fazer essa provocação onde tem o... De novo, aquele “tudo que eu toco”... Porque eu gosto de fazer as pessoas imaginarem quem está por trás, não só a profissão. Mas, assim, idade, gênero, país. Então, é muito surpreendente ver as pessoas... “Ah, eu acho que isso aí deve ser um homem, deve ter há uns tantos anos”. Aí, quando você vê, é ao contrário. É uma mulher que mora em um país tal, é bem mais velha. Então, assim, é muito interessante. Então, eu acho que é um aspecto que dá para buscar nessa galeria. [...] E, geralmente, eu lanço a pergunta também para as pessoas. Tipo assim, “Você tem a cara da profissão que você tem? Alguém te vê e fala... “Ah, você tem cara disso que você faz”. Aí, muita gente fala que não. Então, é legal porque ajuda a desconstruir um pouco dessa imagem que a gente tem das profissões.

Educadora, SESI Lab

Até mesmo os *Smartphones/Nexo*, frequentemente usados pelas crianças de maneira aleatória, podiam gerar discussões por meio de reportagens que tratassem de temas mais relacionados aos interesses dos visitantes. Não era raro, mesmo nas visitas autônomas, pre-

senciar discussões sobre a experiência pessoal na pandemia de covid-19 após contato com os dados de uma matéria do jornal, ou sobre o papel da mulher no mercado de trabalho. Os educadores, entendendo esse potencial, estimulavam o seu uso:

Já os adultos, às vezes se interessam mais pelo conteúdo. Um grupo de quatro adultos, por exemplo, se juntou em torno de um dos smartphones e passou a lembrar o impacto da pandemia de covid-19 no trabalho, bem como o aumento do trabalho remoto, ao interagir com texto do dispositivo que abordava o tema. Comentavam como a situação estava para eles em maio de 2020, período levantado pela matéria do Nexo. E lembraram que muitos restaurantes fecharam.

Relato de Campo

Porque quando eu trago na visita dinâmica pra cá, é que eu falei, eles leem e eu vejo. Eles leem os aplicativos. Eles vão lendo, vão vendo os gráficos e vão conversando. E das placas [*Painéis de Retratos*] também, eu peço para eles, de novo, quando construímos o roteiro, era mais essa questão também de identidade, né? Então, quando tem as placas, eu peço para eles procurarem alguém fisicamente que parece com eles ou tem uma faixa etária similar ou tem a profissão que eles gostariam de seguir. E aí, por conta disso, aí eles ficam um pouco mais

Um grupo de quatro adultos, por exemplo, se juntou em torno de um dos smartphones e passou a lembrar o impacto da pandemia de covid-19 no trabalho, bem como o aumento do trabalho remoto, ao interagir com texto do dispositivo que abordava o tema. (Relato de Campo)

interessados. Aí eles começam a procurar e aí eu ainda incentivo, “pô, gente, isso daqui dá para ler em um minuto máximo”. E aí, quando eu falo isso, eles falam, “tá” [...] eu acho que o principal é a identificação. Os dos smartphones também. Eu vejo várias meninas conversando sobre mulheres no mercado de trabalho. Várias. Porque se identificam com isso. Como que vai ser quando chegar no mercado de trabalho? Como mulher? Como pessoas mais velhas também com faixa etária maior? Eu acho que o ponto principal é essa identidade. Você se vê naquele aparato. Aí pode ter muito texto, pode ter pouco texto, enfim, pode ser um vídeo, pode ser um gráfico. Se eles se identificam, se eles se interessam, ele vai... eu vi isso nas mediações que eu fiz.

Educador, SESI Lab

Na visita mediada à exposição temporária, a simples pergunta realizada antes de iniciar a visita, “O que você quer ser quando crescer?”, aproximava o visitante dos conteúdos expos-

tos, fazendo com que a partir dali, mesmo os aparatos que induziam a um pensamento mais coletivo sobre as profissões e suas mudanças ao longo do tempo, como no Vídeo do Seu Chico, pudessem ser interpretados numa ótica mais pessoal e até afetiva.

Outros aparatos, entretanto, falhavam em proporcionar esse tipo de experiência e reflexão. Era o caso do Jogo das Placas. Esteticamente chamativo, mostrou-se complexo tanto para as visitas autônomas como nas visitas mediadas, pois não permitia uma personalização da experiência ou uma identificação mais pessoal com o conteúdo. Além disso, as associações propostas não eram de imediata compreensão e exigiam bastante tempo de reflexão, não necessariamente condizente com o tempo da visita. Não era apenas a quantidade de texto presente no dispositivo, mas também a dificuldade de se relacionar com as situações ali exibidas que talvez tornasse a interação pouco produtiva. Os Totens/Vídeos, com as entrevis-

Tinha que ter umas páginas amarelas, os classificados para que isso fosse mais palpável, eu acho que seria mais interessante. (Educadora, SESI Lab)

tas, só despertavam interesse quando se reconhecia alguma pessoa famosa, como no caso do youtuber Iberê Thenório. E mesmo assim não parecia render maiores reflexões além da satisfação de encontrar a imagem de alguém conhecido num museu. O Vídeo do Seu Chico somente provocava debates e reflexões por meio de uma experiência de nostalgia, muitas vezes passada de pai/mãe para filhos.

Conseguir proporcionar que uma exposição acione repertórios e interesses pessoais de cada visitante (personalizando, de algum modo, a experiência) é, sem dúvida, um dos grandes desafios de todos os museus. Em que pese as diferenças e a multiplicidade dos públicos potenciais, identificar tipos de conteúdos e linguagens que favoreçam uma maior e mais imediata conexão entre visitante e exposição, com base em experiências pregressas, como a vivência-

da na exposição temporária O futuro das profissões, contribui para ideação de formatos expositivos capazes de despertar maior interesse e engajar os públicos para uma fruição mais atenta, transformadora e plena de significados.

6.3 Sugestões

No que tange à apresentação dos aparatos da exposição temporária, bem como sua disposição no espaço expositivo, alguns aspectos podem contribuir para repensar sua extroversão em diferentes contextos, pensando na pos-

sibilidade da exposição circular parcial ou integralmente por outros espaços culturais.

Considerando que a espacialização de alguns aparatos pode acabar por encobrir outros, principalmente quando os textos motivadores/explicativos ficam pouco evidentes no espaço, vale chamar a atenção para alguns pontos.

A maneira como o *Vídeo do Seu Chico* e os *Anúncios/Classificados* estavam dispostos dificultava a sua fruição pelos visitantes. A tela e o texto descritivo dos *Anúncios/Classificados* não estavam numa posição privilegiada: a experiência era menos visível e, consequentemente,

menos atrativa, o que dificultava a leitura e fruição dos conteúdos. O aparato e sua explicação ficaram distantes do fluxo de circulação, pouco acessíveis aos visitantes, que precisavam passar em frente à projeção do *Vídeo do Seu Chico* para realizar a leitura. Essa configuração fez com que a experiência perdesse parte do seu potencial de provocação. Uma localização mais acessível e integrada, com o texto explicativo/provocativo acessível, permitiria maior proveito e compreensão do conteúdo expositivo.

Ainda sobre os *Anúncios/Classificados*, para aqueles que chegavam até a experiência, o tamanho e a velocidade com que eram projetadas as imagens impediam também uma leitura mais atenta.

Uma sugestão sobre essa experiência foi a de complementá-la com a apresentação física de exemplares de jornais, que permita o manuseio de réplicas e a leitura mais detida dos exemplos de vagas ali contidos. Essa ideia veio de uma das educadoras, durante a roda de conversa:

Eu ia comentar que dos classificados já me deu muita vontade de ter exemplares, para a gente poder realmente abrir e compreender, porque eu acho que a gente não consegue criar essa conexão se a gente usa de um recurso digital, de novo, que é do tempo presente, que é do tempo desses adolescentes e a gente está falando de algo



do passado que era extremamente físico, eu acho que é muito difícil, tinha que ter umas páginas amarelas, os classificados para que isso fosse mais palpável, eu acho que seria mais interessante.

Educadora, SESI Lab

Os *Totens/Vídeos* também merecem atenção. Vale retomar um apontamento já feito neste relatório de que o texto explicativo com as provocações sobre o aparato foi disposto num lugar relativamente distante, de modo que os públicos de visitação espontânea chegavam a

ele sem nenhuma mediação prévia. Ainda que, no geral, muitos visitantes não lessem os textos explicativos antes de interagir com os aparatos, a falta de leitura antes do contato com vídeos apresentados ali fazia com que a proposta do aparato não fosse plenamente compreendida.

Na percepção dos pesquisadores, os totens com os monitores ficavam, de fato, esvaziados na maior parte do tempo, mesmo quando a galeria se encontrava lotada. Para alguns educadores que, ao organizarem roteiros de visita, não o inseriam em seus planejamentos,

os totens com monitores “ocupam um grande espaço da galeria que não é aproveitado...” (Educadora, SESI Lab). Embora seja apreciado por alguns visitantes, a falta de tempo para se dedicar ao conteúdo e mesmo a inexistência de assentos para uma experiência que exige uma fruição mais demorada, acabou produzindo alguns gargalos na experiência dos visitantes. Uma estudante relata:

Eu achei interessante, só que não deu também pra assistir, porque demorava um pouco e aí já teve que sair, mas eu achei interessante também, e prende a atenção.

Estudante, IFB

Compartilhando suas experiências, os educadores sugeriram inserir, nos *Totens/Vídeos*, o tempo de duração de cada vídeo, pois isso facilitaria a gestão do tempo do visitante – esse marcador temporal, por exemplo, consta no *Vídeo do Seu Chico* e contribui para o visitante avaliar sua dedicação à experiência. Vale lembrar que no capítulo 5 deste relatório tem a

fala de um educador que sugere a disponibilização das entrevistas em ambiente digital. Em sua visão, seriam muitos os ganhos da oferta do conteúdo como conteúdo também disponível virtualmente:

Isso, mais aproveitado porque às vezes tem lá assim “saber mais” e aí pode ser um material de consulta para um professor, que pode ser de consulta para alguém que está fazendo um trabalho sobre isso... porque a pessoa que chegou aqui, o professor que chegou aqui... a pessoa vai chegar ali, vai ser três segundos de vídeo e falar “ah, ta bom. Eu sei que eles estão falando isso, isso e isso, foi.” e aí ela não vai parar para ter um estudo sobre aquilo, acho que aí são falas muito de estudo, de você parar e ter esse tempo de estudar.

Educador, SESI Lab

Os estudantes que participaram das rodas de conversa, provocados pelos pesquisadores, apontaram três temas de interesse que poderiam ser trabalhados em futuras exposições temporárias do SESI Lab:

Se eles elaborassem mais, fazer uma exposição só do passado, só do futuro, pra gente, para poder ficar mais detalhado e a gente conseguir ver com mais afinco as coisas. (Estudante, CEM Paulo Freire)



I. Profissões do passado e profissões do futuro trabalhadas separadamente:

Eu acho que ficou perfeito, mas se eles elaborassem mais, fazer uma exposição só do passado, só do futuro, pra gente, para poder ficar mais detalhado e a gente conseguir ver com mais afinco as coisas.

Estudante, CEM Paulo Freire

II. A música, seus suportes e suas mudanças com o tempo:

Eu acho que podem ter exposições de música, mas na exposição de músicas antigas, com coisas antigas, como por exemplo o disco de vinil. Tem gente que nunca viu aquelas fitas de videocassete, então uma exposição justamente do antigo, do presente e do futuro. E tipo, mas ao mesmo tempo mostrando que tudo apesar de que evolui, as coisas não só evoluem como elas mudam a percepção.

Estudante, CEM Paulo Freire

III. Moda, indústria e sustentabilidade:

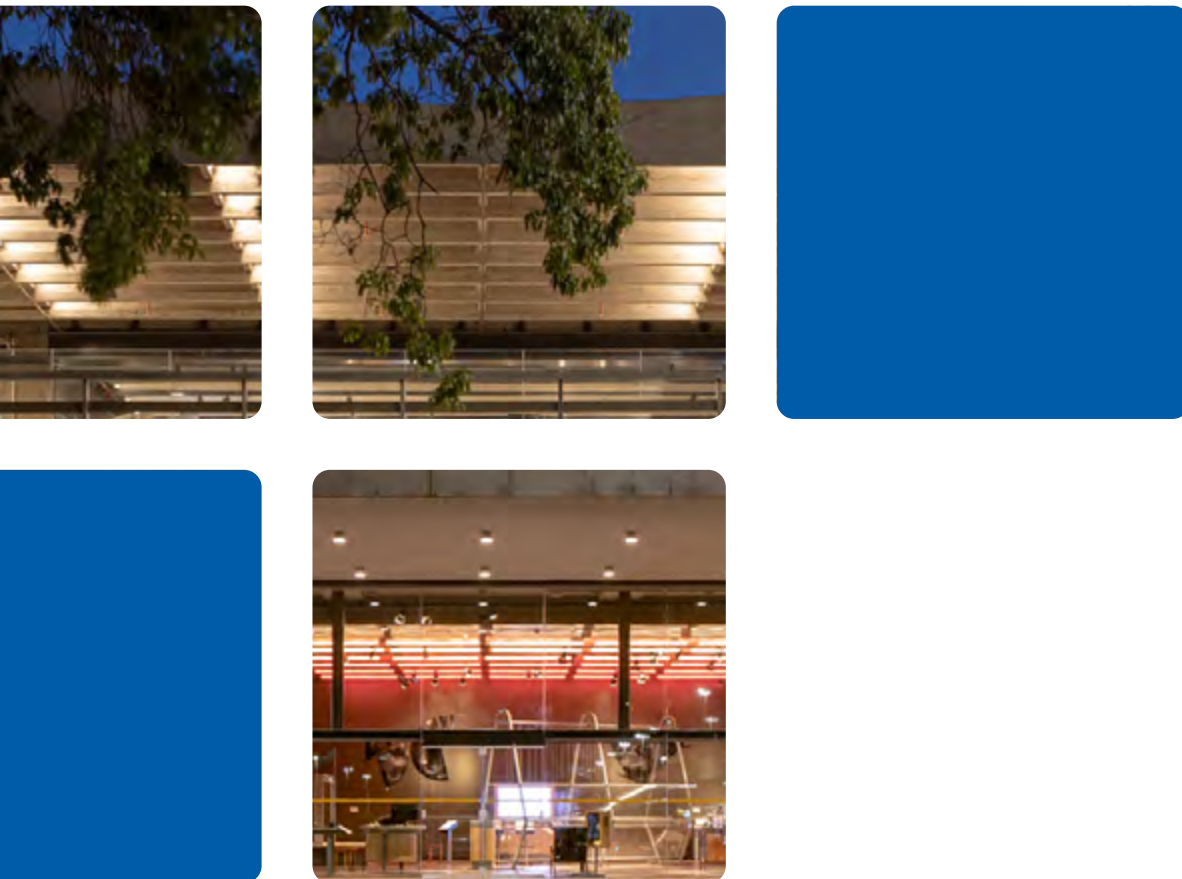
Trazer uma exposição sobre o conceito da moda... da moda sustentável, críticas em relação a... ao que é a indústria têxtil, né, que é muito poluente e a gente pouco fala dela... o papel também do consumidor, o que a gente tem que despertar para ter um olhar mais crítico e fazer uma contrapartida com essa questão do consumismo, enfim.

Estudante, IFB

Não foi possível coletar outros temas de interesse e avalia-se que seria necessária uma pesquisa mais ampla e focada nesses desejos de futuro para se chegar a um rol de sugestões mais extenso e representativo. Contudo, a fala do primeiro estudante faz pensar no desafio de trabalhar diferentes temporalidades, numa só mostra, sem ficar apenas na superfície dos conteúdos ou sem incorrer na desconexão entre eles. É certo que uma exposição não tem como função esgotar os temas e as possibilidades de abordá-los, e deve, sempre que possível, proporcionar o estabelecimento de relações entre passado, presente e futuro. Parece importante, no entanto, manter-se sempre alerta ao papel das mediações entre assuntos e tempos que a própria espacialização, bem como os textos de apoio e os tipos de experiência, pode propiciar, de modo que seja possível ao visitante reconstituir autonomamente, mesmo que não integralmente, as articulações e reflexões previstas originalmente. ■

considerações finais





Avaliar uma exposição temporária, ainda mais em um equipamento museal recém-inaugurado e da magnitude do SESI Lab, não é tarefa trivial. Os resultados da pesquisa aqui apresentados não tiveram a pretensão de exaurir todas as dimensões e possibilidades de análise, até porque, a pesquisa aconteceu no período final de exibição e não contemplou a totalidade de interlocutores possíveis para uma compreensão longitudinal e multidimensional da mostra. Contudo, os dados coletados trouxeram pistas, achados e dados relevantes sobre a relação de diferentes públicos com a exposição *O futuro das profissões* e, por isso, a expectativa é que as análises aqui reunidas tenham permitido conhecer percepções e alguns dos efeitos da mostra sobre os visitantes, e que também possam ajudar a ponderar os potenciais e limites de cada aparato em particular e da exposição em geral.

É importante considerar que a avaliação da exposição temporária não pode ignorar o impacto das demais galerias do SESI Lab e as dinâmicas de frequência do próprio museu. Seria impossível realizar uma análise totalmente isolada da exposição, como se ela fosse uma ilha. Essa condição, de influências recíprocas entre a exposição temporária e as demais galerias, e, sobretudo, os efeitos desta na primeira, deve ser levada em conta caso haja interesse

em itinerar a mostra por outros espaços culturais. Novos espaços, outros desafios.

A tipologia do museu assim como o local em que ele está inserido, o perfil de seus visitantes e seu papel no circuito cultural da cidade são variáveis significativas para entender as percepções coletadas e relações estabelecidas com a mostra.

Por isso, tão desafiadora quanto verificar a experiência dos públicos apenas em relação a uma exposição temporária, é a tentativa de elaborar reflexões sobre esses hábitos e comportamentos sem considerar a relação mais geral que os moradores do DF estabelecem com espaços culturais como museus e exposições. A premissa, frequentemente acionada por educadores, orientadores de público e por visitantes ouvidos nas rodas de conversa, de que “Brasília não tem uma cultura de museus”, é exemplar do modo como habita no imaginário local uma percepção de que o morador do DF não está habituado a interagir com espaços expositivos. Levar isso em consideração, tanto para atrair o público quanto para socializá-lo com atividades do tipo e apoiá-lo nesse letramento museal, aparece como ponto importante no planejamento das atividades do SESI Lab. Compreender com mais profundidade os perfis daqueles que visitam, bem como a maneira como se comportam em exposições, pode fazer muita diferença

para as estratégias de atração, retenção, engajamento e ampliação da frequência.

Para finalizar este relatório sobre a pesquisa qualitativa na exposição temporária *O futuro das profissões*, vale retomar os principais pontos abordados ao longo dos capítulos para oferecer um panorama abrangente do que foi levantado e analisado.

Em linhas gerais, foi verificado que a exposição *O futuro das profissões* consegue promover reflexões críticas significativas com base em seu conteúdo e, de modo geral, oferece uma experiência interativa satisfatória. Contudo, caso haja remontagens no futuro, alguns ajustes demonstraram-se relevantes. Além disso, o espaço reservado para as exposições temporárias tem de ser repensado em termos de fluxos e perfil de público desejado, ou as mostras futuras precisam considerar a dinâmica do museu e, sempre que possível, dialogar de algum modo com as demais galerias, evitando competir com elas.

Como visto, alguns aparatos se mostraram mais eficientes do que outros quando se pensa de maneira integrada a forma e o conteúdo. Os aparatos mais eficientes são aqueles que conseguem promover uma identificação com os visitantes, traduzindo a temática da exposição em experiências pessoais. Isso ocorreu em grande parte com o *Quiz das Profissões* e, em

menor medida, com os *Smartphones/Nexo* e os *Painéis de Retratos*. Gerar essa experiência de maior identificação depende, certamente, do perfil e da personalidade do visitante, mas isso pode ser fomentado mediante provocações, sejam elas feitas nos textos explicativos (caso sejam lidos pelos visitantes), sejam elas provocadas pelos educadores durante as visitas mediadas. Contudo, em que pese o *Quiz das Profissões*, a “Mona Lisa” (ou a “queridinha”, como indicaram os educadores) da exposição, ser eficiente nesse quesito de identificação e personalização da experiência, em caso de futura itinerância da mostra, é preciso levar em consideração que esse aparato é mais eficaz associado aos demais. Optar, eventualmente, por levar apenas esse dispositivo, não garante necessariamente a mesma eficácia – pois, sem o diálogo com outros aparatos, a experiência corre o risco de ficar esvaziada de sentido.

Os educadores também têm papel-chave em promover estratégias de identificação dos visitantes com o conteúdo para facilitar a compreensão da proposta expositiva, e o fazem por meio de recursos didáticos diversos (provocações, dinâmicas, recursos de postura e corporalidades etc.). Essas estratégias, implementadas de maneira orgânica, variam de acordo com a formação, as competências e as habilidades do educador, mas também são im-



pactadas por sua proximidade e conhecimento mais apurado dos próprios recursos disponíveis na exposição. Por isso, a necessidade de formação antecipada e continuada sobre a exposição temporária é fundamental para a reflexão sobre as possibilidades de mediação pelos educadores.

Na exposição *O futuro das profissões*, muitos aparatos foram usados de maneiras diferentes da imaginada originalmente. Alguns, como os *Painéis de Retratos*, pareceram exigir a me-

diação dos educadores para provocar reflexões mais aprofundadas. Os *Smartphones/Nexo* demonstraram uso autônomo de acordo com o planejado em alguns casos, isto é, com leitura e por vezes algum debate, embora na maioria das vezes, tendo em vista o grande número de crianças como usuárias, gerasse frustrações por apenas reproduzir textos e gráficos.

O chamado *Jogo das Placas*, apesar de bastante procurado, era frequentemente utilizado de maneira alternativa, isto é, apenas en-

caixando-se as placas nos parafusos da parede. Quando houve tentativa de seguir o que foi proposto, muitas vezes se apresentava como uma tarefa difícil de se realizar. As crianças, em geral, se encantavam com as peças e os desenhos nelas, mas não se preocupavam em ler as instruções. Mesmo para visitas mediadas o aparato se revelou de difícil utilização, não permitindo que seu manuseio de alguma forma se relacionasse com as experiências individuais dos visitantes. O fato de seu uso demandar muita leitura e raciocínio contribuiu para essa situação. A experiência, muito interessante, parece que funcionaria melhor como recurso em uma oficina do que como aparato expositivo.

O *Vídeo do Seu Chico* raramente atraía algum espectador. Muitas vezes, justamente por ficar vazio, atraía visitantes em busca de lugares mais tranquilos para descanso e outras práticas (como a amamentação). Ademais, seu posicionamento em relação aos *Anúncios/Classificados* prejudicava a interação com este último. Mesmo nas visitas educativas era difícil realizar atividades naquele espaço, pois invariavelmente se ficava na frente do filme em exibição. Até entre os educadores que enxergavam pontos promissores para se trabalhar com os *Anúncios/Classificados*, sua localização apareceu como um impeditivo para que ele fosse mais bem explorado.

Os *Totens/Vídeos*, visualmente bonitos e bem posicionados plasticamente no espaço, também se mostraram, na prática, pouco atraídos, e mesmo quando atraíam os visitantes não conseguiam retê-los por muito tempo. No máximo geravam algum “furor” entre os mais jovens por ter depoimentos de influenciadores conhecidos. No geral, as cabines ficavam vazias na maior parte do tempo. Vale pensar se, futuramente, como sugerido por um educador, esse conteúdo poderia ser disponibilizado digitalmente, em plataforma específica para acesso on-line. Dada a qualidade do conteúdo e considerando os temas abordados, acredita-se que ele também poderia ser utilizado em formações da própria equipe do SESI Lab. Além disso, por se tratar de uma experiência imersiva, prever bancos para a fruição poderia contribuir não só para o conforto, mas também para sinalizar ao visitante o caráter mais contemplativo e de longa duração da experiência. Certamente, isso implicaria em rever as alturas dos monitores, coerentemente pensadas para diferentes alturas e corpos, mas pouco utilizadas nesse formato. A localização do texto explicativo de modo mais conectado ao aparato também poderia contribuir para embarcar o visitante na proposta.

A obra *Tudo o que Tocamos* atraía mais a atenção de adultos, embora alguns educadores, em visitas mediadas, conseguissem fazer

render boas atividades. Talvez seja preciso pensar em como integrá-la mais à exposição para que seja capaz de atrair diferentes públicos. Na configuração atual da mostra, essa sequência de aparatos era um pouco confusa, pois entre os Smartphones e a obra da fotografia argentina estava o painel sobre a experiência *Totens/Vídeos*, localizada na área central do espaço expositivo.

De maneira geral, os módulos pensados originalmente para estruturar a exposição não eram percebidos pelos visitantes. Não é necessariamente um problema esses conceitos estruturantes não serem explicitados, mas a própria tentativa de correspondência entre conteúdos e módulos, considerando a apresentação recebida ou mesmo o folder disponível para o público, não era exata. Assim, tanto para quem foi à exposição presencialmente como aqueles que puderam acessar o material de divulgação (como o folder, que também apresenta outra divisão, com outras nomenclaturas) o entendimento de uma divisão por módulos não ocorreu ou, pelo menos, se mostrou confuso. Trazer à tona a lógica conceitual que origina e baseia uma exposição contribui para uma fruição mais intencional, o que pode ser interessante para guiar a compreensão do público, mesmo considerando a multiplicidade de interpretações que boas exposições podem suscitar.

Quanto aos visitantes da exposição temporária, cabe destacar certo descompasso entre o público-alvo (composto por um grupo com faixas etárias maiores, como adolescentes e pessoas adultas) e o público efetivo, composto majoritariamente por crianças acompanhadas por responsáveis adultos. Essa composição tendia a ditar as dinâmicas das visitas dos grupos nos quais essas crianças estavam inseridas e também de outros grupos que participaram de vi-

sitas mediadas. Essas dinâmicas comportavam tanto disputas entre os públicos para acessar e utilizar os dispositivos mais procurados, como o *Quiz das Profissões*, quanto certa dificuldade de interagir ou de se concentrar na proposta dos aparatos/na mediação dos educadores, dado os ruídos excessivos na galeria.

A visita na exposição temporária era, também, muito afetada pelos padrões de utilização das outras galerias do SESI Lab, de





modo que os visitantes ainda replicavam uma busca por interação, experiências visualmente estimulantes e que exigiam o manuseio do público, e menos pela reflexividade proposta ali. Por isso, era visível que havia maior aproveitamento da exposição temporária por parte dos visitantes que acessavam o museu pelo café, sobretudo os adultos e o público jovem, provavelmente por não estarem cansados pelas atividades das outras galerias, mas também por ainda não estarem no “modo mão na massa” suscitado pelas outras galerias.

A existência de uma programação cultural continuada voltada a promover e trabalhar desdobramentos da exposição temporária seria muito frutífera – sabe-se que houve uma programação paralela em julho, mas que não pode ser acompanhada pela pesquisa e não é possível saber se e como o público participante experienciou a exposição previamente. Oferecer

essa programação no período de férias escolares poderia ajudar a equilibrar o perfil do público frequentador, de modo que a mostra temporária não fosse tão afetada pelas atividades da programação pensadas para o público infantil. O uso dos alertas sonoros para estimular a participação nesse tipo de atividade se mostrou muito eficiente e poderia ser testado para outras finalidades, com perguntas disparadoras ou pílulas de conteúdo que contribuam para o visitante refletir e estabelecer novas relações com os aparatos. Colocar em prática estratégias para que as visitas autônomas ao museu e na exposição temporária sejam auxiliadas na reflexão e no exercício do pensamento crítico, seja via alertas sonoros, textos de apoio ou materiais-guia personalizados e provocativos, aparece como um campo a ser explorado e examinado.

O comportamento das famílias junto às crianças, muitas vezes displicente e outras

constrangido, a depender do pertencimento social dos visitantes, também foi ponto de atenção, tanto dos pesquisadores como dos orientadores. Jogar luz nessas diferenças de atitude do público de acordo com seu perfil e pensar em um plano de ações, incluindo momentos formativos para as famílias sobre como aproveitar melhor as vivências dentro de um museu, contribuirá para um uso mais intencional, compartilhado e apropriado das experiências e para uma maior democratização do espaço.

O desejo incontornável dos visitantes por espaços *instagramáveis* deve ser considerado. Pensar em como aproveitá-lo como uma oportunidade de engajamento nas experiências e também de difusão do Sesi Lab nas redes sociais, com uso de hashtags e experiências paralelas de contato via essas plataformas digitais, aparece como um caminho inevitável e que pode ser profícuo, se usado como estratégia intencional.

Cabe ainda pensar como fortalecer o eixo composto pela exposição temporária, café e loja para públicos de faixas etárias maiores, inclusive aproveitando a entrada por cima (que já existe, mas deve ser melhor sinalizada) e o Experimento Lab.

Por fim, quando a temática das futuras exposições temporárias mirar temas mais reflexivos e “adultos”, é preciso incrementar as

estratégias para promover uma melhor convivência entre esses diferentes públicos e as diferentes galerias e propostas de fruição. O Sesi Lab pode ter relevante papel na formação de públicos de museus em Brasília e tem ao alcance muitas possibilidades para testar, como num laboratório museal, formas de propiciar novas convivências e sentidos para o contato dos públicos com o museu, visando modos inéditos de letramento para esse tipo de experiência.

7.1 Principais achados e recomendações

Os achados e as recomendações propostas a seguir não esgotam os dados recolhidos durante a pesquisa e, portanto, é fundamental que seja feita a leitura completa deste relatório, sobretudo tendo em vista que, a cada novo olhar, outras pistas, desdobramentos ou pontos que merecem atenção podem emergir. Além disso, algumas das recomendações falam de aspectos que, para quem é familiarizado com o campo museal, podem ser obviedades. Porém, o partido adotado foi não apenas prever a possibilidade de que leitores com diferentes repertórios acessem o material, mas, também, considerar a importância do registro desses aspectos com base nas evidências produzidas.

Alguns achados e pontos de atenção

Públicos

- Os visitantes adultos, ainda que de idades variadas, tendiam a aproveitar melhor a exposição temporária e se dedicar às reflexões, ainda que rápidas, propiciadas pelos módulos e demais aparatos. Isso não ocorreu na mesma intensidade com os jovens, em tese o público prioritário da exposição.
- As crianças acompanhadas pelos responsáveis tinham uma experiência interativa, porém, sem conexão com os objetivos da exposição.
- Todo comportamento de fruição em um museu é atravessado por marcadores sociais. Isso também se aplica ao comportamento das famílias com filhos. Entre os desafios enfrentados por essas famílias na fruição dos espaços podemos destacar atitudes que vão desde a displicência até o constrangimento, a depender do pertencimento social.
- Os responsáveis demonstraram muitas vezes não saber muito bem como instigar e auxiliar os filhos na fruição dos conteúdos.
- Por vezes, as reflexões sobre as indefinições sobre o futuro, para os jovens do ensino médio, tornaram-se um elemento de angústia e a exposição não oferecia espaços/atividades complementares para dar vazão e endereçamento a esses sentimentos.
- Os tempos de visitação, os tempos que as pessoas querem despender com os aparatos e os tempos de mediação pelos educadores tendem a não coincidir, apresentando desafios.
- A identificação pessoal com os conteúdos (personalização da experiência) aparece como grande mola propulsora de interesse e engajamento dos visitantes na interação com a exposição. Apesar de isso não ser uma novidade no campo museal, foi confirmado pela pesquisa e a preocupação com esse tipo de conexão, na concepção de qualquer mostra, deve sempre estar no radar.

Aparatos

- A divisão pelos módulos era de difícil identificação e compreensão, tanto por parte do público em geral quanto por parte dos educadores.
- A disposição de textos explicativos ou instigadores, quando distantes do aparato ou conteúdo a que se referem, interferiu no interesse ou mesmo nas possibilidades de fruição.
- A posição de um aparato afetava a fruição dos demais dispositivos, seja por seu uso dificultar o acesso a outro aparato (como no caso do *Vídeo do Seu Chico* em relação aos *Anúncios/Classificados*), seja por sua alta procura provocar aglomerações que atrapalhavam a circulação (especificamente no caso do *Quiz das Profissões*).
- A falta de sinalização do tempo das entrevistas nos *Totens/Vídeos* pode ter sido um fator de desestímulo para a visualização completa dos conteúdos, bem como a inexistência de assentos para esse tipo de fruição mais imersiva, que pode ser cansativa e exige disponibilidade de tempo.

Dinâmica entre galerias

- O público muitas vezes confundia a exposição temporária com outras partes do museu como a galeria *Imaginando Futuros*.
- A falta de uma sinalização mais expressiva para a exposição temporária, sobretudo considerando a dupla entrada, ou mesmo de divulgação maior sobre esse espaço aparecem como aspectos que podem explicar o menor movimento nessa galeria.
- As interatividades propostas, o volume de textos e nível de reflexão exigidos na exposição temporária destoavam do conjunto do museu. Com isso, o público que passava pelas outras galerias antes de visitar a exposição temporária chegava esperando a mesma dinâmica de visitação, menos reflexiva do que o necessário.

Algumas recomendações



Formação, treinamento e integração de educadores e orientadores

- Planejar as exposições de modo que a formação dos educadores seja realizada antes da entrada em cartaz. Entender as premissas e intencionalidades originais da mostra contribui para a compreensão mais abrangente e articulada dos conteúdos; garante tempo de estudo e pesquisa; e auxilia a concepção das estratégias de mediação.
- Abordar, no treinamento de educadores e orientadores, aspectos operacionais, como a dinâmica de circulação e alternativas para o percurso entre os módulos, e também atitudes diversas dos visitantes (displicência, autoritarismo, violência verbal, constrangimento ao lidar com os aparatos etc.).
- Realizar formações periódicas e contínuas, para que novos integrantes da equipe sejam embarcados nos processos e disponham de um conhecimento alinhado com os demais.

- Fomentar uma integração maior entre educadores e orientadores, de modo a se perceberem como uma equipe única e com funções importantes e complementares.
- Aproveitar, de maneira planejada e sistemática, o conhecimento dos orientadores sobre a conduta dos visitantes pode auxiliar no desenvolvimento de estratégias, além de ser um modo de valorizar a atuação desses profissionais. Essa escuta regular e intencional pode contribuir também para uma maior integração da equipe, sobretudo porque no modelo atual os educadores estão mais afastados das galerias, em especial a temporária, de modo que os orientadores têm mais contato com os diferentes públicos.
- Estabelecer um glossário comum com as modalidades de visitas educativas oferecidas e suas características e diferenciais contribuirá para alinhar o discurso da equipe. Também é importante que o glossário contemple o nome dos aparatos e, quando necessário, dos módulos das exposições.



Comunicação expositiva e institucional

- Avaliar, a cada nova mostra, o quanto a comunicação do conceito estruturante de uma exposição pode impactar na compreensão e fruição do conteúdo. Desnudar e explicitar a divisão em eixos ou módulos não só pode contribuir para um letramento mais amplo dos procedimentos e funções museais, como pode possibilitar uma fruição mais efetiva dos conteúdos, que seja aderente aos propósitos da exposição e mais potente na apropriação da experiência planejada para o público.
- Posicionar de modo mais estratégico os textos explicativos ou instigadores auxilia na melhor fruição do conteúdo e, portanto, afeta a efetividade das experiências. Por isso, é fundamental planejar bem a disposição de textos e artefatos.
- Ampliar a sinalização da exposição temporária para que seja mais bem comunicada para o público, deixando mais nítida a separação entre ela e a de longa duração. Como há duas entradas para a exposição temporária, essa comunicação se torna ainda mais relevante, exigindo refletir estrate-

gicamente sobre a disposição dos conteúdos considerando a dupla chegada ao espaço.

- Aproveitar o alerta sonoro para divulgar mais as exposições temporárias (sugerindo a ida a essa galeria, e não apenas informando sobre as atividades paralelas), bem como para, em caráter experimental, estimular questionamentos e reflexões, com perguntas disparadoras ou pílulas de conteúdo.
- Pensar em estratégias para fomentar a interação pelas redes sociais (Instagram, YouTube, TikTok etc.) durante e a partir das experiências vivenciadas nas exposições temporárias. Estimular, por exemplo, o compartilhamento dos conteúdos produzidos pelos visitantes a respeito da mostra (fotos, vídeos etc.).
- Disponibilizar conteúdos das exposições temporárias em ambiente digital e, quando pertinente, como no caso da experiência Aprender a aprender (*Totens/Vídeos*), aproveitá-los como insumo para momentos formativos da própria equipe.

Algumas recomendações



Aspectos gerais para futuras exposições

- Refletir sobre formas de preparar o visitante para experiências contemplativas e que exijam maior reflexão, leitura ou outros comportamentos que destoam do padrão geral do museu. Antecipar de algum modo, via os próprios recursos expositivos ou informacionais, a necessidade de mudar a “chave” cognitiva para a nova experiência é uma maneira de convidar o visitante a participar das propostas de maneira mais consciente e ativa.
- Buscar incorporar metodologias de pesquisa permanentes para mapear os efeitos das exposições no público auxiliará nas possíveis correções de rota ou no desenho de novas estratégias de acolhimento. Não apenas a equipe deve ser munida dessas informações, e ter momentos para refletir sobre esses efeitos, para poder lidar e apoiar os visitantes, como outras atividades paralelas e complementares devem ser oferecidas, criando espaço e tempo para dar vazão aos sentimentos e reflexões propostas pelas mostras.

- Manter sempre em vista a disputa de sons e ruídos no momento de planejar a disposição dos conteúdos e aparatos, de modo a tornar a experiência mais favorável para a efetiva fruição - sobretudo porque o SESI Lab, pela natureza dos aparatos e experiências propostas, é um ambiente extremamente ruidoso. Nessa mesma perspectiva, refletir e avaliar quais as melhores estratégias para que os educadores consigam mediar uma visita em meio a polifonia de sons aparece como um ponto que exige permanente reflexão. Recursos como sentar em roda com o grupo em alguns momentos, entre outros, devem ser avaliados e compartilhados entre todos os membros da equipe.

- Oferecer momentos e atividades de formação para familiares que desejam levar suas crianças para que aproveitem melhor a visita pode contribuir para um letramento importante e ainda raro no campo museal.

- Ofertar materiais de apoio para professores e públicos em geral, especialmente quando o conteúdo da exposição for mais denso, e desenvol-

ver roteiros sintéticos, impressos ou digitais, para visitas livres e autônomas, com reflexões, perguntas instigadoras ou conexões com a personalidade e com o tipo de visita que o visitante deseja/pode realizar no dia, pode contribuir para o aproveitamento da visita e para uma maior conexão entre visitante e conteúdos expositivos.

- Avaliar previamente quais obras/aparatos têm potencial para atrair mais atenção e pensar estrategicamente o seu posicionamento a fim de que sua posição no espaço expositivo não prejudique a circulação dos visitantes. ■



referências

Magnani, J. C. G. & Spaggiari, E. *Lazer de perto e de dentro: uma abordagem antropológica*. São Paulo: Sesc, 2018.

Magnani, J. C. G.; Spaggiari, E.; Hangai, M.; Chiquetto, R. V. & Tambucci, Y. B. *Etnografias urbanas: quando o campo é a cidade*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2023.

OMCC&T. *Museus de ciência e seus visitantes: estudo longitudinal* – 2005, 2009 e 2013. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2017. Disponível em: <www.omcct.fiocruz.br/index.php/publicacoes>. Acesso em: 24 ago. 2023.

Scalfi, G.; Costa, J.; Pedroza, J.; Wilker, J. *SESI Lab – Relatório parcial de pesquisa de público*. Brasília, 2023.

Tomara! Educação e Cultura. *Pesquisa qualitativa com agentes de cultura e divulgação científica do Distrito Federal* (Relatório). São Paulo, 2021.



SESI LAB

TOMARA!
EDUCAÇÃO & CULTURA